# REVISTA DA SEMANA

Nº 5 ★ 4-2-50 Cr$ 3,00 em todo o Brasil

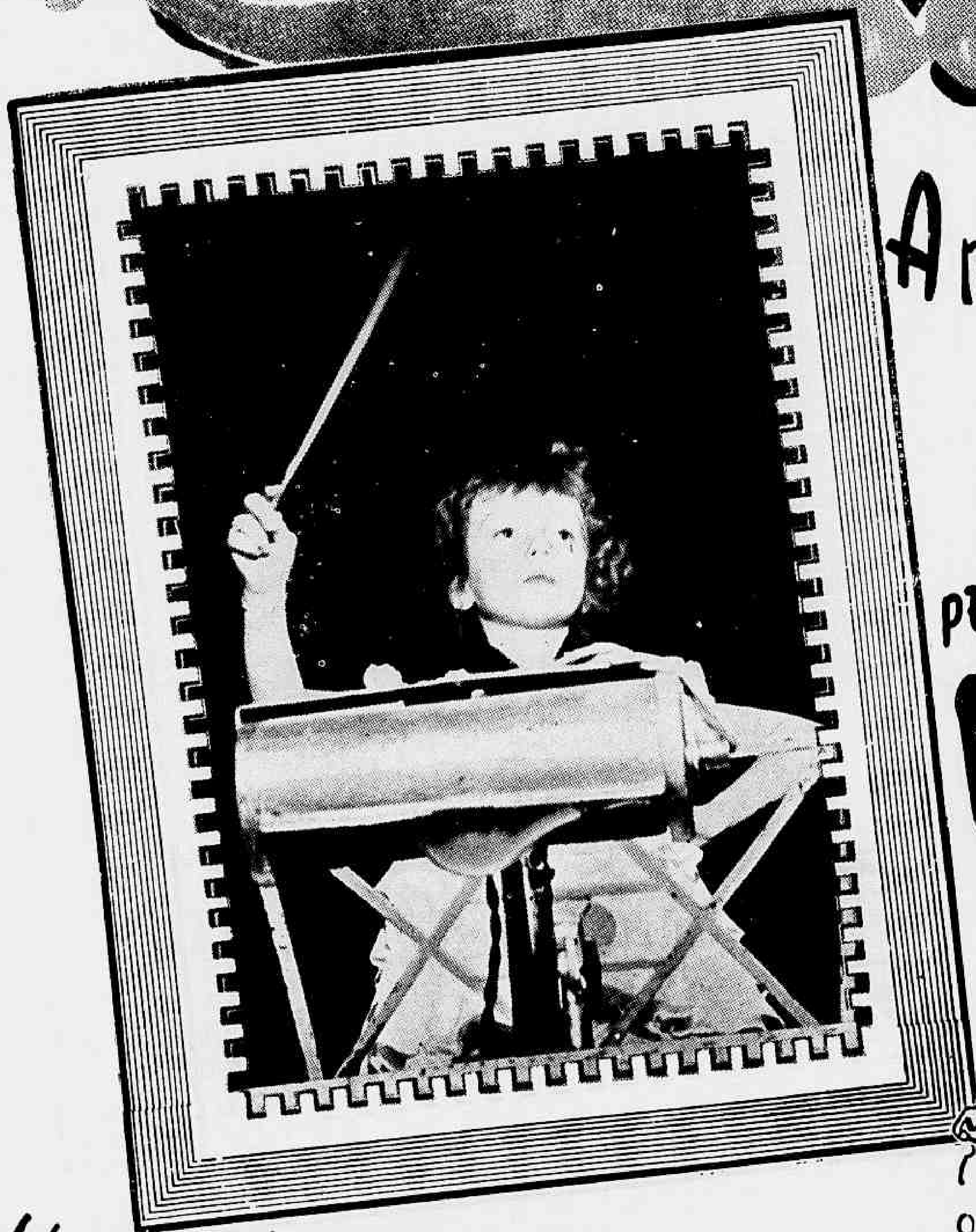





NESTE NÚMERO

# VITAL BRASIL -- O PASTEUR BRASILEIRO





A maior realização radiofonica!

10.683

PESSÔAS ASSISTIRAM A DESPEDIDA DE

GIANNELLA

Uma iniciativa que somente poderia ser da



RADIO BANDEIRANTES

# A tia Naninha

QUANDO o cabriolé de seu Lula saiu, de estrada a fora, levando os noivos, a minha tia Maria e o primo Henrique, abri a bôca no mundo, num chôro convulso. Senti, naquele momento, a grande dor de quem perdia uma criatura muito querida.

Os meus quatro anos de idade já mediam os fatos com exatidão. Criado sem mãe, fôra mimado pela tia que se casara naquele dia. Agora tudo se findava; estaria assim sem mãe outra vez. As lágrimas que corriam dos olhos vinham mesmo de uma sensibilidade magoada. O menino franzino, o filho de Anália, a mãe das referências das negras da cozinha, a que não sorria nunca, a triste moça morta, tão jovem, estava ali, no alpendre da casa-grande do Engenho Corredor, ferido no coração com a ausência da mãe substituta que partia para as distâncias que êle imaginava, no fim do mundo. Foi quando escutei um chamado de voz de comando, pelo meu nome:

— José, José...

Era Naninha, a tia mais moça, que começava, naquele momento, a exercer o seu poder sôbre o menino em pranto. Levantou-me do chão, onde esperneava, e me beijou. Agora era todo seu, pertencia-lhe, mandaria em mim como já mandara a que se fôra. A velha Janoca, a avó, sêca como um pedaço de couro cru, botou a mão suja, pelo constante uso de rapé, na minha cabeça e disse com a sua voz áspera: "Naninha vai tomar conta de ti".

Vi-me cercado pelas visitas que falavam de meu pai ausente, de minha mãe morta. Mas posso dizer, após tantos anos, que a dor que me atravessava a alma era bem uma dor como nunca mais sofreria. A tia Naninha iniciou-se, imediatamente, no seu ofício. Levou-me para o quarto e tirou-me a roupa de marinheiro que viera do Recife. E querendo consertar aquêle meu estado de chôro, deu-me para brincar o velho gramofone, que não falava mais, uma máquina com cilindros e que se movia como o motor do engenho. Nada teria maior fôrça emotiva que aquela máquina que me assombrava. E de olhos enxutos, sem me lembrar mais da tia Maria, saí com Ricardo, negrinho de minha idade, para a sombra da gameleira que ficava por detrás da casa, à beira da estrada. O velho gramofone exerceu, então, um poder mágico. O mundo todo era êle, tôdas as minhas tristezas se desmancharam na alegria de botar para andar aquela engrenagem fabulosa. E de tanto gostar de vê-lo andar, resolvemos examiná-lo, peça por peça. E com a chave da máquina de costura pusemo-nos a desaparafusá-lo. Aos poucos tínhamos, todo êle, em rodinhas, os órgãos internos do aparêlho em pedaços, pela mão. De repente, porém, senti que tinha destruído alguma coisa. Quis recompor a máquina e não foi possível. As rodinhas não voltavam mais aos seus lugares. O negrinho Ricardo saiu correndo com medo da arte que tínhamos feito. Fiquei só na sombra da gameleira. Só, com o pânico na alma. Como poderia me salvar, como sair daquela terrível situação? Era de tardinha e a solidão me apavorou.

Quis correr dali e não podia. Se a minha avó aparecesse e visse o gramofone naquele estado? Abri a bôca no mundo, outra vez. Agora era chôro de medo. Sei que apareceu a tia Naninha e quando viu a velha máquina reduzida a troços, gritou para mim:

— Menino impossível. Vá lá para dentro, menino.

A voz doeu como uma palmada. A casa ainda estava cheia de visitas. Mas ouvi bem a avó Janoca dizendo:

— Naninha vai botar êste menino a perder. Já se viu coisa igual?

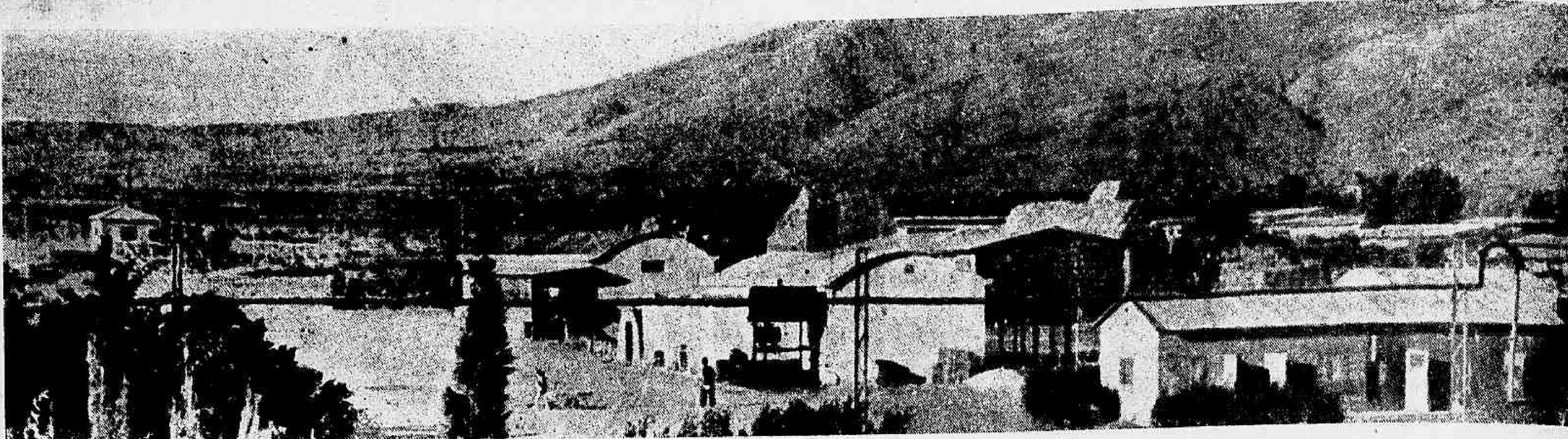
Escondi-me no quarto e quando, mais tarde, a tia Naninha chamou-me para um canto e curou o meu terror com as carícias de uma mãe novata, senti que a tia Maria ainda estava no engenho, que aquêle cabriolé de seu Lula não conduzira ninguém para longe de mim. E dormi sossegado. Mas de manhã, quando acordei, a ausência da outra voltou a perseguir-me. Chorei, com a cara virada para a parede. O chôro baixinho atraiu a tia Naninha. Chegou-se ela para mim, e ainda escuto a sua voz banhada nas lágrimas que lhe corriam dos olhos claros:

— Como êste menino se parece com Anália, é a cara da mãe.

E abraçou-se comigo, aos soluços.

Lá fora, a velha Janoca chamava as galinhas para dar milho. Eu e a tia Naninha chorávamos como dois desconsolados.

JOSÉ LINS DO RÊGO



EM DAFNE

Por muitos anos isto foi um império da malária e de outras enfermidades. Hoje é um verdadeiro oasis, com uma sociedade em cujo seio não existe choque de competições, mas onde todos trabalham para o bem comum. Bordada pelas montanhas da linha sírio-libanesa, aqui está, há 11 anos, o "Kibbutz", junto ao monte Hermond do Cântico dos Cânticos

# POR ONDE JESUS ANDOU

Por LEVY DE ISRAEL

## O QUE E' UMA COLÔNIA ISRAELITA NA GALILÉIA ★ DE DESERTOS ÁRIDOS EM IMENSAS EXTENSÕES DE CAMPOS MODERNAMENTE CULTIVADOS ★ ÁGUA DO RIO JORDÃO PARA O FLORESCIMENTO RURAL ★ NOVA CONCEPÇÃO DO TRABALHO

DAFNE fica situada ao norte da Galiléia. Como sucede, em geral, com tôda aquela região de Israel, a zona era uma seqüência de desertos alcantilados, de terras pedregosas ou de baixios pantanosos. Mas as numerosas colônias de israelitas conseguiram converter aquêle árido deserto num oásis de ciprestes, palmeiras, olivais e laranjeiras olorosas, com suas frondes floridas erguidas para o céu.

Arando e predispondo cuidadosa e cientìficamente suas terras para a semeadura e conseqüente colheita, erguendo casas e armazéns, instalando cataventos para o abastecimento d'água, cuidando de suas crianças e de seus rebanhos, gozando todos de perfeita paz interna e perante os seus vizinhos, as colônias israelitas da Galiléia estão realizando um dos milagres da "Terra da Promissão".

Em Dafne, bordada pelas montanhas da linha sírio-libanesa, e diante das culminâncias nevadas do monte Hermon, imortalizado pelo Cântico dos Cânticos de Salomão, se acha o *Kibbutz* criado em 1939.

Gertrude Samuels foi morar em Dafne por pouco tempo, para onde se dirigiu atraída pela informação de que ali vivia uma sociedade em cujo seio não havia dinheiro em circulação, não existia o choque das competições tão comuns entre os povos, mesmo os de nações pequenas, onde homens e mulheres trabalham para o bem comum da sociedade, isentos das ganâncias dos proventos isolados ou individuais, onde as crianças estão sob o contrôle da própria comunidade.

O meio para poder-se viver assim, é abandonar tôdas as velhas concepções que a civilização atual nos impôs. Sòmente por êsse processo de rejuvenescimento espiritual e social, é possível tornar-se tôda uma comunidade em estado modelar como êsse que ora encontramos em Kibbutz Dafne.

Antes da criação da República de Israel em 1948 já havia naquelas plagas santas, cêrca de 318 colônias rurais israelitas. Desde então até hoje, mais umas 150 desenvolveram suas áreas de trabalho desde o Dan até ao Aquaba. Cêrca de 25% da população do país, ou sejam, umas 250 mil pessoas, incluindo os novos imigrantes, se fixaram na terra e são agora fazendeiros, agricultores, técnicos agrícolas, pastores, pescadores, médicos, professôres. Vieram de tôdas as partes do mundo, possuem as profissões mais variadas, ansiosos por estabelecer em terras de sua pátria suas colônias nacionais, procedessem êles da Inglaterra, dos Estados Unidos, dos países bálticos ou da Argentina. Mistura de nacionalidades que em nada perturbava os desejos individuais ou da família para instalar-se na Terra Santa e ali cuidar de uma nova vida pelo trabalho, pela técnica, pelas novas concepções sociais.

E' curioso notar que os israelitas têm uma filosofia de "Justiça Social" que estão aplicando em Dafne, mas que não nasceu de um dia para a noite, nem é coisa nova. Chegaram a êsse nível adiantadíssimo, através de muito tempo. Já em 1880 foram da Rússia dos tzares e da Rumânia para a Palestina, os primeiros colonizadores judeus, quando ainda aquelas regiões estavam sob o domínio do Império Otomano. Os seus esforços não alcançaram o êxito necessário, especialmente pela negligência do govêrno de Constantinopla, como pelos preconceitos e perseguições religiosas.

Novamente pelas alturas de 1900 novos tipos de imigrantes da Europa Oriental e da Rússia, muitos com cultura intelectual e socialista, fugindo de lutas políticas e religiosas, chegaram à Palestina. Buscavam êles a fundação de comunidades sociais equitativas e um meio racional e patriótico de atrair para aquelas terras imigrantes israelitas em larga escala. Naquele tempo ainda sobreviviam fórmulas atrasadas que os colonos israelitas mais avançados combatiam. Sòmente agora é que se pôde conseguir uma organização comunal como os primeiros colonos idealizaram. Em suas novas colônias rurais a propriedade é comum, não havendo propriedade privada de meios de produção. Todos trabalham para o bem comum, pois o que está em objetivo é o desenvolvimento da comunidade e não a influência ou prestígio dêsse ou daquele sionista.

Dafne é uma colônia israelita de umas seiscentas pessoas. Os adultos e pessoas maduras vieram da Polônia, Lituânia e Alemanha e somam uns 230 indivíduos de ambos os sexos; 104 jovens treinam para o "hachsharah", ou seja, uma verdadeira escola para a preparação de israelitas destinados à fundação de novos colônias agrícolas; trinta e cinco "Jovens Aliyah", incluindo órfãos imigrantes; dez velhos pais e onze outras pessoas temporárias, e, enfim, 250 meninos.

De Tel-Aviv a êsse "Kibbutz" se vai em sete horas, de ônibus. Quando o veículo entra na estrada principal para Dafne, o leito da rodovia é de concreto e, de lado a lado, surgem casas de madeira bem como montões de feno e árvores frutíferas. O silêncio é total e a temperatura, de região subtropical. De quando em quando gritos álacres de crianças, ou o perfil de algum moinho ao longe na vastidão dos campos cultivados ou o mugido de uma vaca podem ser notados no silêncio da comunidade. E' que todos os adultos aptos para o trabalho estão em suas faínas.

Ninguém trata de política nem de ideologias, apesar de contar-se na colônia adeptos de vários credos. Mas os sentimentos democráticos da população de Dafne se fazem sentir em face dêsses adeptos em tôrno das duas correntes políticas entre os eleitores, a do *Mapai* e a do *Mapan*.

Não há naquele trabalho coletivo qualquer contrôle ou imposição de "cabos de eito" ou feitores. Ninguém debaixo de ordens. Cada um dá suas oito ou nove horas de serviço por dia. Mas sem qualquer subordinação a organismos de inspeção ou vigilância. Trabalha-se em grupos ou isoladamente. Reina no "Kibbutz" a maior confiança recíproca e ninguém perturba essa lealdade. Assim, quando uma pessoa diz "estou doente", é porque está mesmo doente. Ninguém duvida de sua palavra. Em dez anos, apenas dois por cento, talvez, de sua população desrespeitou essa tradição de honestidade. E foram expulsos.

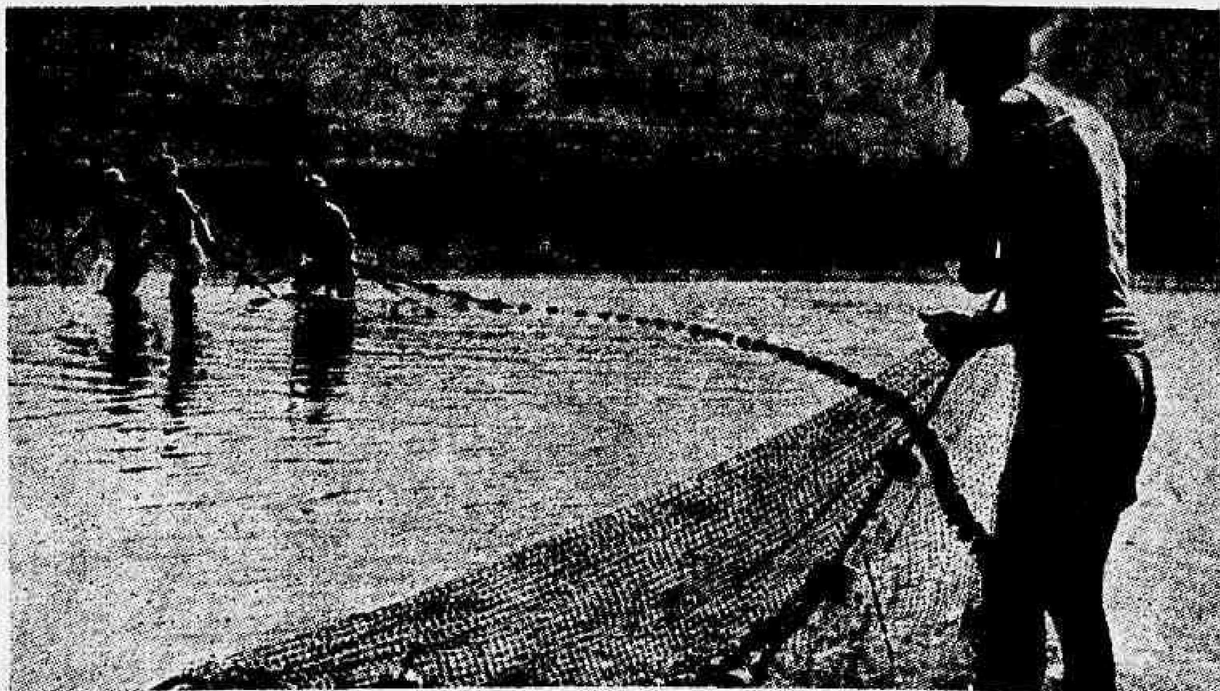
O "cara nova" que vem engrossar a comunidade é aceito por um ano, a título de experiência e adaptação. Depois dêsse período a comunidade se reúne e decide de sua permanência ou não, por meio de voto.

O dia de trabalho começa às 5,30 ou 6 horas da manhã e termina cêrca das 17,30, com duas horas para descanso no calor do meio-dia.

As terras são divididas em várias espécies de cultura. Há de tudo, desde árvores frutíferas, às hortaliças e ao trigo; pomares e vinhedos, macieiras, pereiras, ameixeiras, "grape-fruit". A irrigação é feita trazendo-se água do Jordão, tendo-se mesmo com isso criado lagos artificiais para a criação de carpa e truta.

Essas colônias israelitas nas terras sagradas onde Nosso Senhor andou, viveu, sofreu e morreu, constituem hoje verdadeiro milagre de técnica, de felicidade social, de libertação de um povo laborioso, trabalhador e heróico.

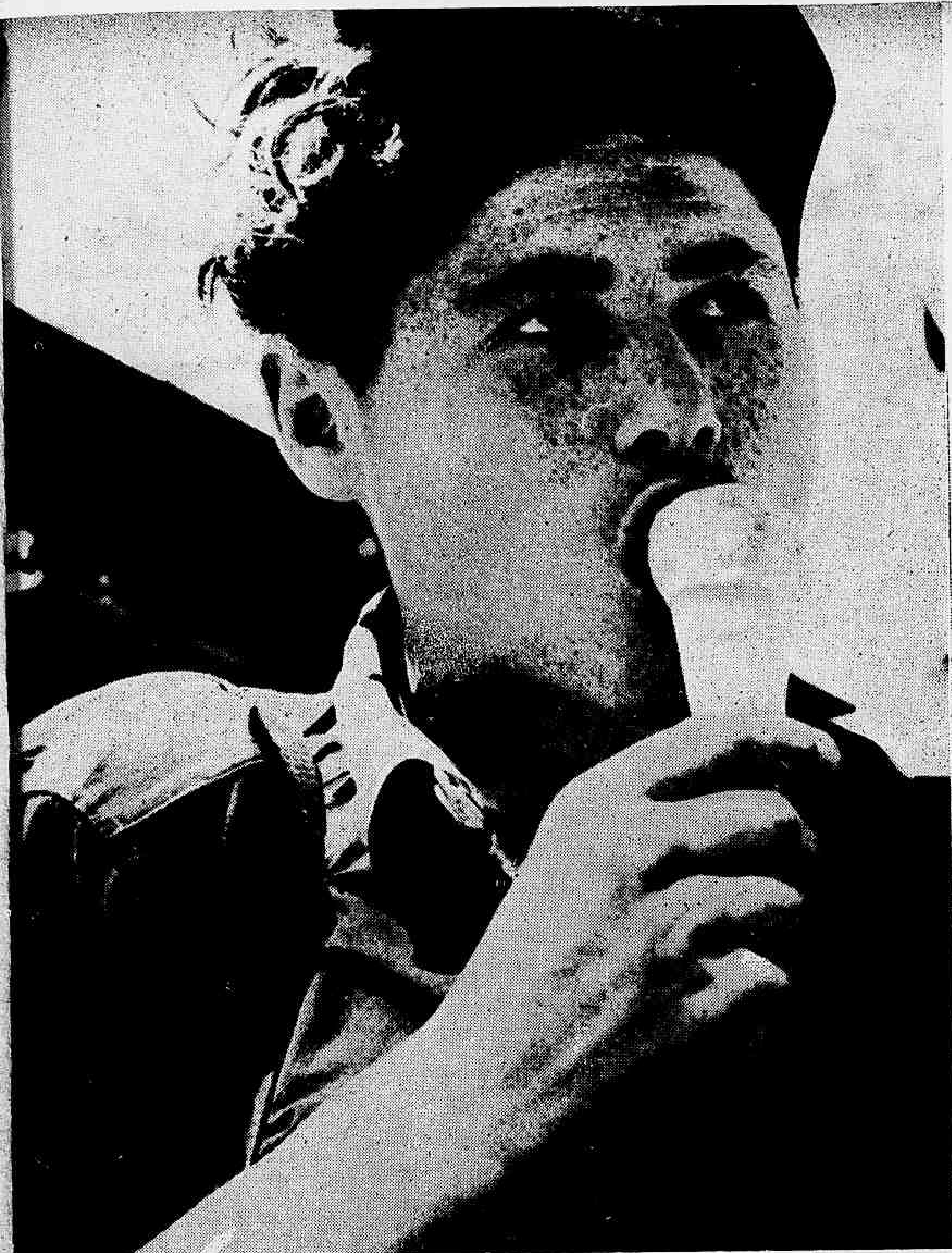






VIVER EM PAZ

As crianças voltaram a ter confortáveis dormitórios numa "Children's Village" e as fazendeiras se entregam aos afazeres do campo, enquanto os homens exercem a pescaria, porque a colheita dos mares é preciosa. Os israelitas estão aplicando em Dafne uma nova Justiça Social. Colônias rurais são exploradas, também, com grande senso econômico





A RECOMPENSA

Êles lutaram para conquistar um solo e parecem satisfeitos. Êsse rapaz, um guerrilheiro, hoje transformado em bom trabalhador, saboreia um sorvete, feliz e sem preocupações

IMPRENSA

Os jornais são afixados nas bancas, como em tôda parte. Mas a exemplo do que acontece em todos os lugares, são muito frequentes os leitores da "imprensa-mural"





ATIVIDADE

As crianças frequentam boas escolas preparando-se para um futuro de paz, como se vê ao alto. Em baixo, um camponês, com o seu gado, espera que outras guerras não voltem!

OUTRORA E HOJE

Ao alto, uma reminiscência dos dias de luta, quando um só pensamento a todos dominava: o marco da vitória. Em baixo, um professor dá instrução aos homens de amanhã





REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ Nº 5 ★ 4-2-50



# A SEMANA EM Revista

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano .. | Cr$ 140,00 |
| Seis meses .............. | Cr$ 70,00 |
| Registrada — Um ano ... | Cr$ 170,00 |
| Seis meses .............. | Cr$ 85,00 |

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano .... | Cr$ 270,00 |
| Seis meses .............. | Cr$ 140,00 |

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos. Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

## O POVO NÃO COLABORA



**Nessa campanha dos Comandos Sanitários há um ponto que deve ser analisado.**

**Queremos referir-nos à colaboração do povo no sentido de dar maior eficiência ao serviço dos poderes públicos em benefício da higiene e saúde da população.**

**Todos sabemos que os cafés, restaurantes, confeitarias, pensões e hotéis são casas de negócios cujo fim principal é o do lucro sem maiores despesas. E' uma defesa "natural", como diz o povo em suas deduções filosóficas.**

**Êste ano os Comandos iniciaram seus trabalhos de profilaxia com maior energia. O estômago do carioca precisa ser defendido, e não vamos esperar que os comerciantes procurem defendê-lo espontâneamente...**

**Faz poucos dias os Comandos Sanitários, só na zona chic de Copacabana, multaram diversos estabelecimentos elegantes, confeitarias, pensões, panificações, armazens, etc., todos com infrações sérias aos regulamentos de higiene pública.**

**Mas... que sucede? No dia seguinte, é claro, já os Comandos estão agindo em zonas diferentes, muitas vêzes distantes léguas e léguas da anterior visitada, multada e advertida.**

**Ora, estando longe o poder coercitivo do Estado, os infratores voltam as costas às "violências" dos comandos e continuam a manter o mesmo nível de vida e indiferença. Que deve, então ser feito? Orientar o povo no sentido de cooperar com os Comandos. Sempre que alguém vir uma infração, denunciar. Infelizmente o que sucede é a mais criminosa indiferença. Baratas, ratos, minhocas, môscas em pratos são a coisa mais natural do mundo. E o carioca não reclama...**

## IMPRESSIONANTE ESTATÍSTICA




Houve no ano que findou 14.637 casamentos e 1.052 desquites entre amigáveis e litigiosos; houve ainda 6.142 despejos e 390 falências; contravenção do jôgo do bicho, 3.256.

Durante o mesmo período do ano de 1948, respectivamente, foram êstes os números: 13.071, 854, 5.236, 350 e 1.388.

Por êstes dados, verificamos que em 1949 houve mais 1.566 casamentos, mais 198 desquites, mais 906 despejos, mais 40 falências e, por fim, 1.868 processos de contravenção do jôgo do bicho a mais do que no ano de 1948.

O assunto deve merecer a atenção dos nossos sociólogos e legisladores. Tivemos, no Distrito Federal, um superavit de casamentos, mas, infelizmente, aumentaram bastante os casos de desquite. Ora, uma sociedade que mantém um Direito de Família que permite o desquite e a anulação de casamento e vê tais fatos em crescente nível na estatística social, precisa prestar atenção ao fenômeno e procurar, com urgência, os meios legais, humanos e lícitos para deter a marcha dessa praga de dissolução dos lares.

Com o desquite fica uma das partes em situação anormal dentro da própria sociedade: a mulher. Impossibilitada de convolar novas núpcias, proibida de continuar a cumprir seus designios na vida, que é a de ser mãe, dona de casa rainha do lar.

Outra particularidade da estatística que merece análise: o saldo enorme de contravenção do jôgo do bicho entre 1948 e 1949. Isso é um sintoma alarmante de degradação social, o mesmo quanto ao excesso de despejos.

Senhores administradores! Examinem as estatísticas!

## ENVENENOU A MILIONÁRIA ?




O caso do brasileiro Silva Ramos, na França, atraiu a atenção de seus patrícios, que acompanham êsse drama através do noticiário dos jornais cariocas divulgando telegramas vindos de Paris no serviço normal das agências especializadas.

Silva Ramos, jovem muito rico, casou-se com uma francesa filha, ela também, de milionários daquele país. Ao que parece, o casal não vivia em boa harmonia.

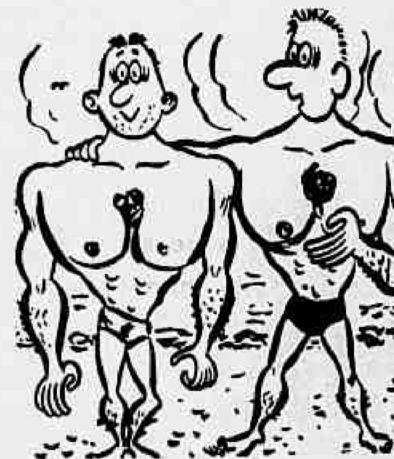
Mas êsse fato não constitui nada de alarmante, pois que não é geral que os casad[os] vivam tôda a vida em plena lua de mel. O de que se precis[a], isso sim, é de reciprocidade no tratar, de tolerâncias mútuas, [de] compreensão e respeito de ambas as partes.

Com o seu casamento, o brasileiro se viu, desde logo, contr[a]riado pelas exigências da espôsa que não quis permanecer [no] Brasil, preferindo ir morar na França, ao lado dos seus parente[s].

E' justo que tal se desse. Moça desambientada com o me[io] nacional, talvez notando que o clima brasileiro lhe era host[il], habituada aos mimos da família, acostumada com sua Cô[te] d'Azur, os passeios no Mediterrâneo, as neves e a primave[ra] de sua pátria, o meio social requintado da Riviera frances[a], enfim, sempre a viver num mundo de gostos diferentes, não é de estranhar que ela preferisse retornar ao mesmo, do que fic[ar] "até que a morte os separasse", num país profundamente di[fe]rente do seu.

Um dia aparece morta. As circunstâncias são contra o espô[so] que jura inocência. Fazem exame cadavérico e encontram [no] estômago da jovem grande quantidade de álcool. O caso [se] complica; mas já se está chegando à conclusão de que Sil[va] Ramos é inocente. Contudo, de onde teria vindo tanto álco[ol]? Mistério...

## CAUTELA, BANHISTAS !



**Às praias cariocas da zona sul afluem, aos sábados, domingos e dias feriados, umas cem mil pessoas. Dessa multidão, apenas uma parte mínima, quase insignificante, toma banho. O resto vai exclusivamente fazer esporte: peteca, vólei, futebol e outras práticas em que sempre há bola, mas que não se sabe bem a que esporte pertencem.**

**Só em Copacabana há seis postos de salvamento e vigilância. Cada posto possui um barco estacionado próximo à arrebentação das ond[as], aparelhamento de observação numa tôrre, pessoal forte e cap[az] de nadar e tirar das garras da morte qualquer pessoa que esti[ver] em perigo.**

**Não resta dúvida, porém, que o pessoal mobilizado é ins[ufi]ciente e só está a postos nas horas oficiais determinadas p[ela] Prefeitura. Fora dêsse horário, cada qual que se arranje.**

**Foi pensando nos riscos que muita gente corre em nos[sas] praias, que uns rapazes de Copacabana organizaram, no Le[me], entre o Pôsto 1 e o 2, um serviço auxiliar de salvamento [de] banhistas.**

**O trabalho é absolutamente gratuito, espontâneo. Nadado[res] exímios, êsses dois jovens já têm salvado vários banhistas. Al[iás] no domingo, 15 de janeiro, três pessoas foram trazidas à pr[aia] e entregues à assistência pública, graças à louvável iniciat[iva] dêsses rapazes desambiciosos.**

**Seria o caso de a Prefeitura recompensá-los, estimulando[-os] nesse esfôrço digno de todos os aplausos, ao mesmo tempo [em] que devia ainda organizar em cada metade dos atuais po[stos] um sub-pôsto como êsse do Leme. Muitas vidas se salvariam.**

## A PERSONAGEM DA SEMANA


Rajandra Prasad

Acontecimento de repercussão mundial acaba de verificar-se na Índia: sua completa independência da Corôa Britânica, formando ao lado de tôdas as demais nações emancipadas, como a segunda República do mundo, em população.

A luta política da Índia na direção de sua independência é um dêsses impulsos mais dramáticos da história contemporânea. Seu maior filho, Gandhi, chamado por todos os indianos como o "Pai da Nacionalidade", embora desaparecido antes dêsse glorioso dia 26 de janeiro de 1950, pode-se dizer que assistiu ao surgir da Índia independente. E foi êle um dos fautores dessa vitória política de seu povo.

Desde 1772, com a nomeação de Warren Hastings para Governador Geral pela Corôa Britânica, começou a Índia a pertencer à Inglaterra. Foi portuguêsa com Vasco da Gama, incorporada ao patrimônio ultramarino lusitano, do Golfo Pérsico à Indo-China, de 1500 a 1600; passou, depois, ao domínio holandês; disputaram-na ainda os dinamarqueses, os escoceses, espanhois, alemães, suecos, franceses, etc.. Mas somente a Inglaterra e a França conseguiram a pose efetiva da Índia, até que os ingleses ficaram sozinhos desde 1772. Começaram pelo litoral, na região de Bengala e se foram internando pelo continente até ao estado atual.

A situação de independência da Índia não foi conseguida de um jato. Processou-se por etapas até culminar no ato de 26 de janeiro último, quando o Rei da Inglaterra reinou pela última vez nesses cento e oitenta anos.

Para seu primeiro Presidente Constitucional foi eleito o Sr. Rajandra Prasad, tendo como Primeiro Ministro o Sr. Pandit Nehru, figura de destaque internacional nas campanhas de emancipação da Índia.

A luta pela implantação da República intensificou-se nestes últimos vinte anos, quando o país passou à condição de Domínio. A Inglaterra ia acompanhando o desenvolvimento nacional, sem criar obstáculos. Daí o Govêrno interino de Nehru, a 2 de setembro de 1946, o que fêz Gandhi declarar: "Está aberta a porta da liberdade completa". Três meses depois instalava-se a Assembléia Constituinte, pela primeira vez. A 15 de agosto de 1947, após a missão Wavell, alcançava a Índia a sua liberdade. Todo o país festejou o acontecimento e, a 18 de agosto de 1947, deixava o país o primeiro contingente de tropas britânicas. Discutida a nova constituição republicana, foi ela aprovada a 26 de novembro do ano passado. De agora por diante, a Índia não deverá mais nenhum fidelidade à Corôa Britânica.

O novo Presidente da República assumiu o exercício às 10 15 da manhã, em Nova Delhi, com 31 tiros de canhão, entre aclamações do povo em delírio por tôda a imensa extensão do território indiano.

# PUXE PELO CÉREBRO

## NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa ... | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 ............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 10 ............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 10 a 15 ............. | Cultura superior | Universitário |
| De 16 a 19 ............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as vinte ............. | | O gênio em pessoa |

1 QUAL DÊSTES ANIMAIS E' SOLÍPEDE:
— O cavalo?
— O carneiro?
— A vaca?

2 QUAIS AS CÔRES OFICIAIS DA BANDEIRA DA ONU:
— Branca e verde?
— Verde e azul?
— Azul e branca?

3 EM QUE ANO FOI O BRASIL ASSOLADO PELA CHAMADA "GRIPE ESPANHOLA:
— 1917?
— 1918?
— 1919?

4 QUANTO CABIA A CADA BRASILEIRO, EM RELAÇÃO AO MEIO CIRCULANTE, AO FINDAR O ANO DE 1900:
— Quase duzentos mil réis?
— Cento e cinco mil réis?
— Cêrca de noventa e sete mil réis?

5 QUAL FOI O FRADE CARMELITA FUZILADO NA BAHIA POR MOTIVO DA REVOLUÇÃO REPUBLICANA DE 1817, NO NORDESTE:
— Frei Caneca?
— Frei Miguelinho?
— Monte Alverne?

6 QUE TRIBO DE ÍNDIOS AUXILIOU TOMÉ DE SOUZA NA FUNDAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR:
— A Aimoré?
— Tupinambá?
— Goitacás?

7 SEGUNDO A HISTÓRIA, QUAL O PAÍS QUE ADOTOU, PELA PRIMEIRA VEZ O PAPEL-MOEDA:
— O Egito?
— O Peru?
— A China?

8 ANTES DA ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA, QUANTAS CONDUÇÕES SE TOMAVAM PARA IR-SE A TERESÓPOLIS:
— Duas?
— Três?
— Quatro?

9 QUAL O MOSTEIRO DO RIO QUE CONTRIBUIU COM GRANDE SOMA PARA O RESGATE DA CIDADE A DUGUAY-TROUIN, EM 1711:
— O de São Bento?
— O de Santo Antônio?
— O da Ajuda?

10 QUAL A INTERVENÇÃO CIRÚRGICA MAIS FAMOSA DA MEDICINA BRASILEIRA:
— A da ablação de um estômago?
— A de uma operação cardíaca?
— A das crianças xifópagas em 1900?

11 COMO SE CHAMAVA O MÉDICO QUE FÊZ A INTERVENÇÃO CIRÚRGICA MAIS FAMOSA DA MEDICINA BRASILEIRA:
— Oswaldo Cruz?
— Eduardo Chapot Prévost?
— Carlos Chagas?

12 O GRANDE PINTOR PEDRO AMÉRICO, ERA PARAIBANO E DA MESMA CIDADE DE AREIA, ONDE TAMBÉM NASCEU JOSÉ AMÉRICO. QUE ERA DÊLE:
— Parente?
— Primo?
— Nada?

13 QUANTO TEMPO LEVOU A CONSTRUÇÃO DO FORTE DO IMBUÍ, À ENTRADA DA BARRA DO RIO:
— Três anos e oito meses?
— Cinco anos e três meses?
— Dois anos, sete meses e dois dias?

14 DE QUE PINTOR E' O PAINEL DO PANO DE BÔCA DO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO:
— Visconti?
— Parlagreco?
— Parreiras?

15 DE QUE SE ORIGINA O NOME DE *POÇO ARTESIANO*:
— De um sr. Artésio?
— Da cidade francesa de Artois?
— De artesão?

16 QUAL A ORIGEM ETMOLÓGICA DE BACTÉRIA:
— Do francês?
— Do espanhol?
— Do grego?

17 QUAL A OBRA-PRIMA DO DESENHO ANIMADO:
— Fantasia?
— Branca de Neve?
— Chapèuzinho vermelho?

18 A QUEM SE DEVE A DESCOBERTA DOS TRUQUES CINEMATOGRÁFICOS:
— A Méliès?
— A Edison?
— A Luis Lumière?

19 QUANTAS NAÇÕES ESTIVERAM EM GUERRA CONTRA O DITADOR SOLANO LOPEZ, DO PARAGUAI:
— Quatro?
— Duas?
— Três?

20 A QUEM SE DEVE O APROVEITAMENTO DA ENERGIA ELÉTRICA DA CACHOEIRA DE PAULO AFONSO, ANTES DAS ATUAIS OBRAS:
— Ao govêrno alagoano?
— Ao industrial Delmiro Gouveia?
— Ao dono das terras, Paulo Afonso?

(*Respostas na página 58*)




# No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre.** Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre.**

De ação suave e gôsto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

**Ventre-Livre** não é purgante


# CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

**"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES**

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

## AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.




COMEMORANDO 83 anos de fundação do Clube dos Democráticos, a Ala dos Carapicus do Castelo realizou uma festiva passeata de bonde que se estendeu pelos arrabaldes da zona norte, levando um pouco de alegria ao foliões suburbanos. A' frente, em carro aberto, elementos da Diretoria e uma fan vibrante de entusiasmo, recebiam aplausos

# PEDRO II ERA FÃ DOS DEMOCRÁTICOS

**Nasceu o clube, de um bilhete de loteria premiado ★ Carapicus, peixes listrados no aquário da Quinta Imperial ★ O primeiro préstito em 1897 ★ José do Patrocínio pregou a Abolição da Escravatura das sacadas do "Castelo" ★ Lopes Trovão, Emílio de Menezes e Bastos Tigre, democráticos do coração...**

Reportagem de SABINO CANALINI

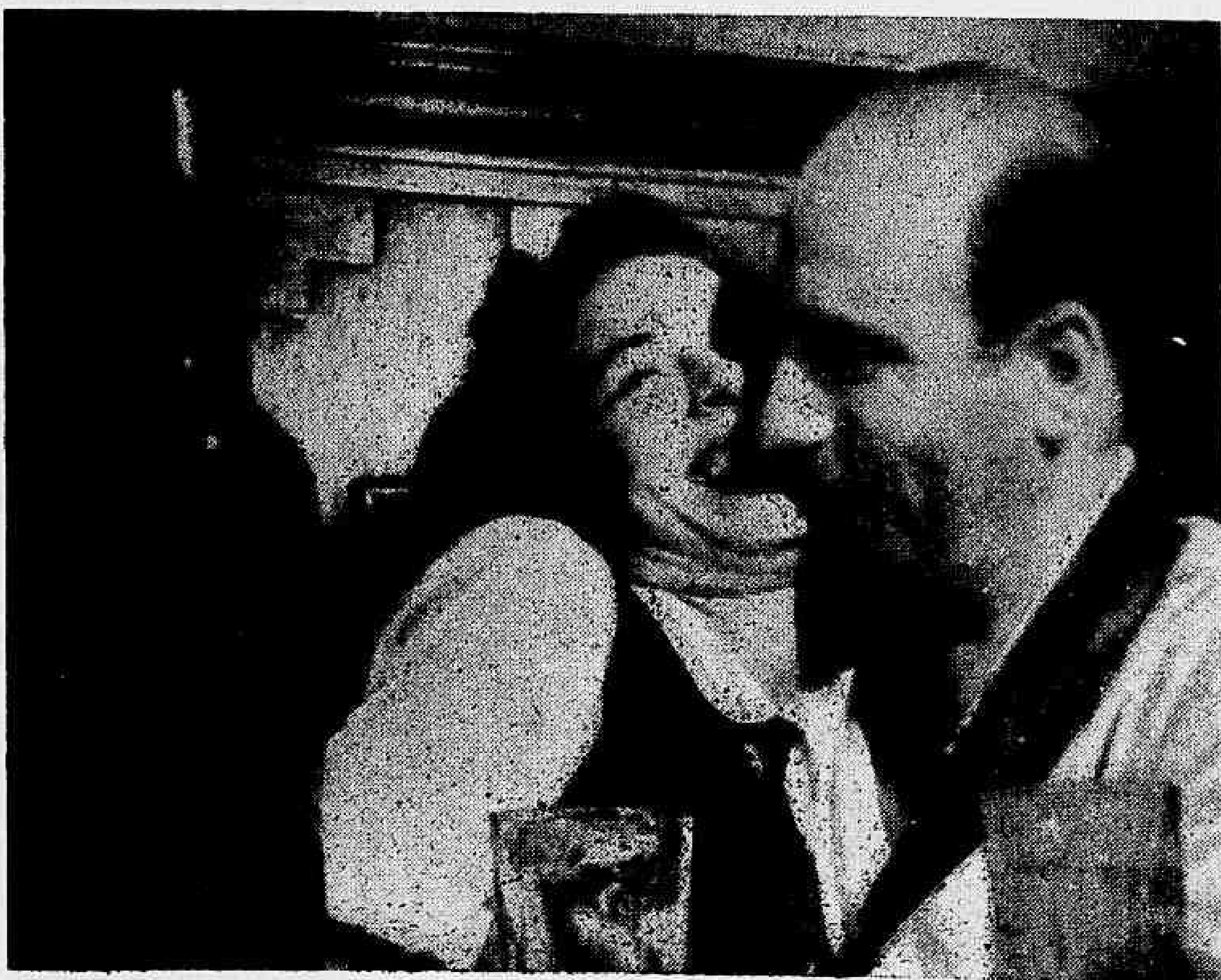
FALAR do carnaval começando a dissertar sôbre a etimologia da palavra, sôbre as Saturnais romanas, as Bacanais gregas, a Dança Macabra da Idade Média e os famosos carnavais de Veneza, Roma e Paris, seria o mesmo que falar sôbre coisas desconhecidas dos brasileiros e que, portanto, não atingem a nossa sensibilidade, as nossas reminiscências históricas e que deixam de nos interessar por se tratar de outras tradições que não as nossas.

Em vez disso, recuamos um século na vida do Brasil, ou mais pròpriamente na do Rio de Janeiro. 1853. Segundo império. Contudo, a feição da capital era ainda a de uma cidade típica colonial. Topografia irregular, ruelas estreitas, sinuosas, com vala para as águas pluviais no centro, de terra batida a maioria, lagiotas de pedra nas estreitíssimas calçadas, casas e lojas de andar térreo, raros sobrados, lampiões de querozene e os primeiros bicos a gás, animais soltos no centro da cidade, sujeira, escuridão, vícios, crimes, escravos, febre amarela, malária e outras "belezas" da época. Pois imaginem êsse ambiente mais do que impróprio, durante a loucura do carnaval. Então, era o reinado do entrudo, com seus limões de cheiro e de mau cheiro, bisnagas de águas perfumadas, bacias de água suja, polvilho, vermelhão, alvaiade, banhos forçados nos chafarizes, e suas conseqüências desagradáveis. Tudo uma estupidez, brincadeira bruta, que não raro terminava com resfriados, pneumonias, ferimentos e até mortes.

Pela portaria de 4 de fevereiro de 1853, assinada por Mendes da Costa, fiscal da freguesia da Candelária, conforme cita Melo Morais Filho, começou o ataque sistemado e oficial contra a selvageria do entrudo. Só no ano seguinte desapareceu das ruas cariocas, modificando completamente o aspecto do tríduo carnavalesco. Incentivaram-se os bailes a fantasia; apareceram as primeiras máscaras isoladas e os grupos; alguns carros ostentavam gente fantasiada e, enfim, foi organizada a primeira sociedade que tomou o nome de "Congresso das Sumidades Carnavalescas", que em 1855 realizou o primeiro préstito do Rio de Janeiro. Nada de carros alegóricos ou de críticas, apenas alguns landaus, algumas caleças, tiradas a duas parelhas, cheias de foliões, cada qual caracterizado segundo o próprio desejo e gôsto, num amontoado desordenado de figuras históricas. D. Quixote, Nicolau I, Duguay Trouin, Marco Spada, Baiaderas, Mandarins, Benevenuto Cellini, o Duque de Guise, o dr. Dulcâmara foram alguns dos tipos focalizados. O sucesso foi grande, repetindo-se nos anos seguintes e estimulando a criação de outras sociedades, desaparecidas posteriormente a maioria, algumas persistindo até nossos dias.

Entre estas últimas, merece destaque o Clube dos Democráticos. Não é o mais antigo, porém, é o que vem funcionando ininterruptamente há mais tempo. O clube não possui arquivo ou documentos sôbre a fundação e a vida da sociedade até a atualidade, a não ser a tradição verbal, e os muitos troféus ganhos nas competições em que tomou parte. O que relatamos a seguir, são os dados obtidos na sua sede, por intermédio do Presidente Perpétuo do mesmo, sr. Alfredo Alves da Silva e especialmente do secretário geral, sr. Nelson Borges de Carvalho, grande pesquisador da história e das glórias da sua sociedade:

— Corria o ano de 1866. Um português de nome José Alves da Silva — assim começou a narrativa o sr. Nelson Borges — espirito folião por excelência, de comum acôrdo com outros dois compatriotas, cujos nomes não chegaram a ser conhecidos, no dia 15 de agôsto, comprou um bilhete da loteria que então o Estado fazia correr com o prêmio maior de quinze contos de réis. Uma verdadeira fortuna para a época. Ao adquirir o bilhete, os três carnavalescos fizeram uma solene promessa: se fôsse premiado, empregariam o capital na fundação de uma sociedade carnavalesca. O bilhete tirou a sorte grande e a promessa foi cumprida, elevando-se Nossa Senhora da Glória a padroeira do clube, pois o bilhete fôra comprado no dia a Ela consagrado. Essa compra fizera-se num quiosque do Mercado Velho, onde hoje há o Entreposto da pesca. Discutia-se qual seria o nome a dar à nova entidade, quando José Martins de Oliveira, uem sabe se talvez um dos dois desconhecidos companheiros do felizardo José Alves, o popular "Zé dos Pinicos", lembrou o nome "Democráticos Carnavalescos", que foi



TRISTEZAS não pagam dívidas. E os foliões esquecem as máguas ao som das marchinhas em voga. Certamente ela está cantando "Não quero brôto", e o parceiro mostra-se feliz!



"CADILAC" [illegible] UM [illegible] QUATRO COSTA, DOS EX[illegible] SAMBA DE BREQUE, [illegible] A SUA [illegible] RE" MOSTRA-SE EM LIND[illegible] FORMA PARA OS GRANDES BAILES DO TRIDUO CARNAVALESCO



NA BELA ESCADARIA do Castelo, improvisam um cordão enquanto esperam a chegada do bonde que as levaria, cidade afora, para comemorar o aniversário dos Democráticos. Essas folionas só descansarão na 4.ª Feira de Cinzas



A COMISSÃO Organizadora do Préstito tem grande responsabilidade. Ela é que apresentará o cortejo de terça-feira gorda e desde já se movimenta no "barracão" dos Carapicus, disposta a levar a palma no Carnaval de 1950, o Maior...




BUSTO do presidente perpétuo do clube, Sr. Alfredo Alves da Silva, a quem se deve o edifício proprio da sede

logo aceito entre palmas. Alugou-se um sobradinho na Rua Direita, 21, hoje Rua Primeiro de Março, 9, e a sociedade foi solenemente fundada a 19 de janeiro de 1867.

— Por que motivo o José Alves da Silva tinha êsse apelido?

— Como disse antes, êle era um tipo muito alegre, que gostava imenso do nosso Carnaval, durante o qual fazia as mais incriveis brincadeiras, tendo predileção tôda especial pelo objeto que acabou formando-lhe o apelido.

—E a bandeira?

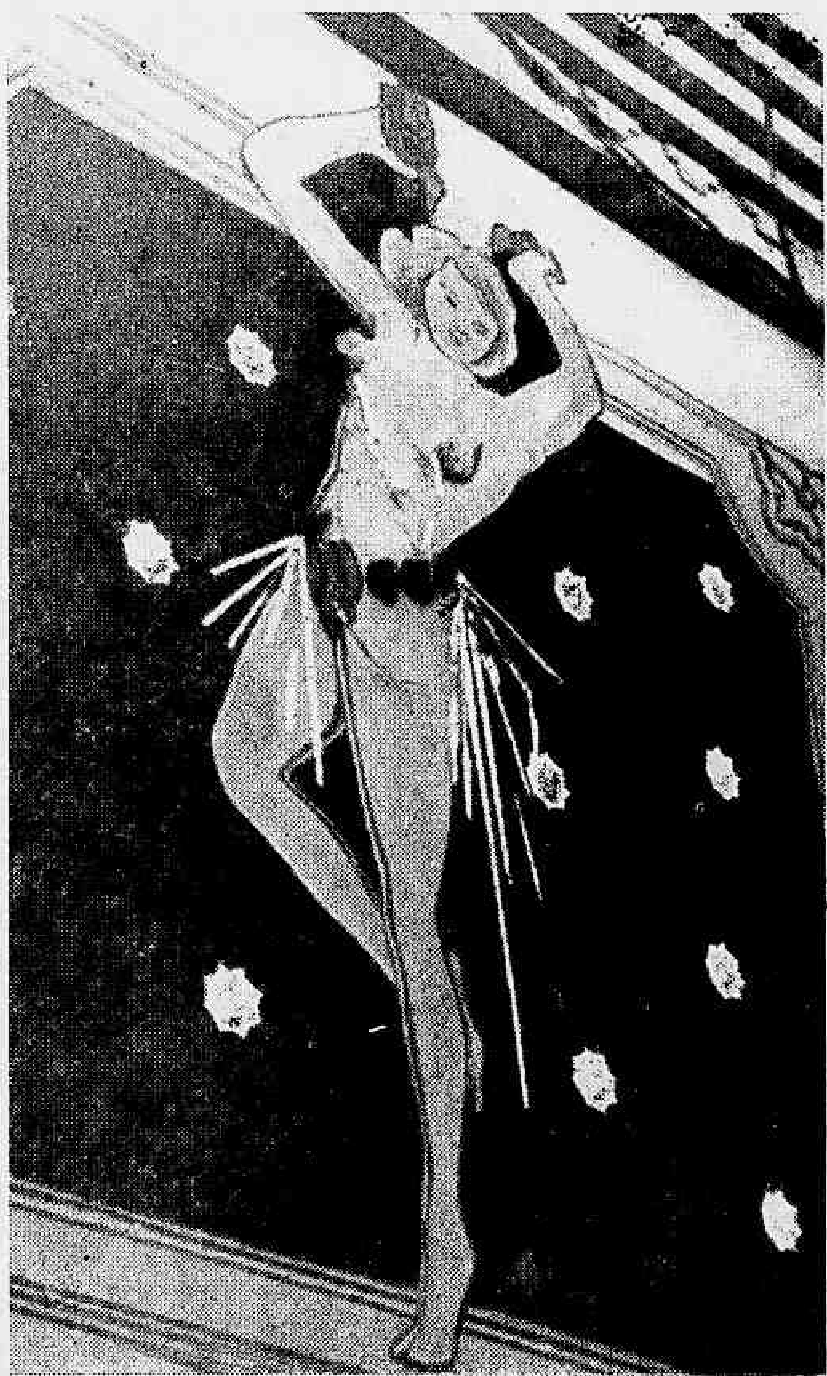
— Foi a primeira preocupação do fundador. Êle mesmo a desenhou, apresentando inicialmente listras verticais brancas, pretas, verdes e amarelas e no canto superior esquerdo as iniciais D.C. Alguns anos antes da proclamação da República, em data que não sabemos precisar, a bandeira foi modificada. Passou a ter as listras horizontais e apenas nas côres preta e branca. Manteve as iniciais, porque o nome da sociedade mudou para Clube dos Democráticos, coincidindo as iniciais, que continuaram isoladas no canto superior esquerdo do pavilhão, em fundo azul.

— Por que os Democráticos são conhecidos por "Carapicus"?

— Desde a fundação, como evidencia o nome de De-



O SECRETÁRIO Geral, Nelson Borges, mostra a uma sócia o troféu da Folia, conquistado em 1903 e esculpido por Sacaroni, em bronze maciço. Vale trinta mil cruzeiros



**AS DECORAÇÕES** na sede do clube preparam-se desde os primeiros dias de janeiro. Figuras alegres, provocantes...

mocráticos, militou nas fileiras do Clube, gente amante da liberdade e da democracia, muitos até com idéias republicanas, que não tinham medo de expor em reuniões, discursos e conspiratas, na própria sede do clube. O Imperador D. Pedro II, não era avesso, até pelo contrário, simpatizava com a causa da democracia e passou a preferir, entre as sociedades carnavalescas, a dos Democráticos. Na época em que o clube alterou a bandeira, a residência da família imperial era na Quinta da Boa Vista, em cujo parque existia um aquário com uma única espécie de peixes, que, segundo a voz corrente de então, eram os favoritos do imperador. Os peixes eram carapicus, com o corpo listrado de prêto e branco. Devido a essa analogia, os Democráticos passaram a ser cognominados de "carapicus", apelido que conservam até hoje, apesar de pouca gente saber porque.

E continuando:

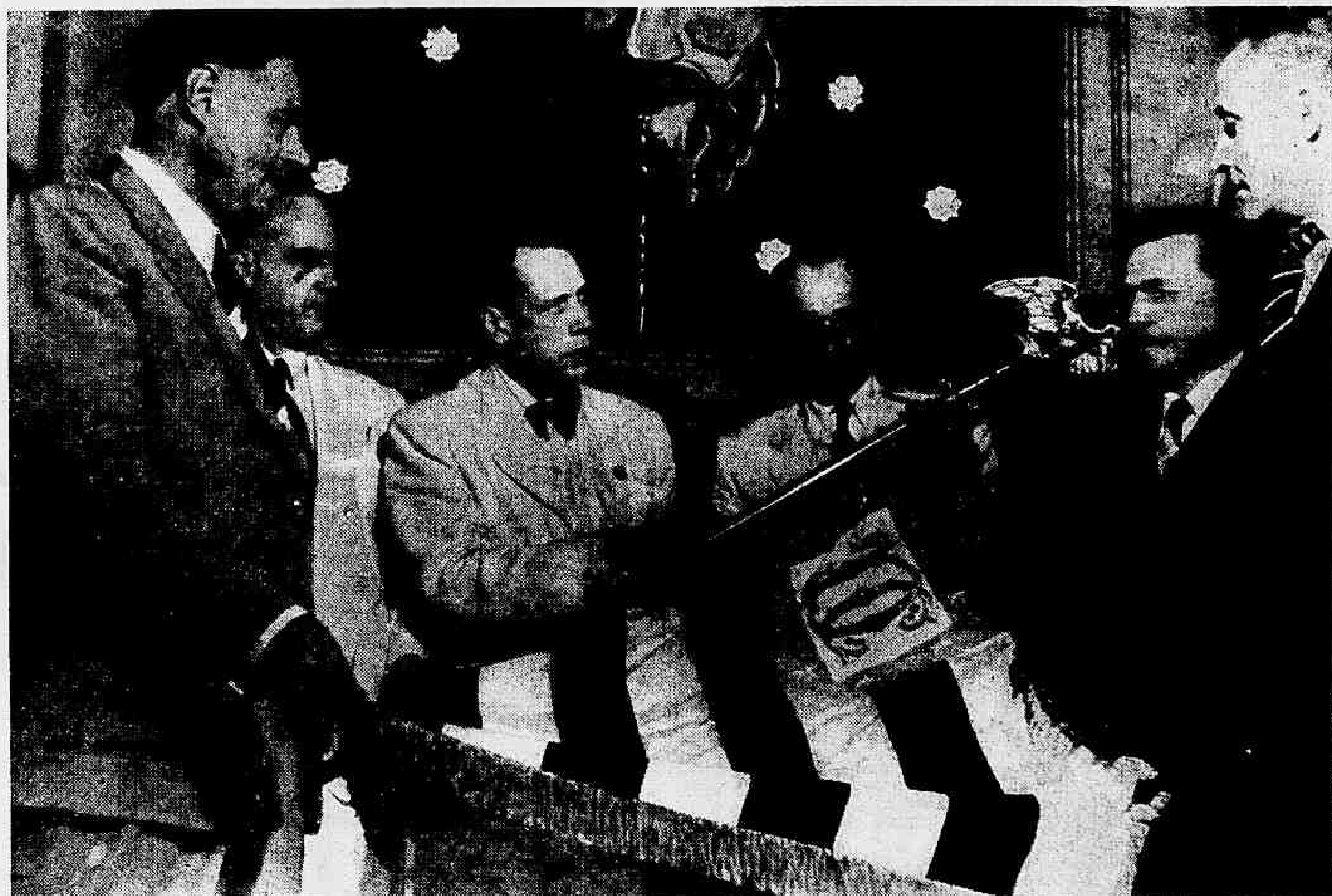
— Há ainda mais duas peculiaridades sôbre o nosso clube. A primeira é a que diz respeito à nossa sede, que chamamos carinhosamente de Castelo. Isso se prende a um fato histórico. Como antigamente a maioria das casas do Rio eram de andar térreo, costumava-se chamar de castelo às que tivessem um primeiro andar, que hoje tem a denominação mais comum de sobrado. Depois da primeira sede na Rua Direita, o clube mudou-se para



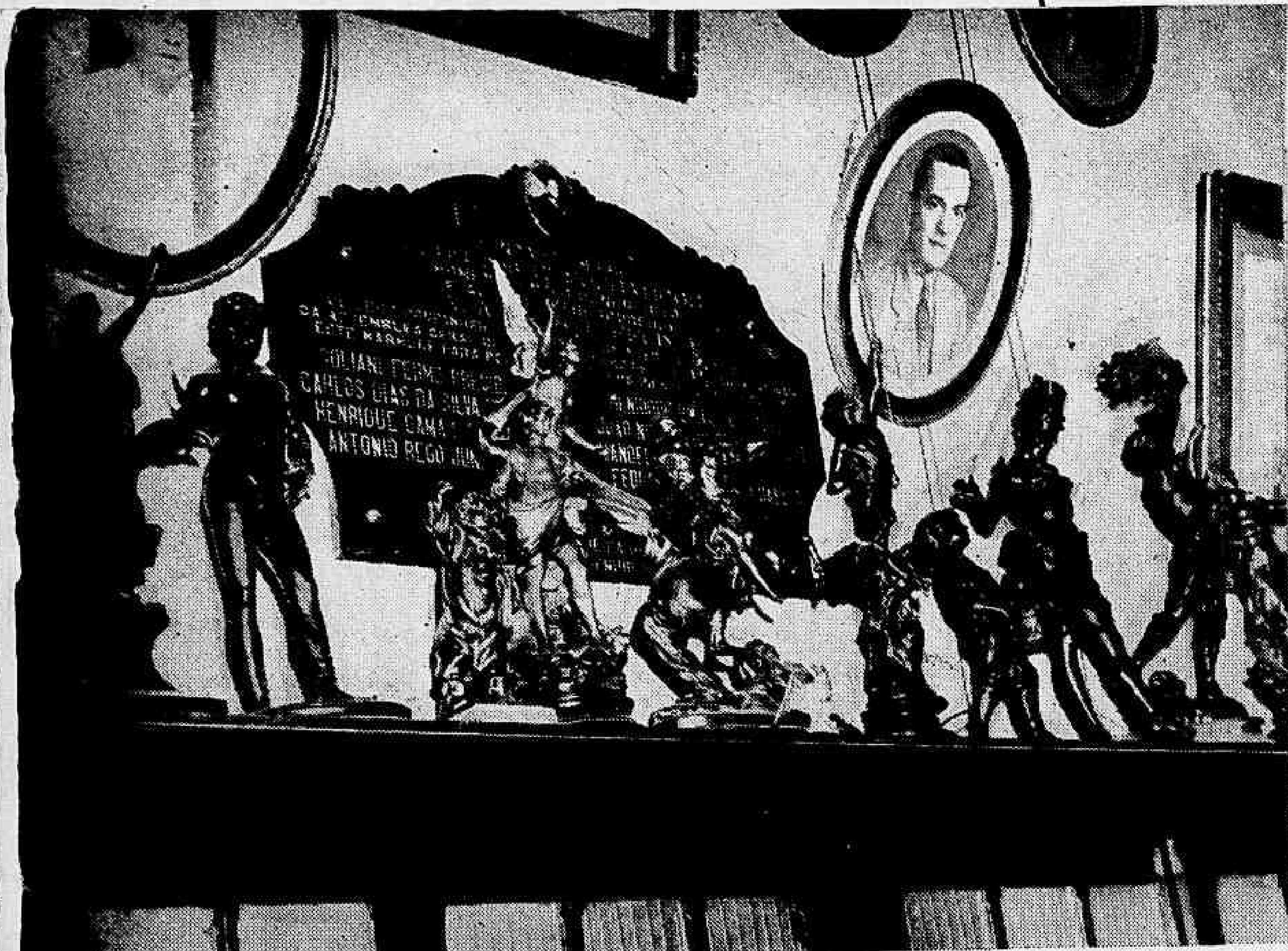
**FANTASIAS**, tambores, cuícas, bandeirolas, a banda completa, serpentinas, sambas e marchas, cantos, pulos e muita alegria na embaixada dos Democráticos que percorreu a cidade para comemorar 83 anos de glórias carnavalescas...



**A BANDEIRA** dos Democráticos, de listas horizontais em preto e branco. Já foram além dessas, verdes e amarelas



**DIRETORIA**: Presidente, Alfredo Alves da Silva; Sec. Geral, Nelson Borges de Carvalho; 1.º Sec., Osvaldo Casais Ribeiro; 1.º Tes., Manuel Marques Macedo; Diretor do Patrimônio, José Gonçalves de Sá Dir. Soc., Leonel Cipriano Viegas






**BRONZES** e troféus de todos os feitos, na sede do clube. Vitórias aladas, palhaços, máscaras, índios, pégasos e outras figuras mitológicas. Representa, sucessos do clube

**ALÉM DA BANDEIRA,** possui o clube um distintivo: a Águia Altaneira. Foi depois da República que os Carapicus criaram êsse símbolo, considerando a cooperação à causa

a antiga Rua do Cano, que passou a se chamar Rua do Hospício e atualmente Rua Buenos Aires. Pois foi do castelo que os Democráticos aí ocupavam, que, num de seus inflamados discursos, o abolicionista José do Patrocínio exclamou: "Dêste Castelo, eu reclamo dos brasileiros a proclamação da República". Isto por volta de 1870. Desde então popularizou-se a denominação que perdura até hoje.

Depois da Rua do Hospício, a sede dos Democráticos ainda esteve na Rua dos Andradas, no lugar ocupado posteriormente pela Fraternidade Lusa, em seguida na Rua do Passeio, onde hoje está o cinema Metro, na Praça Tiradentes, e por fim comprou-se o terreno aqui na Rua Riachuelo, em que hoje os Democráticos possuem a sede própria.

A segunda peculiaridade que quero lembrar é o nosso distintivo. Consta de uma águia de asas abertas, é a Águia Altaneira. Por ser a mais altiva das aves, por pairar sempre mais alto que as outras, representa ela condignamente o nosso clube, com todo o seu cortejo de triunfos.

— Em que ano os Democráticos saíram à rua com o primeiro préstito?

— Foi em 1868, o ano seguinte ao da fundação. Começou então a luta com as outras sociedades carnavalescas para conseguir a vitória nas competições da folia. Foi iniciativa nossa o préstito com carros de movimento. Isto, em 1897 ou 98, por obra do excelente artista Carranzini. O préstito representava uma apoteose à República, e a novidade era constituída pelo movimento de duas rodas, representando a fôrça.

— Poderia nos dizer quais foram os principais carnavais e préstitos que os Democráticos apresentaram?

— O Carnaval do jubileu do clube, em 1917, foi, sem dúvida nenhuma, o maior de todos. Ficou conhecido por Carnaval da Praça Mauá, devido a estarem localizados naquele logradouro os barracões do clube. Quanto aos préstitos, os melhores foram os seguintes: "O Guarani" — em homenagem aos nossos índios e à música de Carlos Gomes; "Ave, Libertas!" — apoteose à liberdade; "Ninho das Águias"; "Triunfo de Anfitrite", "Os Sete Pecados Mortais", "Independência", "Abolição" e "Proclamação da República", "Apoteose à Mulher" e a grande fantasia "O Gato e os Canários".

— Quais os artistas que trabalharam nesses préstitos?

— Desde o inesquecível Carranzini, contamos ainda com a primorosa contribuição artística de Hipólito Colomb, Jaime Silva, Publio Marroig e Ângelo Lasary. Êste ano, o nosso préstito está sendo preparado pelos cenógrafos Sobragil e Edy Carolo, pelos escultores João Zaco Paraná e Herme Stencer, pelo pintor Aurélio D'Alencourt e pelo maquinista Antônio Novelino.

— Gostaríamos de registrar o nome das personalidades mais em evidência que passaram por êste clube.

— Os Democráticos, como não podia deixar de ser, pertencem a tôdas as classes sociais. O Castelo foi sempre um reduto de Liberdade, e nêle pontificaram artistas, literatos, políticos e militares. Emílio de Menezes, Lopes Trovão, José do Patrocínio, Bastos Tigre, que foi durante algum tempo o Secretário do Clube, o general Lima Câmara, atual Chefe de Polícia, quando era tenente e a nossa sede estava na Rua do Passeio, o coronel Hamilcar Menezes, o saudoso prefeito Pedro Ernesto e tantos outros que contribuíram para o maior prestígio do nosso querido Castelo.

O Clube dos Democráticos tem como finalidade primordial as festas, os bailes e os préstitos carnavalescos. Isso não impede que os "Carapicus" cuidem da parte filantrópica. Êles mantêm todos os anos a tradição do Natal, durante o qual beneficiam milhares de necessitados, tendo aparecido sempre com destaque tôdas as vêzes que calamidades públicas nacionais e estrangeiras exigiram manifestações de caridade.

Outrora, durante o carnaval o clube fazia publicar um jornalzinho humorístico. O primeiro foi o "Clarim", mas o exemplar mais antigo guardado pelos "Carapicus" é do "Guiso", com data de 6 de fevereiro de 1886.

(Cont. na pág. 41)



**AO ALTO,** um troféu memorável, a Biga Romana. Dizeres: "Ao Campeão do Carnaval de 1927, classificado em 1.° lugar pelo júri de artistas, oferece o "Jornal do Brasil"




**AS PAREDES** na sala da Direção estão cobertas de retratos de sócios. Entre êles destaca-se o fundador, José Alves da Silva e a vimagem da padroeira., Nossa Senhora da Glória

# CIDADE MARAVILHOSA


















# CRÍTICA

UM pouco de humildade não faz mal algum a tôda crítica, pois são clássicos vários erros de julgamento, por parte de grandes e esclarecidos espíritos a respeito de seus contemporâneos.

Estivemos relendo um dêstes dias o volumezinho que Leon Treich dedicou a Victor Hugo — "L'Esprit de Victor Hugo" — e lá encontramos, extraídas do diário de Rochefort — "Les Aventures de ma Vie" — as opiniões de Hugo sôbre Balzac e Stendhal, aliás perfilhadas pelo próprio Rochefort.

Citemos o trecho.

Como Rochefort procurasse certa feita fazer com que Hugo lesse "Le Rouge et le Noir", o imortal poeta lhe teria dito:

— Tentei ler isso... Como conseguiu ir além da quarta página? Então conhece o "patoá"?

— Sim, concordo em que não é bem escrito, mas...

E Rochefort defendia a verdade de Julien Sorel e a beleza do romance. Hugo insistia:

— Quanto a mim, não me apaixono pelos erros de francês... Cada vez que procuro decifrar uma frase de seu livro predileto, é como se me arrancassem um dente.

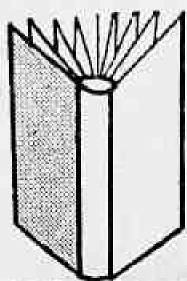
E esclarecia:

— As únicas obras que têm probabilidade de atravessar os séculos são as obras bem escritas. Acredita que se "Candide", de Voltaire, fôsse do mesmo estilo que "Le Rouge et le Noir", nós ainda o leríamos? Montesquieu fica porque é bem escrito. O sr. Stendhal não pode ficar porque êle não teve nunca, nem por um instante, idéia do que seja escrever.

E acrescentava:

— Ninguém mais do que eu tem maior admiração pelo gênio quase divinatório de Balzac. E' um cérebro de primeira ordem. Mas não é mais do que um cérebro — não é uma pena. O estilo é a arte de exprimir com palavras tôdas as sensações. Releia Balzac: perceberá bem depressa que êle ignora sua língua e que quase nunca diz as excelentes coisas que pretendia dizer. Também para êle a hora do esquecimento soará mais cedo do que se pensa.

Isso dizia Hugo, o gênio dos "Chatiments", sôbre dois gênios do romance, Stendhal e Balzac, que têm durado sempre, que "ficaram" — e ficarão, por certo, tanto quanto o mestre de "Os Miseráveis".



# SEMANA Literaria

## RECORDANDO...

EDMUNDO LYS

### FELIPE D'OLIVEIRA

A propósito de uma das últimas audições do seu programa "Convite à Poesia", da Rádio Ministério da Educação, dedicada à obra de Felipe d'Oliveira, recebeu Edmundo Lys êste telegrama:

"Em meu nome e no de minha família venho agradecer-lhe a hora de emoção e de saudade que nos proporcionou ontem na evocação tão carinhosa de Felipe, através da PRA-2. Cordialmente — João Daudt d'Oliveira."

★

### ÁLVARO MOREYRA VOLTA AO TEATRO

Entre os acontecimentos literários que marcaram êste princípio de ano está a notícia da volta ao teatro de Álvaro Moreyra, atividade em que foi um dos mais brilhantes animadores, desde o tempo do "Teatro de Brinquedo".

Álvaro Moreyra reaparecerá como homem de teatro por meio do "Teatro Folclórico", que agora inicia um movimento simpaticíssimo em proveito da nossa arte cênica.

★

### O GÊNERO POR EXCELÊNCIA

G. K. Chesterton considerava o romance policial como o gênero por excelência adequado a nos pintar homens capazes de se devotarem com tôdas as suas fôrças tanto ao bem como ao mal. Teríamos assim uma espécie de reprodução moderna do sentido trágico, puro ou elementar, outrora atingido pelo drama grego e, na era elizabetana, pelo teatro de Shakespeare.

★



Samuel Putnam e senhora, com o jornalista Armando Pacheco, quando da visita do escritor ao Rio, em 1947

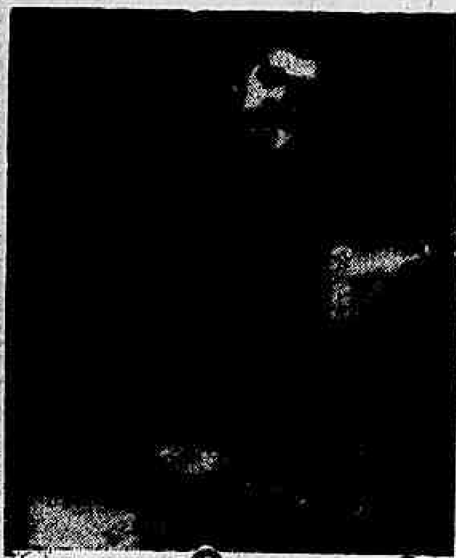
## FALECEU SAMUEL PUTNAM

No idade de 57 anos, faleceu, em Nova York, o escritor americano Samuel Putnam.

Putnam teve seu nome muito ligado ao Brasil, por suas traduções de "Os Sertões", de Euclides da Cunha, de "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre, e por sua bem informada história da literatura brasileira — "Marvelous Journey", em que estuda quatro séculos das letras nacionais.

Visitou-nos Samuel Putnam em 1947, quando recebeu um prêmio literário, da Associação Brasileira de Escritores, e uma condecoração da Ordem do Cruzeiro, além do título de membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

# PROUST E AS MULHERES



Marcel Proust

FANNY EZCURRA prenunciava, em artigo recente, a volta a Proust que atualmente se verifica:

"Depois de uma época de grande auge proustiano, havia sucedido a hora da negação e da crítica. Hoje, conforme a única lei constante da literatura, segundo Faguet — a mudança — Proust se reedita e se lê. Aparecem livros críticos, biografias e estudos. O segundo após-guerra promete ser tão proustiano como foi o primeiro."

De fato, sentimos que a nova geração começa a interessar-se pela obra de Proust, buscando nela aquêles valores eternos que as modas literárias não podem substituir. Seus livros, suas histórias e seu laborioso processo artístico na "procura do tempo perdido", suas figuras, seu mundo, sua personalidade e seu drama, todos os elementos que se somaram num dos maiores escritores de todos os tempos — voltam a interessar, a preocupar leitores e críticos, biógrafos e ensaístas. Proust está novamente presente, podemos assegurar, e os seus grandes, extensos e torturados livros avultam nas estantes, sobrepõem-se à efêmera literatura de "best-sellers", vêm corrigir os exageros da literatura horizontal, a crueza dos documentários que a guerra trouxe no seu bojo. E vamos procurar nos livros de Proust aquela generosa consolação da beleza, da verdade è da arte que conforta o coração de tôdas as suas angústias e nos traz certezas e alegrias. Notemos, de passagem, que as mulheres dedicam singular afeto à obra de Proust. Essa circunstância, que pareceu simples mundanismo, no outro tempo, quando Proust frequentava o Ritz e as "grandes-dames", tem talvez uma explicação menos frívola. E' que nos livros de Proust a mulher, sob suas rendas e suas incertezas, seus sacrifícios e suas futilidades, aparece minuciosamente estudada, apresentada com o rigor de indumentária e a verdade psicológica de que aquêle escritor, desapaixonado do eterno feminino e sempre fiel à função literária, pôs acima de suas experiências pessoais.

Conta-se, a propósito dêsse respeito de Proust à verdade, sua visita a certa dama, antiga amizade sua:

— Quero que me mostre um velho chapéuzinho que usava, no tempo em que passava habitualmente na rua Marighy.

A velha senhora ri e replica:

— Mas êsse chapéu eu o usava há vinte anos, meu caro Marcel... Como quer que o mostre agora?

— Ah! Com certeza o tem guardado em algum lugar. Mostre-me êsse chapéu, suplico-lhe. Não estará ali naquele armário? Numa das gavetas daquela cômoda?

— Não estará — continua ela, sorrindo. — Tenho o costume de desfazer-me de todos os meus chapéus velhos.

E Proust, penalizado, diante daquele desastre, da falta daquele detalhe que lhe impedirá recompor o traje de sua heroína, observa à velha amiga, aproveitando o incidente para uma lição:

— Pois é pena que proceda assim. Madame Daudet conserva todos os seus velhos chapéus...

Esta anedota é tìpicamente proustiana. E explica aquêle amor que as mulheres lhe dedicam: elas gostam de rever-se na literatura com os chapéus — e as almas — que realmente usaram um dia.

## PÉTALAS AO VENTO

Em nosso último registro de obras recém-editadas, falamos de prosadores. Hoje, para aproveitar — como o velho Eça — êstes calores do estio que embotam a ponta da sagacidade, vamos visitar os poetas, mais simples de ler e, não raro, de comentar.

Para início de conversa, aqui está êste livrinho menos que de bôlso — talvez de bôlsa, ou de "trousse", tão pequenino realmente é êle — com o título "Pétalas ao Vento", o subtítulo "Haikais" e assinado por um nome feminino — Fanny Luiza Dupré.



Haikais. Não sabemos quem é realmente o responsável pela vulgarização dessa forma poética japonêsa no Brasil. A verdade é que ela aqui medrou abundantemente e, isso, devido à sua aparente facilidade e à bizarria estrutural. Três versinhos — ora, quem não sabe fazer três versinhos? E daí a proliferação dos "haikais" entre nós, tão prolifera que já seria bom ir chamando a êsses vermezinhos poéticos com um nome brasileiro — aicáis.

Guilherme de Almeida, o grande poeta contemporâneo, criou o "haikai" brasileiro, que vale, sobretudo, como um achado técnico. Osório Dutra, outro poeta de categoria, movido pela virtuosidade formal, publicou um livro de "haikais". Outros poetas, maiores e menores, a sério ou por "piadismo", cometeram os seus "haikais". Parece que devemos atribuir esta japonesice poética a duas circunstâncias fortuitas: às heranças parnasianas, com o culto da poesia formal, e ao espírito de síntese de nosso modernismo da primeira hora, com a fobia do poema comprido.



Assim, com êsse duplo legado, mais nossa fascinação pelo exótico, chegamos ao "haikai", mesmo ao abuso dêle.

"Pétalas ao Vento" é um livro de poema em forma de "haikais". A abundância, desde logo nos previne contra a espontaneidade dos poeminhas em três versos. Pomos em dúvida que a poetisa tenha adotado o conselho, que cita, de Bashô: "Que vossos pequenos poemas venham do coração". Estamos a apostar que não. Ela deve ter se deixado levar pelo aparentemente fácil, pelo encanto da técnica.

Começamos a ler o livrinho. Logo no início encontramos êste "haikai":

*"Manacás serranos!*
*Flechas doiradas do sol*
*voam sôbre ti!"*

E adiante, pior:

*"Os raios solares!*
*Trazem novo colorido*
*à ramagem verde!"*

Com certeza, se no primeiro ainda pode haver uma impressão paisagística, além da falta da concordância, no segundo só existem mesmo dois pontos de exclamação... Não há idéia, impressão, sugestão poética

ALDOUS HUXLEY

Por MAX BEERBOHN

## Livros memoráveis do último quarto de século

*John Gunther indicou como os seus três livros memoráveis dos últimos vinte e cinco anos, os seguintes:*

*"Black Lamb And Grey Falcon" — de Rebecca West.*

*"An Autobiography" — de Jawahaslal Nehru.*

*Quanto às obras de ficção, Gunther ficou em dúvida na escolha, indicando:*

*"For Whom The Bell Tolls" — de Hemingway.*

*"Disorderand Early Sorrow" — de Thomas Mann.*

*"Arrowsmith" — de Sinclair Lewis.*

*"Brave New World" — de Huxley.*

*"The Ride Boy" — de F. Scott Fitzgerald.*

★

## POESIA DA BOLÍVIA

*A presença no Rio da declamadora Antonieta Larrain, criadora dos "recitais místicos", em que interpreta programas de poesia de caráter religioso, serviu, principalmente, para apresentar-nos alguns nomes da poesia da Bolívia.*

*Seu último recital, na A.B.I., foi do gênero místico. E, no programa da audição, em que incluiu alguns brasileiros, como Castro Alves e Olegário Mariano, Antonieta revelou seus magníficos dotes de intérprete do monólogo, trazendo ao nosso conhecimento alguns novos líricos da Bolívia entre o que de mais clássico existe em matéria de poesia religiosa.*

★

## POESIA

*Do "Prefácio do livro de qualquer poeta" — de José de Almada Negreiros, pintor:*

*A poesia é o mundo inteiro na mão; todo o jeito que se lhe der é perder o mundo inteiro.*

★

*Poesia é a vocação humana de não parcialidade na Vida.*

★

*Por que ser da recitação a maneira menos indicada para comunicar Poesia!*

*A poesia não aceita intermediários. E' direta. De homem para homem. Ato puro. Filha do momento. Ficou para sempre. Êsse instante já ninguém lho tira. E' inútil pôrem-se de permeio.*

★

*Poesia que faz brotar admiradores está sêca. Está feita para estontear.*

*A Poesia é a linguagem dos iguais dispersos no tempo. Os iguais não se admiram entre si; confiam-se, ou melhor, são iguais.*

★

*A Poesia "conhece" e não "sabe".*

*O saber é pouca coisa para quem conhece. O saber desencanta o mistério. O conhecimento vive cara a cara com o mistério.*

★

*O saber é apenas sistema para o conhecimento. Se se é tão curioso de aprender, por que não se é também de desaprender?*

★

*Quando se acaba um edifício tira-se-lhe o andaime.*

★

*Que expliquem a Poesia, isso é lá com êles, explicadores e explicandos. Conosco, apenas não nos perdemos da Poesia.*

## QUE LIVROS INFLUIRAM NA SUA VOCAÇÃO DE ESCRITOR?

Resposta de José Lins do Rêgo: **Werther, O Atheneu, Memórias,** de Mistral



**O romancista José Lins do Rêgo foi o primeiro escritor a quem fizemos a pergunta dêste inquérito.**

**E aqui está sua resposta:**

**— O primeiro livro que li, emocionado, na minha juventude, foi o "Werther", de Goethe. Na infância, passava momentos de êxtase com a "História de Carlos Magno e os Doze Pares de França", a mais importante contribuição do novelesco para o meu futuro de escritor. Mas a substância para a minha formação de romancista, quando investigo o assunto, vejo que foi "O Vermelho e o Negro", de Stendhal.**

**Finalmente, para ser mais preciso na sua resposta, José Lins esclareceu ainda:**

**— O tão falado "ciclo da cana de açúcar" teve também uma inspiração livresca. O que me deu idéia de realizá-lo foi uma obra de encontro casual, as "Memórias", de Mistral.**

**— E na literatura nacional o que poderá citar como contribuição para sua formação de escritor?**

**— "O Atheneu", de Raul Pompéia, lido ainda na adolescência, ao tempo de colégio.**

# FÓRA DO PRELO

alguma. E podíamos continuar a citar muitos outros dêsses "haikais" sem qualquer sombra de poesia e com muitos pontos de exclamação:

*"Os lírios do vale!*
*Um perfume se derrama...*
*Ar embalsamado!"*

*"Ó! paisagem viva*
*Campestre da minha terra!*
*Lá... bem longe, a serra..."*

*"A coruja pia.*
*Telhado velho de casa!*
*Ó! é noite escura..."*

Não devemos concluir por essas leviandades que Fanny Luiza Dupré não possua vocação poética. Pelo contrário, em alguns de seus poemas vislumbra-se que ela realmente poderá fazer versos menos banais e intencionais do que êstes. Talvez se trate aqui de uma obra de estréia e é bom que alguém advirta à poetisa para desconfiar dos elogios fáceis e baratos com que se cercam as escritoras, entre nós. De nossa parte preferimos aconselhá-la a abandonar o "haikai" que é artificialismo e literatice mesmo nos grandes poetas — que não são japonêses — é claro.

SUL-AMERICANAS

O poeta e professor — principalmente professor — Almeida Rocha nos promete neste livro "Sul-Americanas" (Pongetti), aberto por uma carta do ex-chanceler Osvaldo Aranha, poesia de acentos sul-americanos. E', como se vê, uma promessa auspiciosa. Abrimos o livro com grandes esperanças, certos de encontrar não apenas paisagens e figuras, mas ainda poesia de idéias, como a que preconisa Robert Frost, pois o assunto é para isso. A obra de Almeida Rocha abre-se com um soneto de Eliseo Fringes e prossegue com "O Livro e a América", de Castro Alves, e com "Elogio de La Lengua Castellana", de Juana de Ibarbourou, encerrando a parte de epígrafes com a quadrinha que o autor dedica à "Língua Portuguêsa" e que diz assim:

*"Tu, língua portuguêsa, és mui sonora*
*És bela, culta e rica, és imponente,*
*Simbolizas o todo desta gente,*
*Vais difundir-te pelo mundo afora."*

Ora, êsses quatro versos são paupérrimos de poesia e de linguagem. Como versos — são forçados até ao "mui sonora" e, como linguagem, não são belos, nem cultos, nem ricos, muito ao contrário.

Vamos aos poemas. Almeida Rocha descobriu a maneira de fazer versos com substantivos próprios e denominações geográficas. Na parte do livro dedicada à Argentina, por exemplo, êle diz:

*És a Terra de Mayo e San Martin,*
*Herói de Chacabuco, de Maipu;*
*Paladino do Exército dos Andes;*
*Libertador do Chile e do Peru."*

Apesar dêsse "Mayo" misturado ao herói San Martin, aguardamos que, depois da primeira estrofe, o poeta nos fale do libertador, nos dê sua contribuição pessoal sôbre os fatos que indica sua visão poética da Argentina. Qual! O poeta continua:

*"Sus! Pátria de Sarmiento, Urquiza,*
*[Roca,*
*Saenz Peña, Rivadavia, Guido Spano,*
*Martin Rodrigues, Alvear, Moreno,*
*De Manuel Garcia e de Belgrano!"*

Êsses versos dão idéia de catálogo telefônico rimado ou de guia de cidade pôsto em métrica.

Mas, ainda há coisas muito mais estranhas, neste livro, como esta quadra do poema à Bolívia:

*"Boas cidades possuis:*
*Sucre, Trindade, Tupiza,*
*Riberalta, Cochabamba,*
*Puerto Suarez e Caiza."*

O poema sôbre o Brasil começa assim:

*"Eu te saúdo, Pátria de Bilac,*
*Floriano, Alencar, Marcílio Dias,*
*Osório, Tiradentes, Rio Branco,*
*Rui Barbosa, Taunay, Feijó, Caxias..."*

Êsses quatro versos nos sugerem naturalmente a raiva de Bilac, se os lesse, vendo-se separado de Floriano apenas por uma vírgula...

Há num dos poemas sôbre a Colômbia esta estrofe que parece recurso mnemônico de examinando de geografia em vésperas de prova:

*"Sonsón, Socorro, Ibagué,*
*Santa Marta, Montería,*
*Andes, Armenia, Pereira,*
*Velez, Cartago, Antioquia!...*

Bem, os leitores já devem ter uma idéia da lírica do poeta de "Sul-Americanas", que, antes, publicou dois outros livros elogiados pela crítica: "A Chave da Crase" e "Cânticos do Nordeste". Por mais simpática que nos pareça a idéia dêste livro de poesias de boa-vizinhança, a verdade é que nêle não encontramos nada que justifique os encômios ao professor da "A Chave da Crase", nem ao poeta de "Cânticos do Nordeste".

ABKAR

Chafic Maluf é o autor de "Abkar, a Cidade dos Gênios", poema árabe, traduzido do original pelo professor Mussa Kuraiem, com versificação do poeta Judas Isgorogota.

Trata-se de uma re-impressão aumentada dêsse poema mitológico, pois Abkar, segundo os árabes, era uma região desconhe-



**cida, habitada por duendes e "jiins". Explicando essa zona de poesia, o autor informa também que todo poeta era inspirado por um duende.**

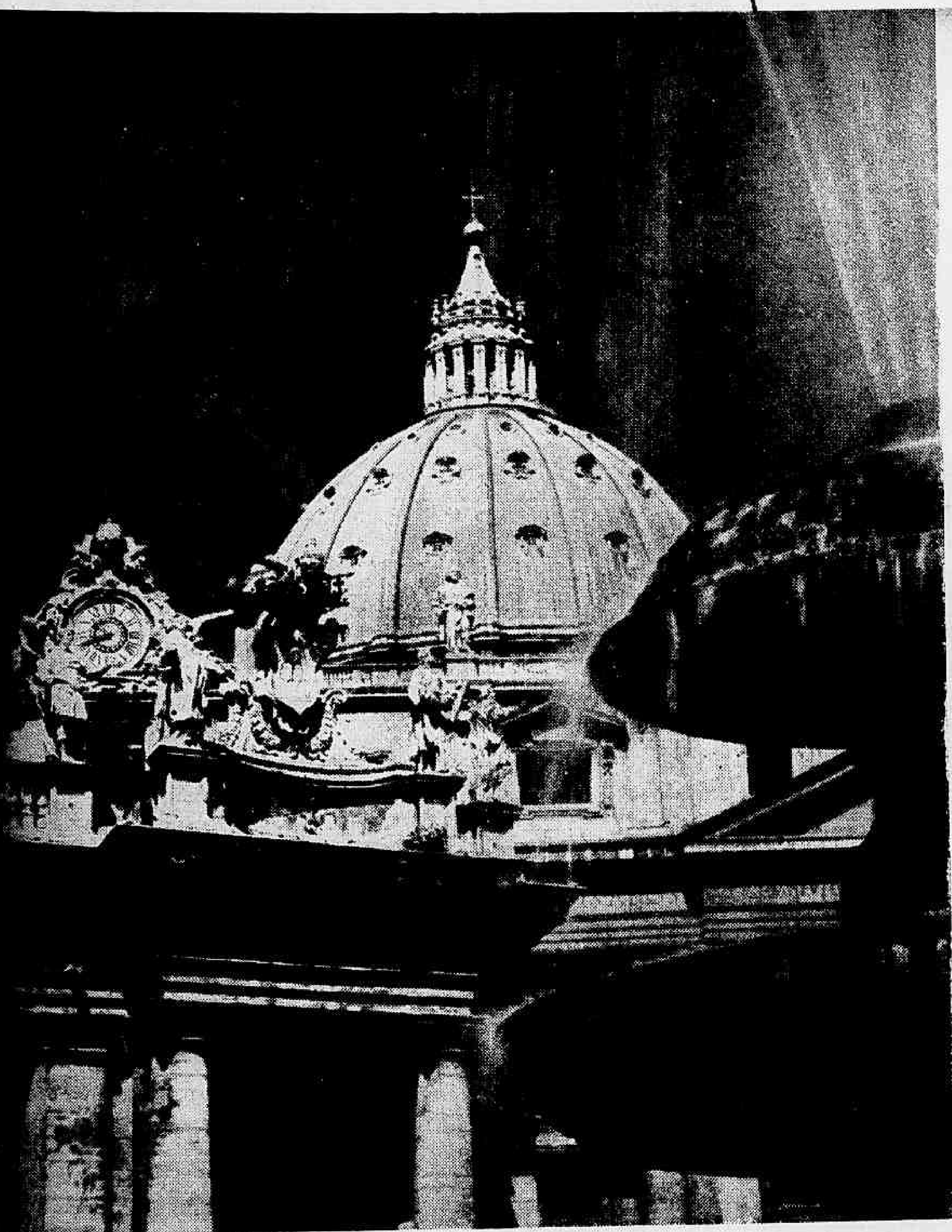
**Lemos êsses poemas e lendas — que uns e outros confluem na obra de Chafic Maluf. Estas páginas conservam o mistério e o encanto exótico da literatura arábica. Estamos, porém, em que a versificação de Judas Isgorogota tirou um pouco do movimento e do sabor dos textos poéticos árabes. São formas nossas, corretíssimas — pois Isgorogota é um de nossos bons poetas — mas prejudicam, pelo próprio apuro formal, o ritmo mais dolente da poesia árabe, traduzem muito o conteúdo lírico dessa poesia, cuja linguagem alegórica é um dos seus maiores prestígios.**

**Os apreciadores da poesia árabe encontrarão em "Abkar" novas fontes de interêsse e a descoberta de mais um revelador apaixonado dessa cultura rica e estranha.**

**LIVRO DE MINHA ALMA**

**Nesta edição de autor, encontramos as poesias de Hélio Chaves, do P.E.N. Club, como adverte o poeta.**

**(Cont. na pág. 43)**



"CLOSE-UP" da monumental cúpula da Catedral de S. Pedro, em Roma, a mais famosa igreja do mundo, vendo-se, em primeiro plano, o perfil de uma das fontes da praça




FLAGRANTE tomado na abertura do Ano Santo de 1925, quando ocupava o trono Pontifício S. S. Pio XI, o qual, ao abrir-se a Porta Sagrada, antes de entrar, ajoelhou-se

# ANO SANTO E O VATICANO

Por JOÃO ALVARENGA

AS cristalinas notas musicais do Côro da Capela Sixtina ecoavam através da imensa Praça de S. Pedro, na última véspera de Natal, quando o Papa Pio XII surgiu em sua "sedia gestatoria" em frente ao pórtico da Basílica.

Cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos, escoltas de membros da Côrte Pontifícia, Ministros do Gabinete Italiano, diplomatas e muitas outras personagens, todos admiravam a magnitude da abertura do Ano Santo, quando, flanqueado por dois cardeais, o Papa se dirigiu àquele retângulo de mármore branco, a Porta Sagrada, e deu início à tocante cerimônia.

Em meio de completo silêncio, apesar da imensa multidão que se aglomerava diante da Igreja de S. Pedro e nas ruas vizinhas, Nicola Cardinal Canali no desempenho de chefe da penitência, entregava ao Papa o martelo de ouro com cabo de marfim e lhe indicava ser o momento de dar a primeira pancada na porta, pronunciando a tradicional invocação: "Abram-se para mim as portas da Justiça".

Por três vêzes o Pontífice bateu àquela Porta Santa, pronunciando as palavras do rito multi-secular, até que, à última, a Porta se abriu e êle entrou, sem a mitra, quando, já transpostos os umbrais do Templo, foi-lhe colocada novamente na cabeça, seguido de todo o brilhante cortejo.

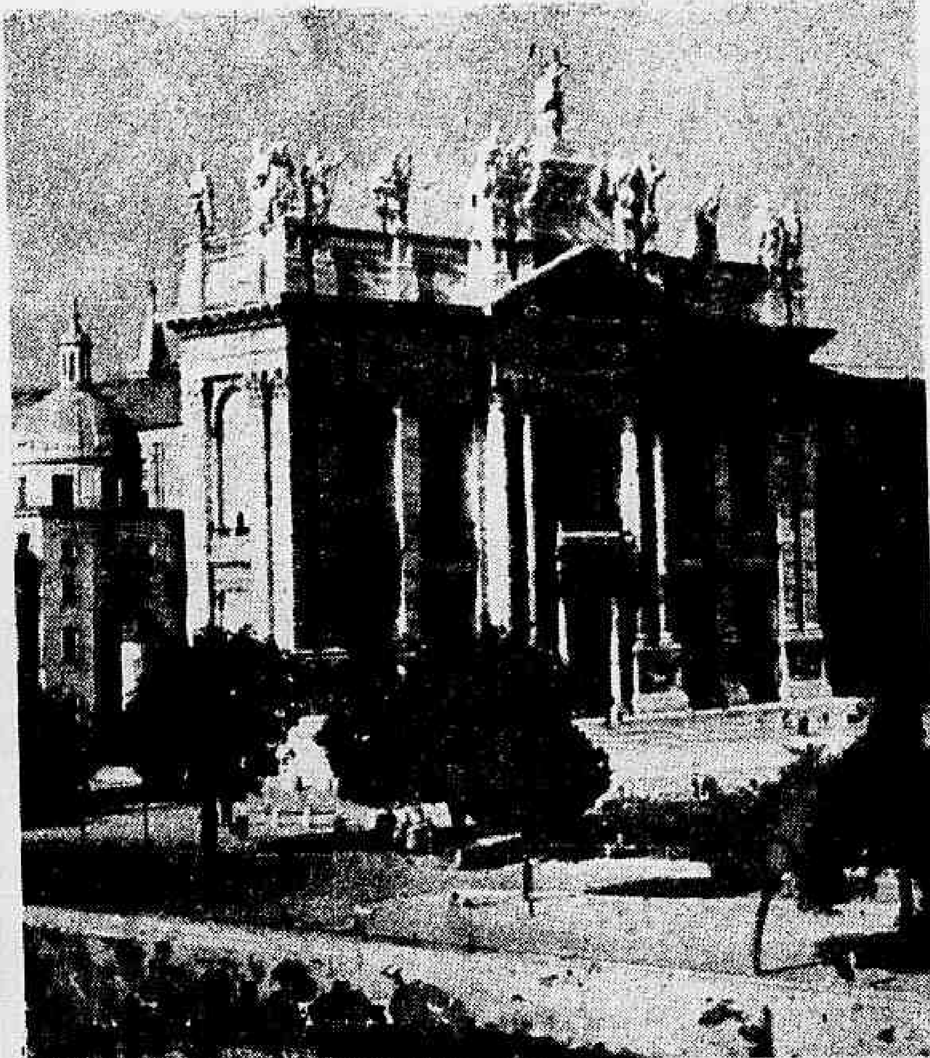
Sacerdotes, à proporção que penetravam na Igreja de



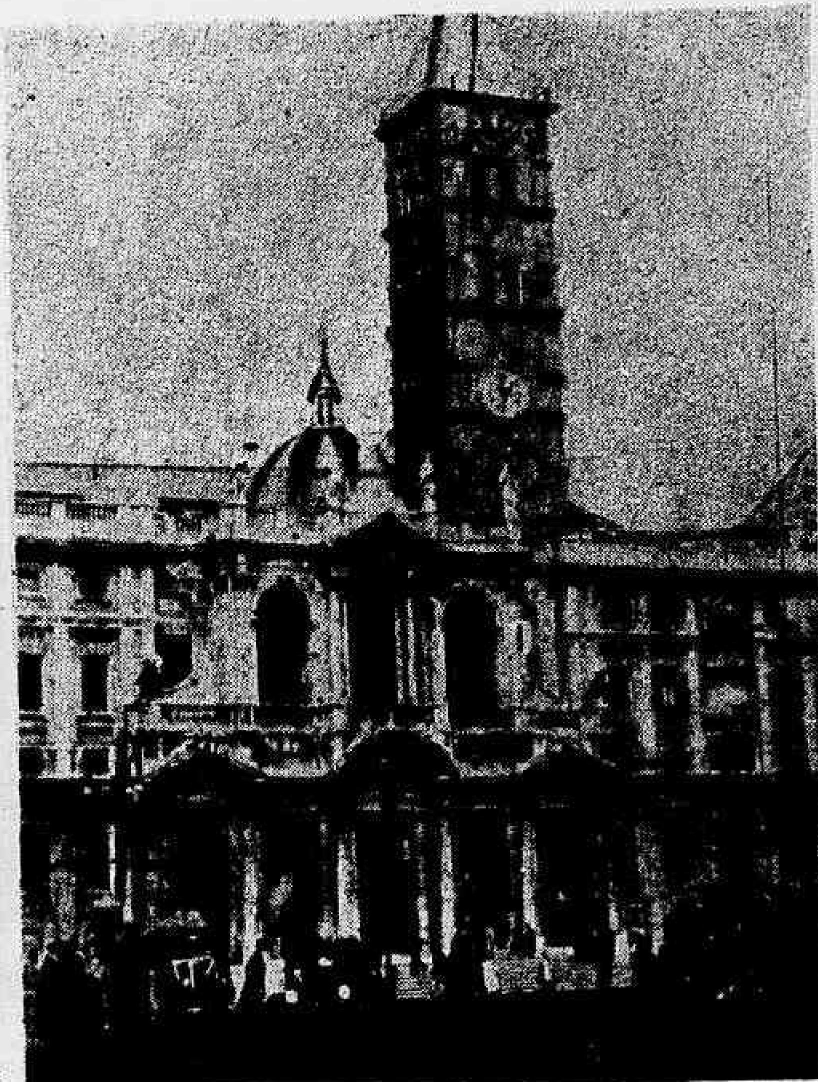
VISÃO panorâmica tomada do alto sôbre a grande Praça do Vaticano, vendo-se, em tôda a sua magnitude a Basílica de S. Pedro, a Praça, fontes, obelisco, as edificações do Estado do Vaticano e o casario de Roma. Cidade cujas origens se perdem na penumbra dos tempos e da lenda, Roma voltou, êste ano, a regorgitar de peregrinos e turistas



A BASÍLICA de S. Paulo, fora dos muros do Vaticano, é um dos mais tradicionais templos católicos de Roma



ESTA é outra das grandes basílicas de Roma, a igreja de São João de Latrão, parte integrante do Ano Santo



A BASÍLICA de Santa Maria Maior foi incluída nas solenidades da abertura do Ano Santo, segundo a tradição

S. Pedro pela Porta Sagrada que abria o Ano Santo de 1950, iam beijando reverentemente o portal direito, enquanto o Papa se dirigia para um dos pontos culminantes das celebrações: o "Te-Deum".

E' êste o 25º Ano Santo em tôda a história da Igreja Católica. O primeiro jubileu foi proclamado por Bonifácio VIII no dia 22 de fevereiro de 1300. Segundo havia determinado êsse Papa, o Ano Santo seria realizado de cem em cem anos; porém vários Papas que o sucederam foram diminuindo êsse periodo, até que Paulo II, em 1470, fixou-os de vinte e cinco em vinte e cinco anos, ou seja, um quarto de século.

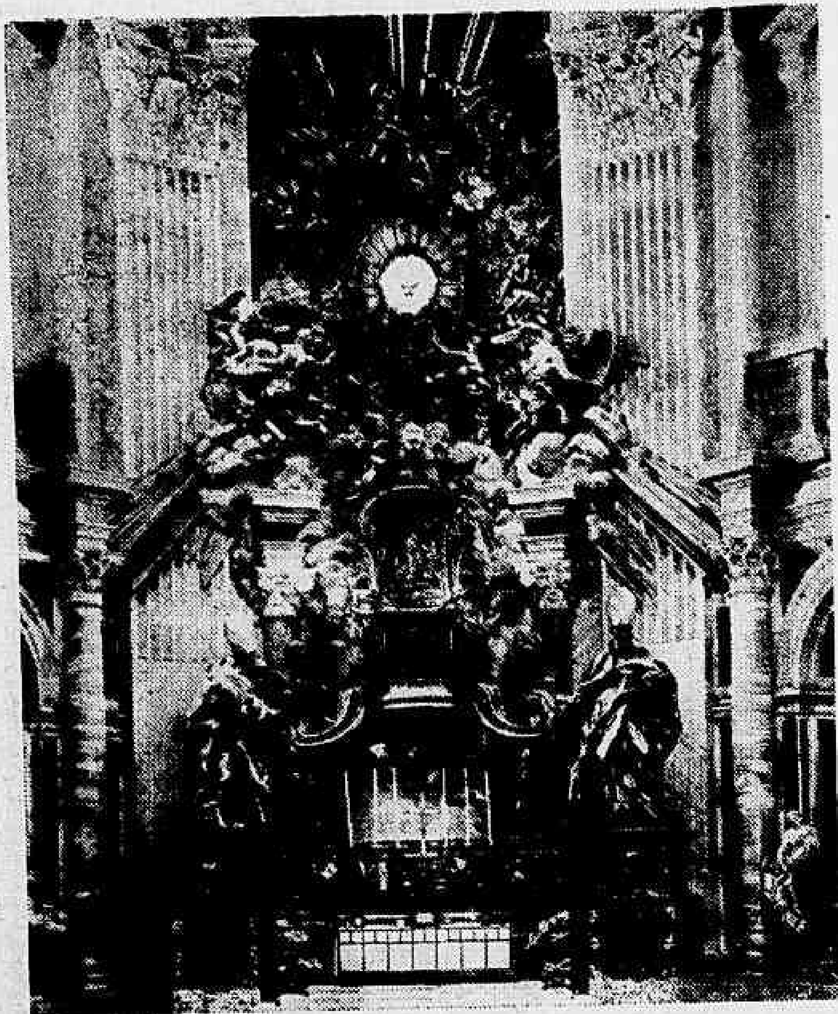
Dentre as finalidades do programa dêste Ano Santo organizado pela Igreja de Roma, destaca-se o combate ao comunismo em todos os paises, a começar da Itália, que hoje possui a segunda organização soviética do mundo, depois da própria Rússia.

A todos os peregrinos que afluiram à Cidade Eterna, pediu o Papa que lutassem contra as fôrças anti-religiosas dos inimigos da Igreja, resistindo às perseguições, às conspirações e deserções.

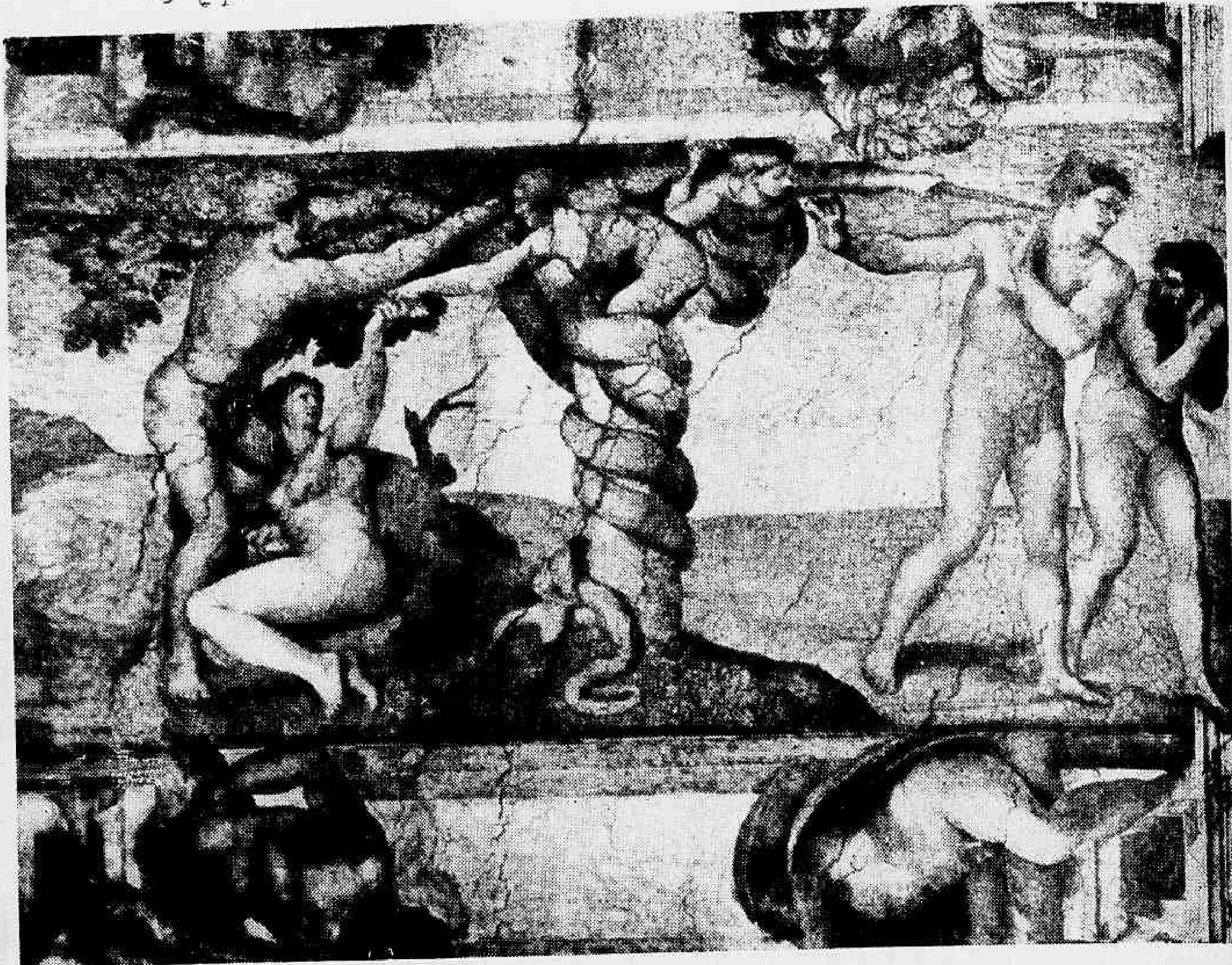
Embora a finalidade primacial dessas celebrações seja a puramente espiritual com a concessão de indulgências e as bênçãos celestes, está o atual Pontífice sèriamente empenhado em conseguir o mais aceso combate às idéias revolucionárias que ameaçam o prestigio da Igreja de Roma.

EIS UMA deslumbrante visão do que foi a celebração do último Ano Santo levado a efeito pela Igreja Católica, em Roma, a 24 de dezembro último. Enorme multidão de fiéis, calculada em 400 mil pessoas, vindas de tôdas as partes do mundo se apinhavam na imensa Praça de S. Pedro, ansiosa para ouvir a palavra do Pontífice e festejar o Jubileu





UM DOS belos altares da Basílica de S. Pedro, representando, alegoricamente, o Triunfo da Cátedra do Apóstolo



E' NA CAPELA Sixtina que se vê um dos mais impressionantes painéis de Miguel Angelo. Representa o Pecado e a consequente expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Note-se o nu artístico do casal que infringiu as leis de Deus

De tôdas as partes do mundo chegaram peregrinos para as colossais festas do Ano Santo, repetindo-se as comemorações de 1925, quando Roma recebeu delegações do mundo inteiro.

Êste ano, porém, com o Partido Comunista em plena agitação na Cidade Eterna, tendo-se espalhado os boatos mais aterrorizadores a respeito de demonstrações esquerdistas para perturbar o desenvolvimento das celebrações jubilares, o próprio Papa se acautelou e procurou dar às solenidades um cunho de estrito espiritualismo, sem estimular os fiéis a quaisquer vinditas.

Por sua vez os esquerdistas não realizaram o programa de que se falava tanto em Roma, tendo-se efetuado a abertura do Ano Santo de 1950 dentro da maior ordem e paz.

A Igreja Católica, depositária de tradições milenárias, procura nutri-las cada vez mais no coração dos seus fiéis espalhados pelo mundo inteiro, e todos êsses atos têm sua razão de ser, sua origem de fundo religioso que o tempo cada vez mais robustece e consolida.

O Ano Santo, embora de caráter religioso, se estende à vida civil dos povos católicos, incidindo sôbre a própria Justiça terrena, com a concessão de indultos a criminosos primários.

Um dêsses exemplos acaba de suceder com a velha mãe do famoso bandido Giuliano, que, estando condenada e recolhida à prisão na Sicília, acaba de ser posta em liberdade, graças à influência do Ano Santo de 1950 em favor dos condenados nas suas condições.

No Brasil também os benefícios do Ano Santo perante delinqüentes primários, condenados por atos ilícitos de pouca monta, de acôrdo com os respectivos processos, serão observados conforme estabeleceram os altos poderes da República.

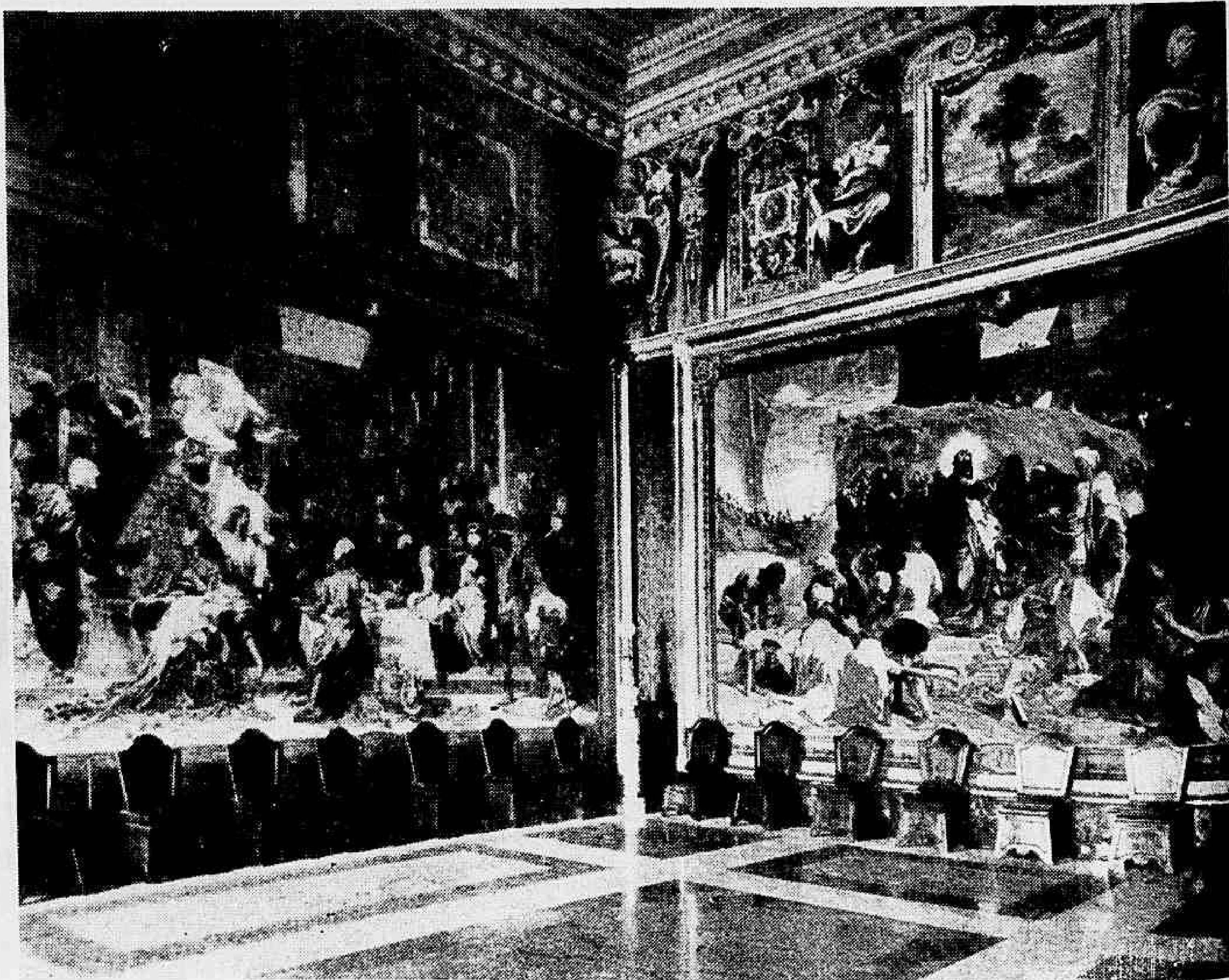
E assim, dando-se início a um período de fé e esperanças na vitória do cristianismo, entramos em 1950, cheios de confiança no futuro e na paz entre os povos.



BASÍLICA de S. Pedro. Túmulo de Alexandre VII, escultura de Bernini e um dos pontos de admiração de turistas



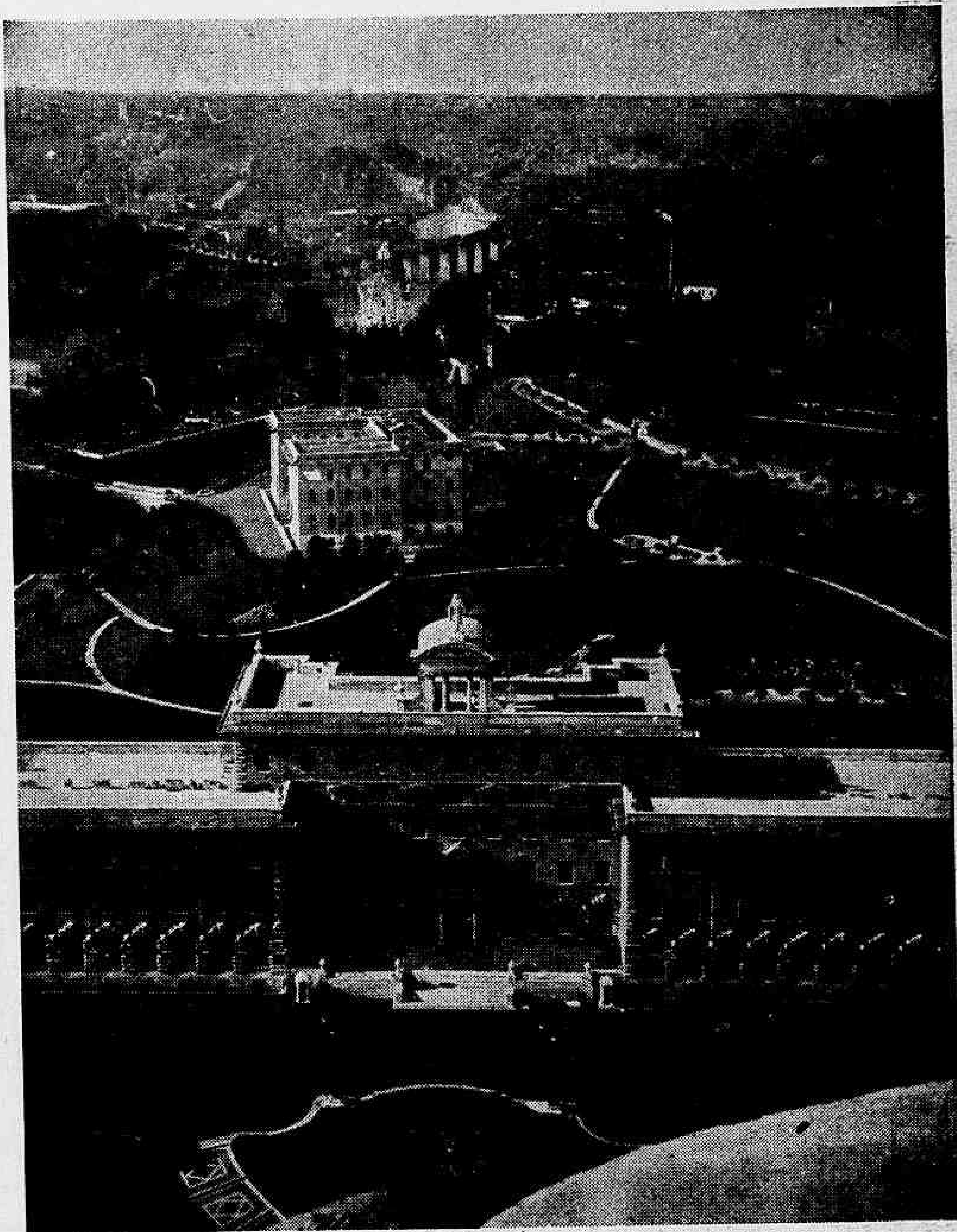
QUEM VISITA as maravilhas de arte do Vaticano se extasia diante dêste quadro: "A Piedade", de Miguel Angelo



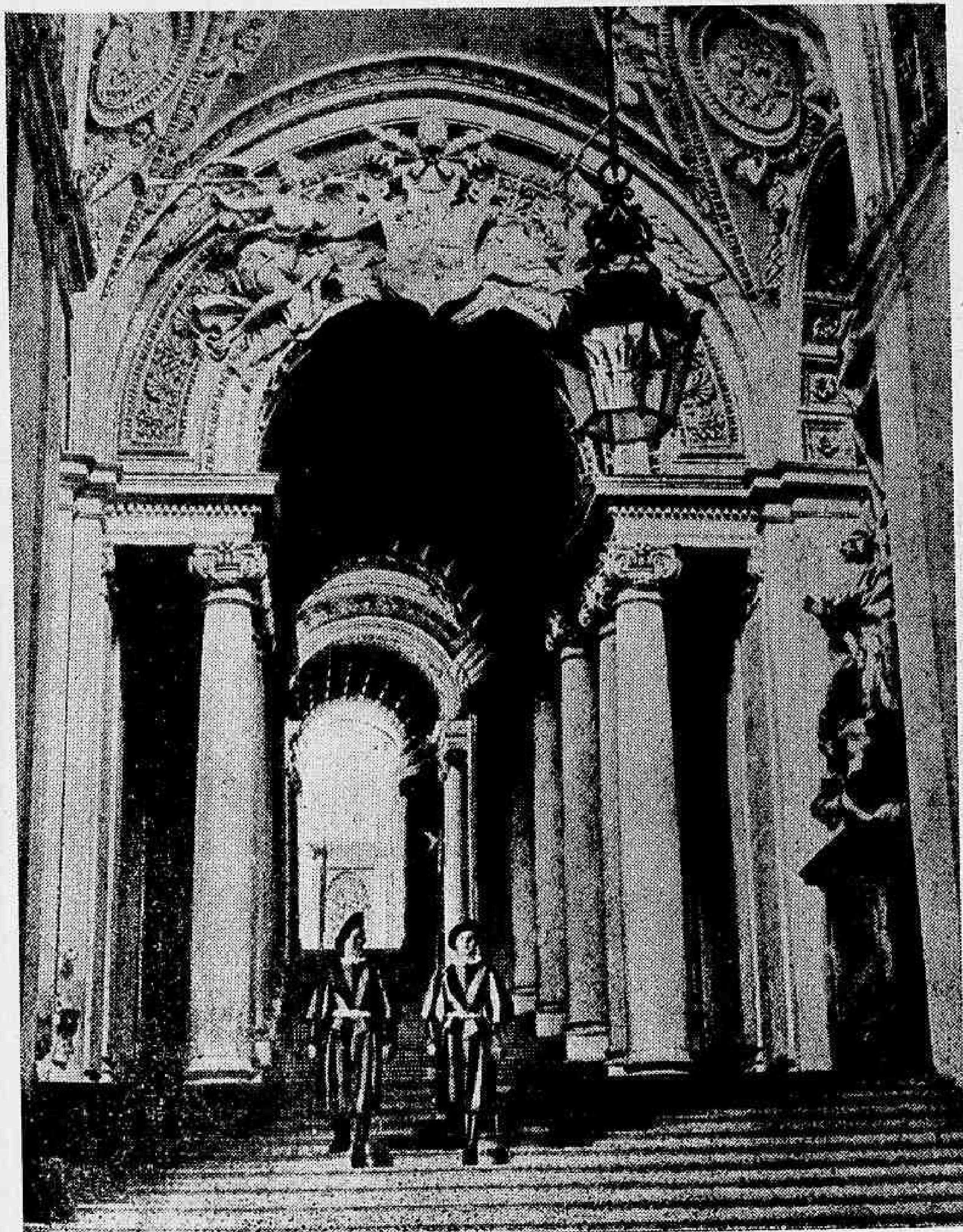
TEMOS NESTA fotografia um dos mais célebres e visitados recantos do Vaticano, o chamado "Salão dos Tapetes". Representa em tôda a sua magnificência, diversas cenas bíblicas de indescritível efeito e valor histórico e religioso



O ESTADO do Vaticano não possui exército. Mas, para a guarda do Pontífice, seu soberano, e manutenção da administração interna, policiamento e demais garantias de paz, há desde séculos, um corpo militar denominado "Guarda Suiça". Aqui, o juramento



A CIDADE DOS PAPAS oferece panoramas de deslumbrante beleza pictórica e tem inspirado muitos escritores e poetas. Aqui mostramos ao leitor um dêsses panoramas da Cidade do Vaticano, com o viaduto ferroviário, um dos mais antigos monumentos



E' MONUMENTAL a Basílica de S. Pedro, como são de grande suntuosidade os demais templos e basílicas do Vaticano e seus palácios administrativos. Nesta fotografia vemos a chamada "Escada Régia", uma das entradas do Vaticano, com dois "guardas suiços"

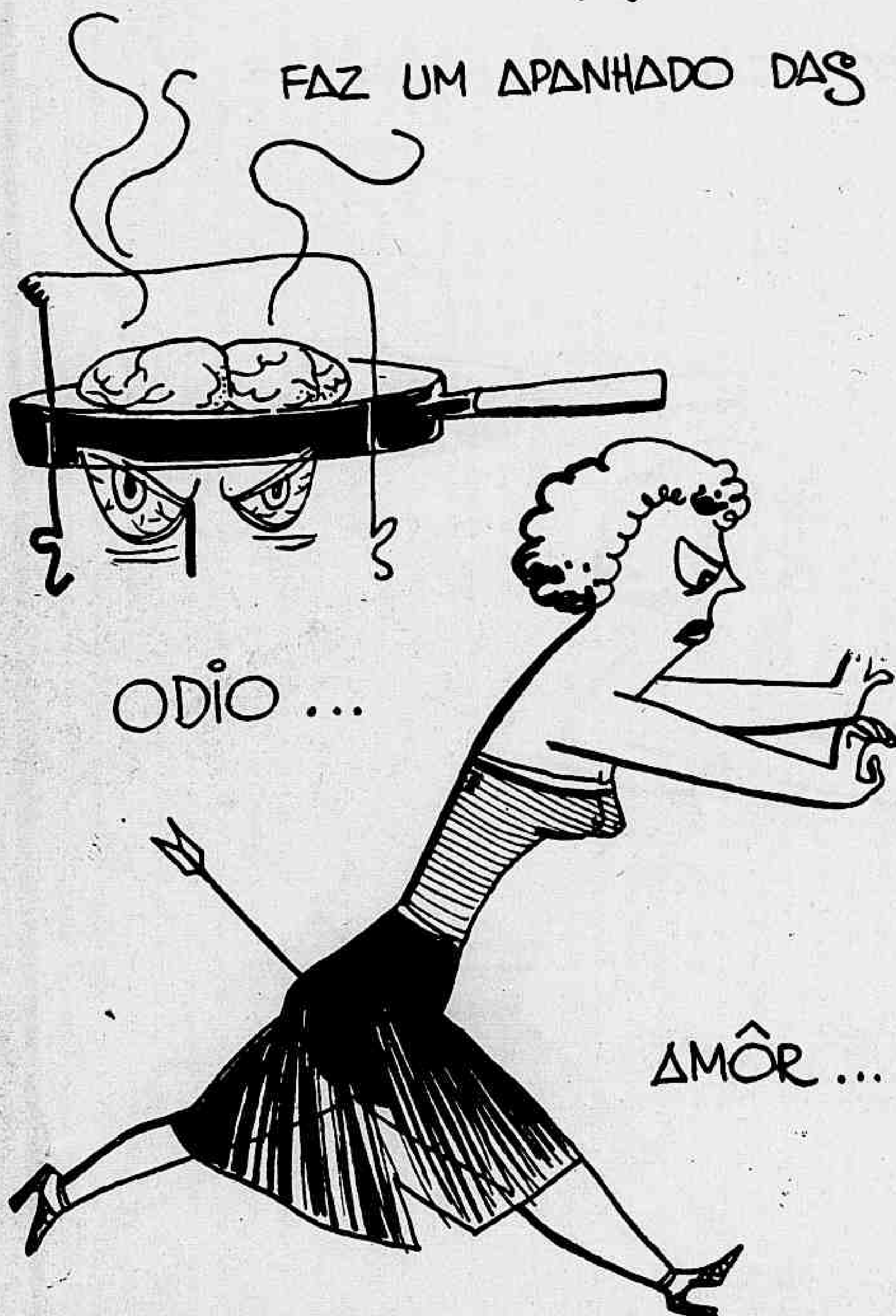


NAO HÁ EDIFÍCIO no mundo que, pelas suas proporções gigantescas ou pelos tesouros de arte, repositórios históricos e riqueza efetiva, se compare com o Vaticano. Os seus museus estão entre os mais admiráveis. Aqui uma vista do Átrio da Escada Helicoidal

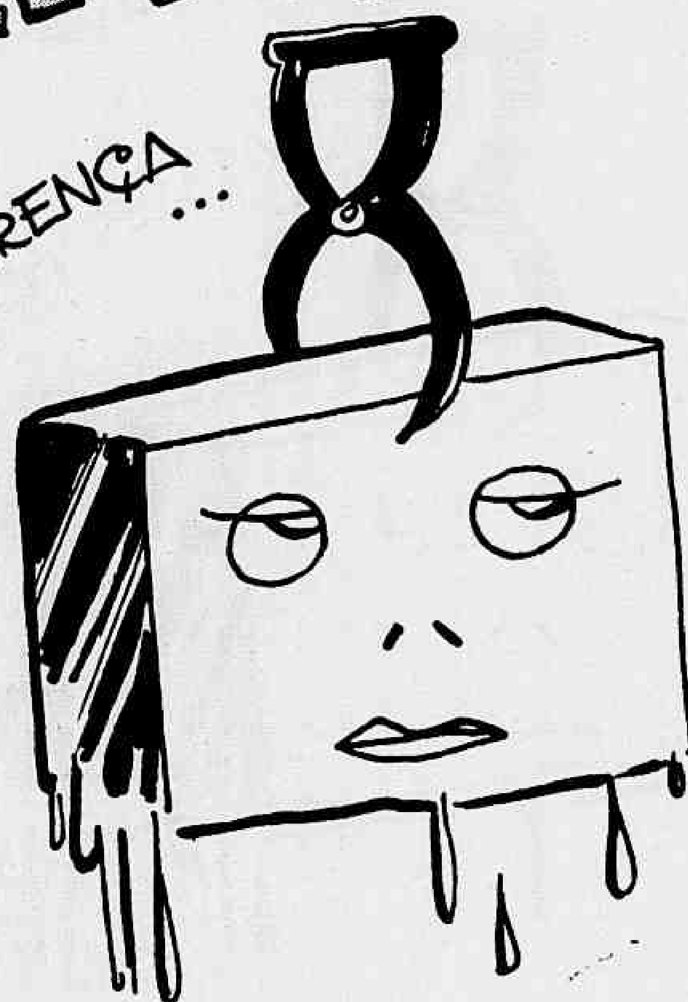
Nicodemus . . .

FAZ UM APANHADO DAS

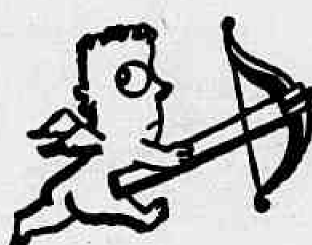
# EMOÇÕES HUMANAS...



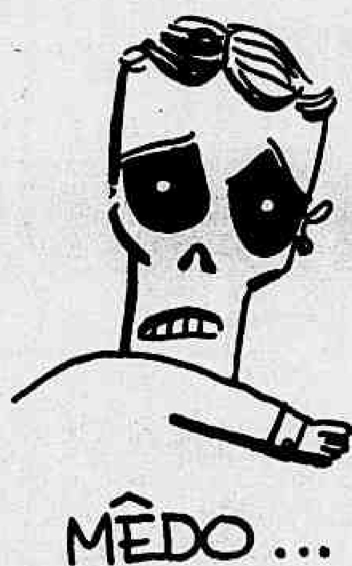
ODIO...



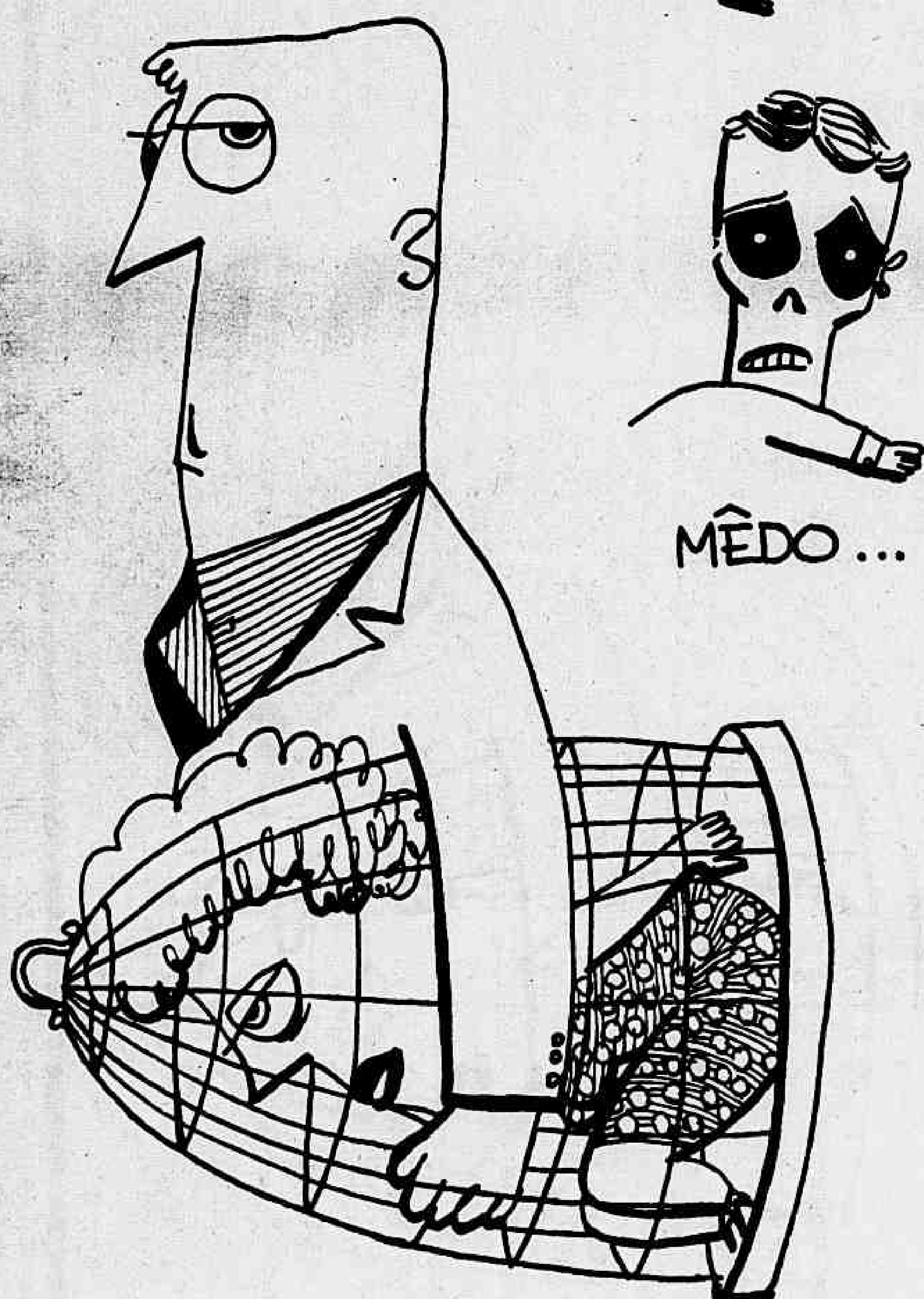
INDIFERENÇA...



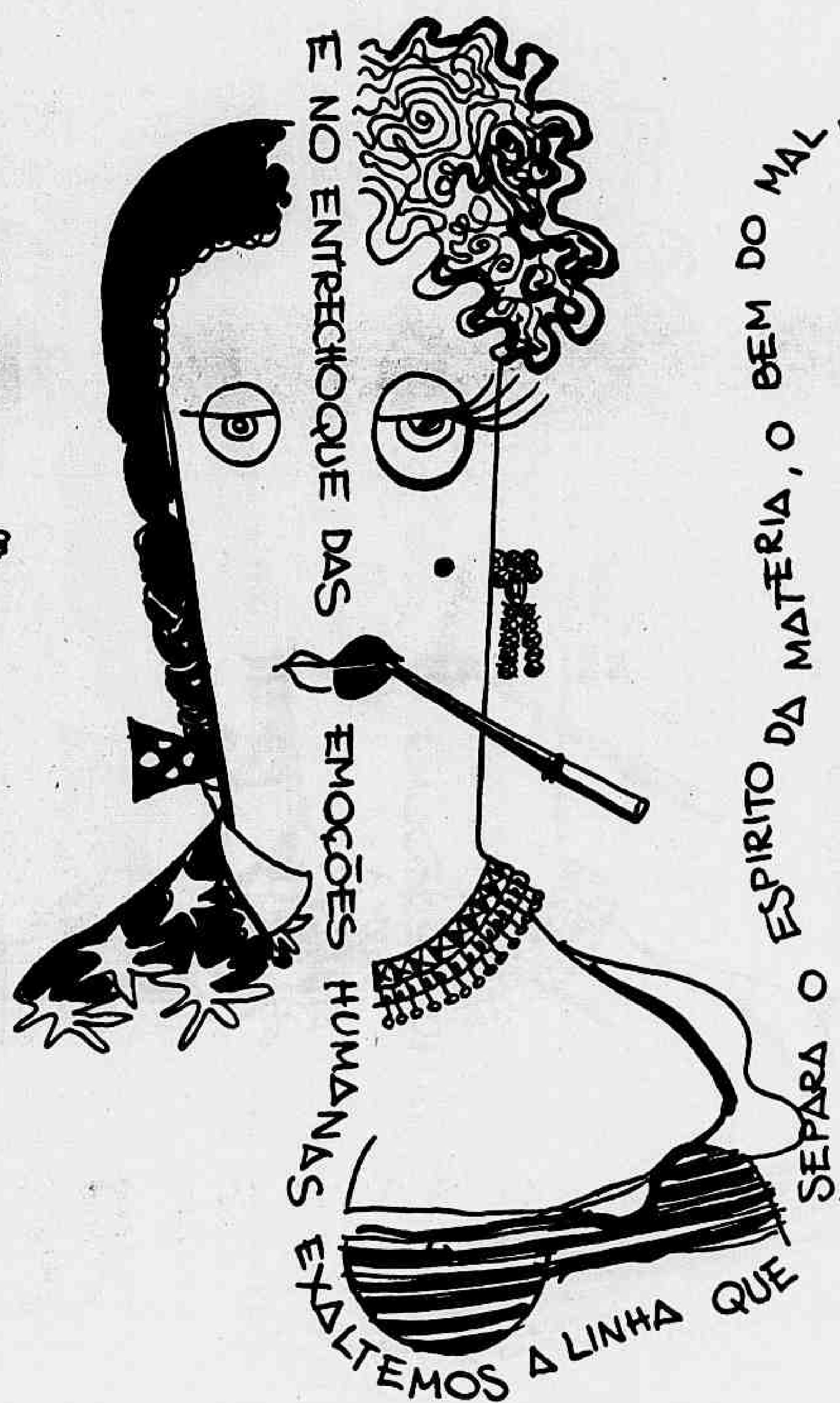
AMÔR...



MÊDO...



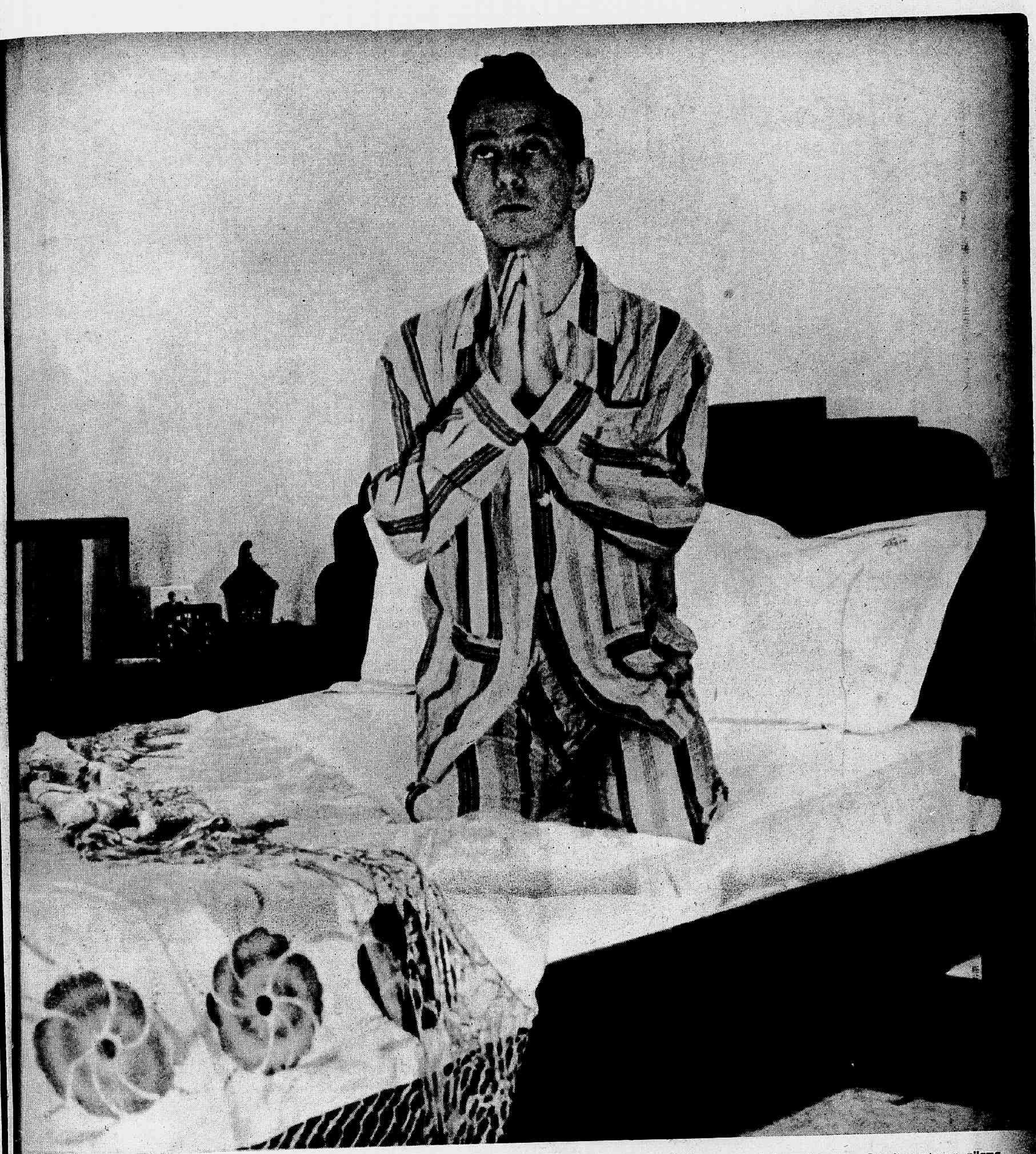
CIUME...



E NO ENTRECHOQUE DAS EMOÇÕES HUMANAS EXALTEMOS A LINHA QUE SEPARA O ESPIRITO DA MATÉRIA, O BEM DO MAL, A ENFERMEIRA DO MEDICO, E QUE NOS FAZ PENSAR MEDITAR REFLETIR ANTES DE SERMOS VENCIDOS E NOS ENTREGARMOS DE CÔRPO E ALMA À TENTAÇÃO DA

**CARNE...**

DE UM FILET MIGNON...



1 Após um dia estafante de trabalho e preocupações, recolhido enfim ao "sweet home", depois de um jantarzinho leve e uma ducha restauradora, Oscarito veste um pijama, calça os chinelos, passa uma vista pelos vespertinos e acaba por se dirigir ao quarto, já que pretende tirar uma boa soneca até o dia seguinte, que será de muito trabalho. Abre completamente a janela, pois sendo alta não há perigo de ladrões, olha sorrindo para a cama, antegozando o sono e, de joelhos, reza: "Meu Deus, dai saúde a mim e a todos os meus, sucessos artísticos, dinheiro e felicidade. Dai juízo aos políticos. Que o Brasil seja o campeão mundial de futebol, e o América o campeão da cidade. Dai-me um bom sono para esta noite. Amen". Dito isso, deita-se. O relógio marca 10.30.

# OSCARITO SOFRE DE INSÔNIA

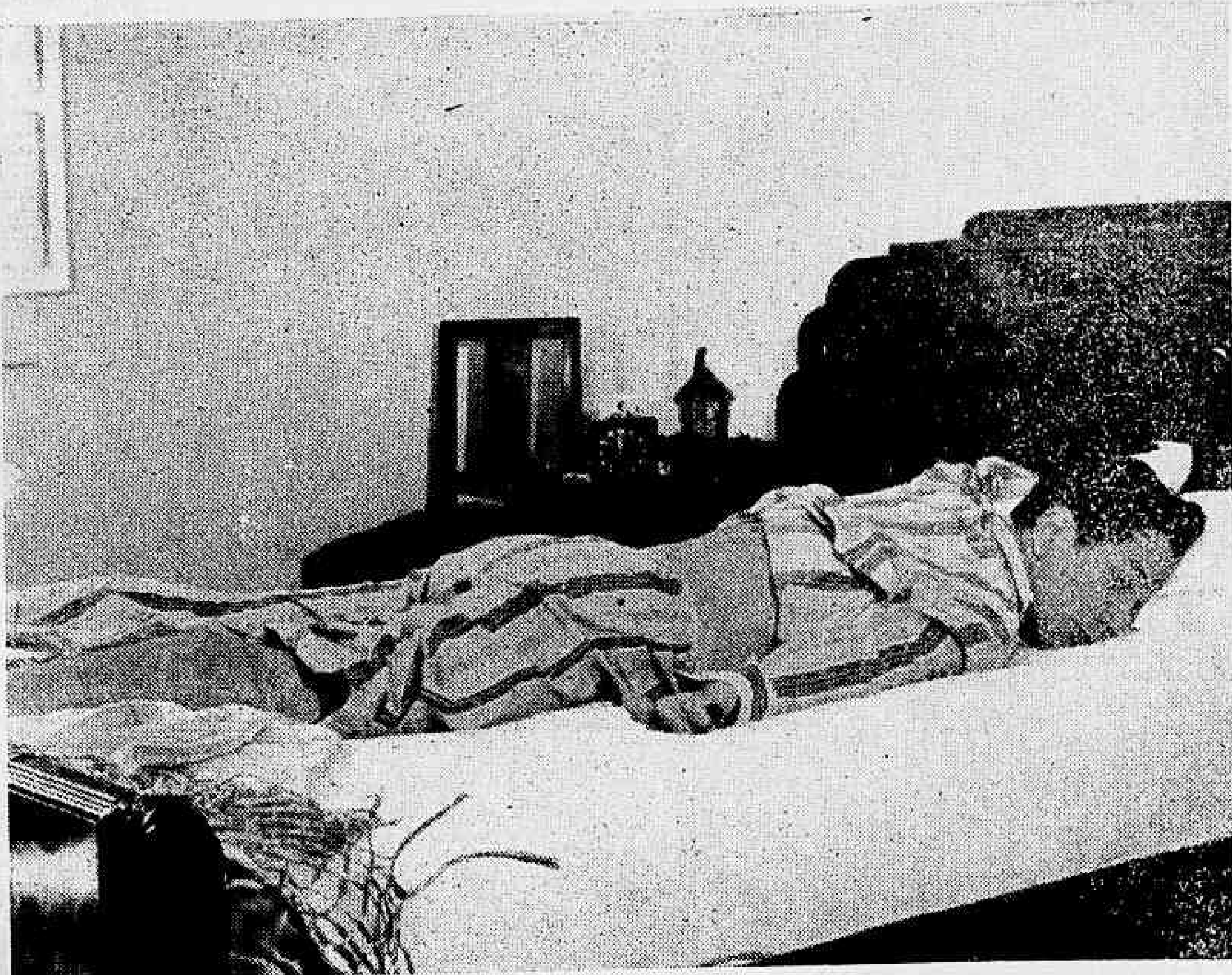
Texto de IBERÊ

ÊSTE começo de 1950 tem se caracterizado no Rio pela canícula que assola seus pobres habitantes. Quase quarenta à sombra, em vários bairros, escassez de água, transportes incômodos e sufocantes, seja bonde, ônibus, lotação ou trem elétrico, teatros e cinemas que são verdadeiros fornos, política em efervescência e uma porção de outras coisas que têm elevado a temperatura esquentando qualquer um.

Por meio de mais uma assombrosa invenção da ciência moderna, misto de cinema, televisão, ditafone e rádio, foi-nos possível gravar as várias faces de uma noite carioca de um dos mais populares e queridos artistas dessa criança grande que é o cinema brasileiro: Oscarito.

Oferecemos aos nossos leitores os mais sensacionais lances da comprida invocação a Morfeu, vivida por Oscarito, durante nove horas, no meio de uma noite de verão... carioca.



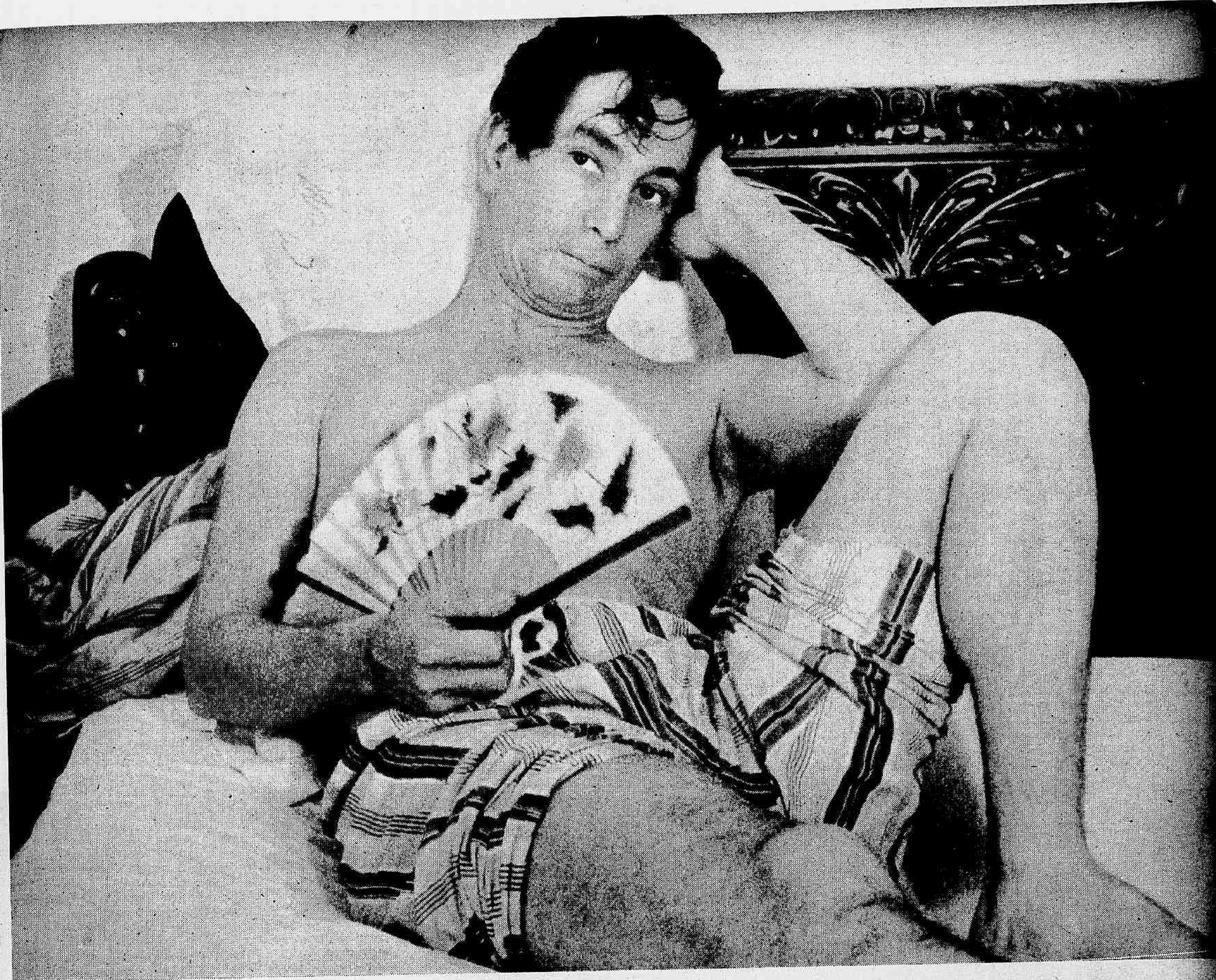


2 Os lençóis estão estiradinhos e convidativos, o silêncio é quase absoluto. O corpo está cansado e se, apesar de haver decorrido meia hora, o sono ainda não chegou, com certeza é porque a atenção do pensamento é insistentemente voltada para aquela cena do filme que está rodando e que não saiu a seu contento. Bom, o melhor é não pensar em nada disso, tratar de esquecer as coisas sérias e não reter o pensamento num só assunto; pelo contrário, deixá-lo vagar à vontade pelo mundo infinito da fantasia e achar um meio para facilitar e apressar o sono. Eureka! Oscarito achou o meio. E' contar carneiros, muitos carneiros, até as pálpebras caírem pesadas de sono.

3 Passou mais meia hora, são 11,30, e o sono não veio. A causa? Não é nada de preocupação, indigestão, môscas ou pulgas. E' simplesmente por causa do calor. O nosso herói chegou a contar milhares de carneiros, brancos, pretos, chifrudos, lanudos e pelados e não adiantou. Os lençóis já estão quentes e o jeito é abrir braços e pernas para encontrar um cantinho em que ainda não tenha se deitado e que esteja fresco. A colcha já foi empurrada para os pés da cama. As posições logo cansam e a cama, apesar de ser de casal, é pequena para uma noite de verão. Todavia, atravessado no centro do leito, de bruços e com o paletó do pijama apresentando uma janela, para arejar, ainda espera dormir.

4 Enquanto o tempo continua a avançar, Oscarito começa a pensar na aflição que persegue os homens sempre que sobrevem o calor. Até nisso existe injustiça e os homens não passam de vítimas dos preconceitos e das convenções humanas. Sai e entra estação e nós, pobres homens, para nos apresentarmos decentemente vestidos, como se diz por aí, devemos ostentar o traje completo, da cabeça aos pés: sapatos, meias, calças compridas, paletó, camisa com colarinho fechado e a malfadada gravata. As mulheres, ao contrário, vestem-se e despem-se à vontade e conforme mandam a moda e o confôrto pessoal. Não é justo, mas pelo menos dentro de casa o homem faz o que quer. Pensou e fêz: jogou o paletó do pijama para o lado, respirou aliviado e pegou o relógio: — Meu Deus, meia-noite!

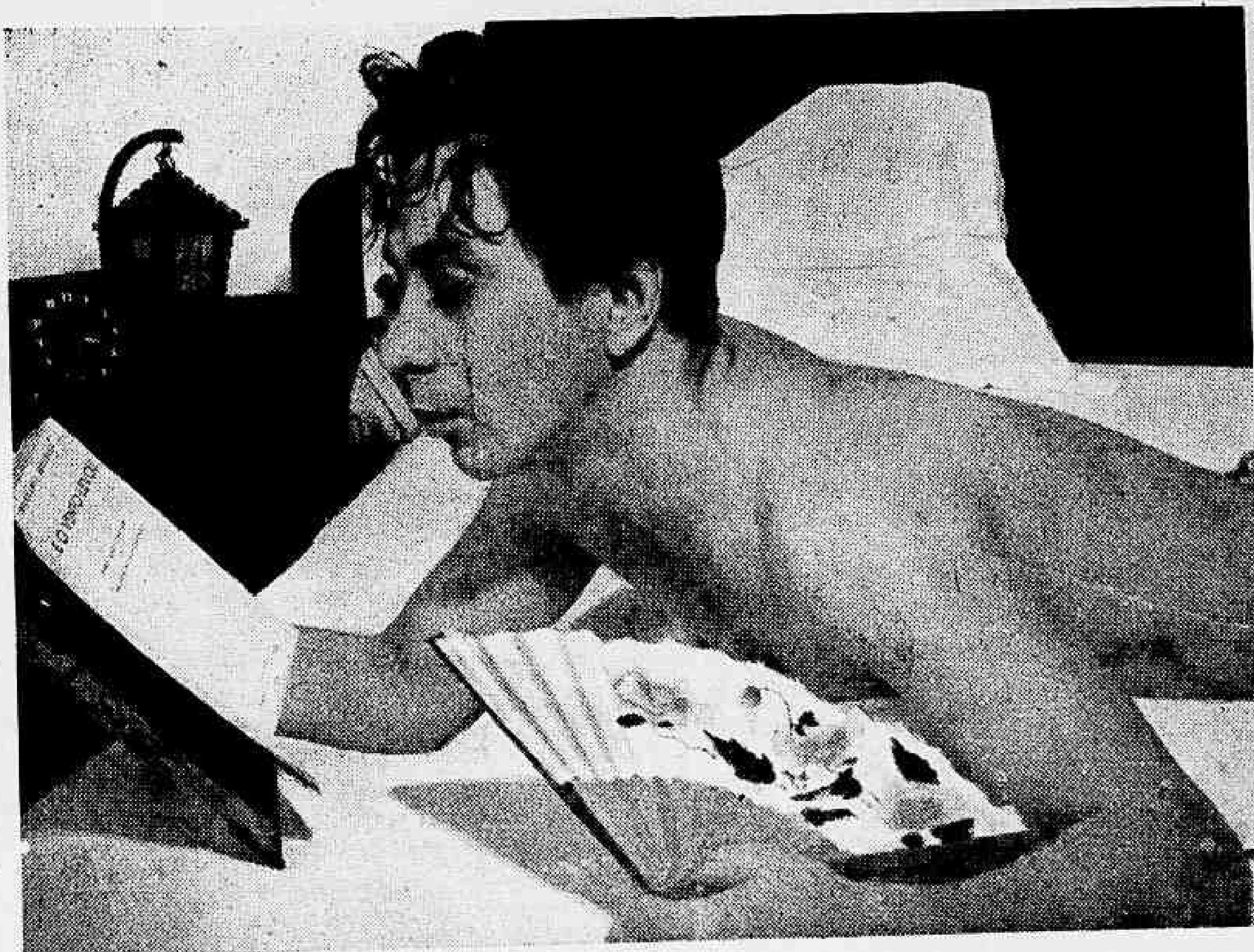




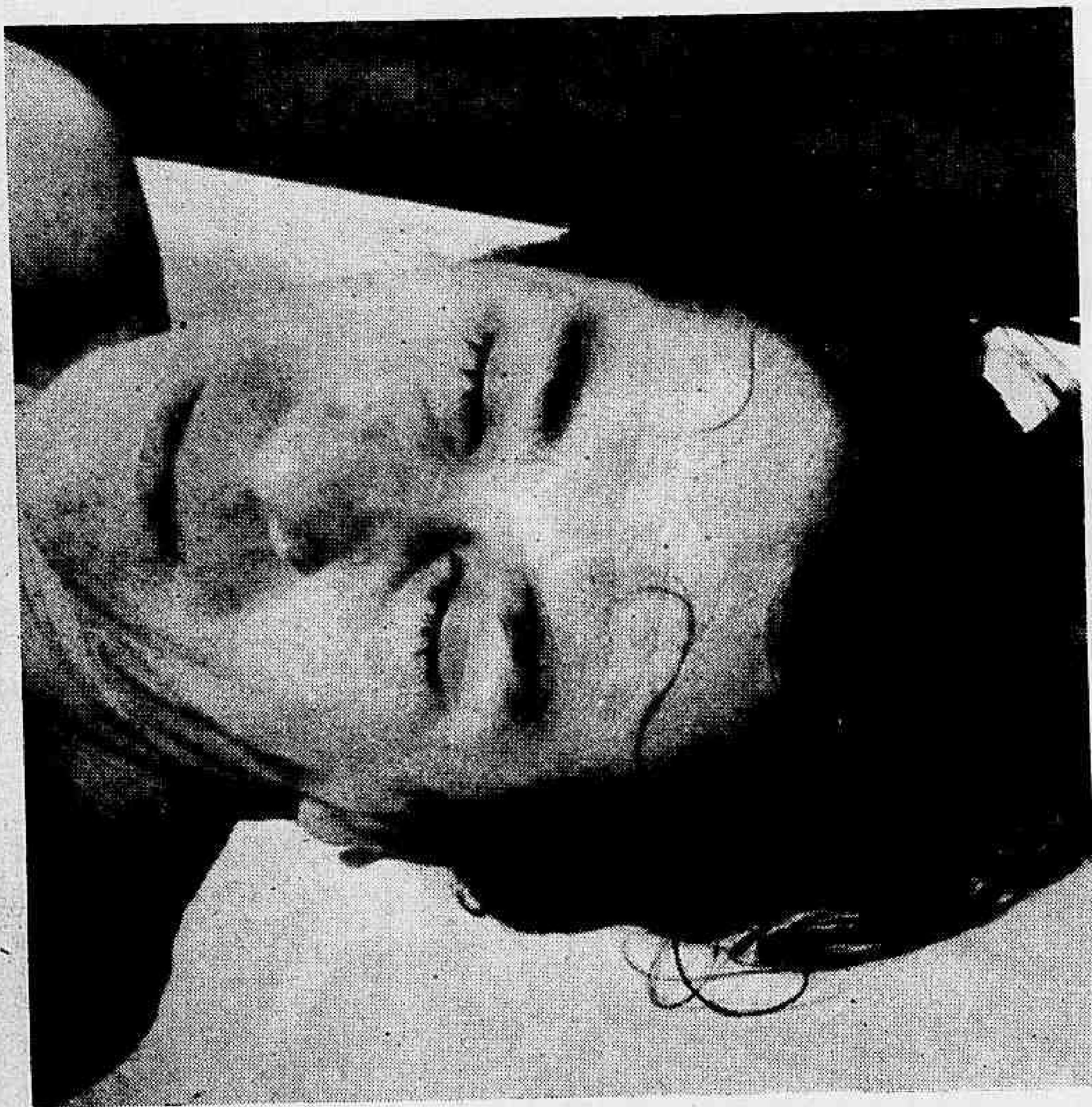
5 Mas nem assim conseguiu o que queria — um pouco de sossêgo. Pois sim! Sendo êsse sossêgo função do calor e êste manifestando-se insuportável, só poderia ser vencido pelos recursos ao alcance da mão. A janela está escancarada, as portas internas da casa estão abertas, para ver se uma leve aragem será capaz de ventilar o ambiente. Mas qual! Se tivesse aragem isso seria o paraíso e em vez disso é um inferno. As paredes não podem ser abertas. E' uma estupidez fazer casas dêsse tipo em nosso clima. Quem sabe, talvez com um ventilador melhore... Oscarito pulou da cama para ir buscá-lo, mas aí lembrou-se que não o tinha. Desconsolado, pegou num leque, amontoou os travesseiros de encontro ao espaldar da cama, recostou-se e esperou pelo sono, enquanto o relógio marcava 2 horas.

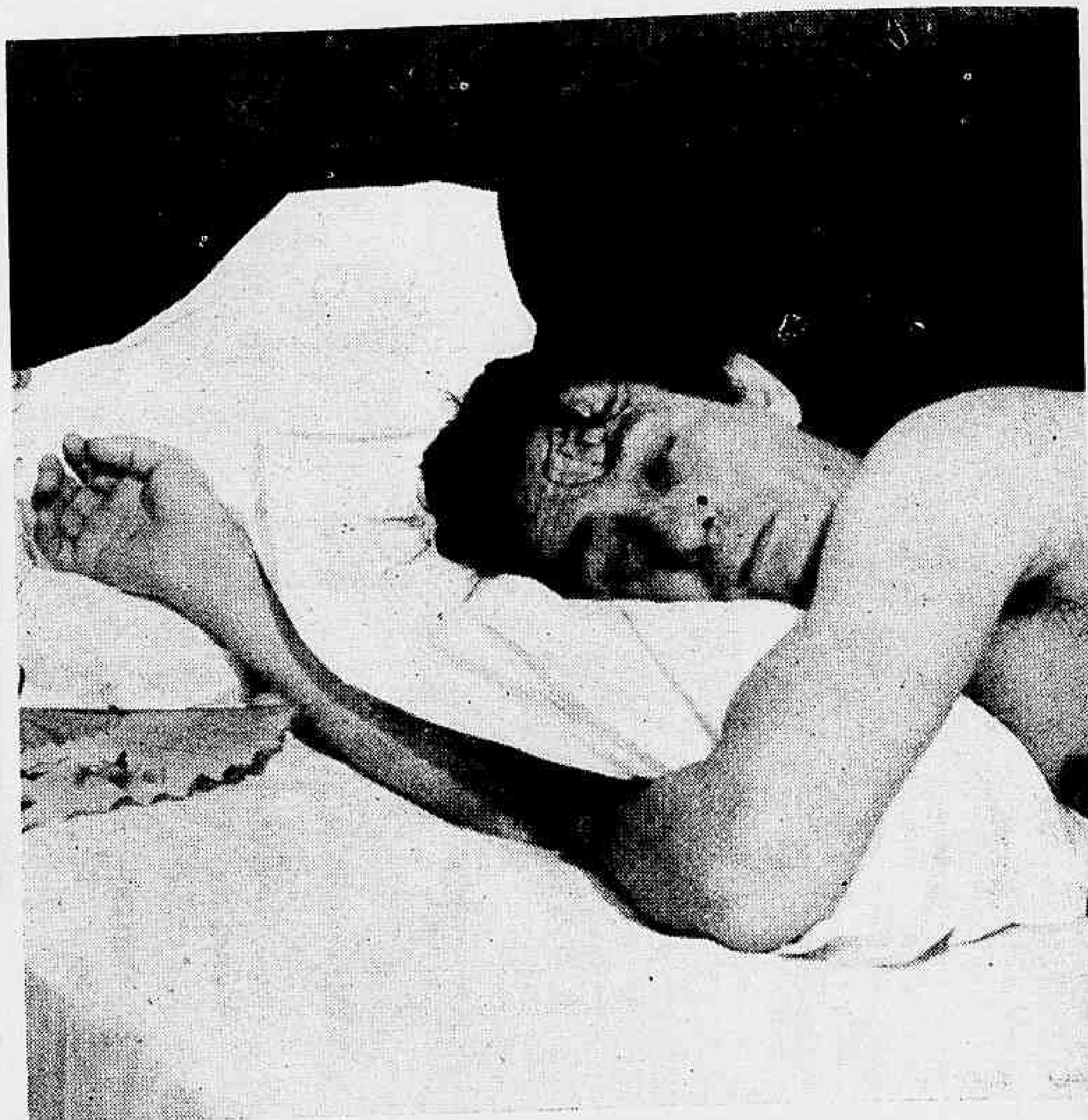
6 O leque no princípio é bom, traz um alívio imediato, mas acaba cansando. Enquanto um sujeito se refrigera com o vento produzido pelo leque, fica ao mesmo tempo gastando anergias para movimentar o dito cujo, e o movimento é esfôrço muscular que produz calorias, o que em tempo de calor quer dizer suor abundante. Enfim, um círculo vicioso. Aí lembrou-se de atacar o mal por dois lados: pela sugestão e pela homeopatia. Procurou entre os livros, o maior e mais pesado, "...E o vento levou". Pelo título tão apropriado talvez se sugestionasse com respeito ao vento e — quem sabe? — seria até obrigado a fechar portas e janela por causa da corrente! Pela teoria homeopática — "similia similibus curantur" — talvez uma obra estafante vencesse o calor estafante. Horas: 3,30.

7 Sabe lá o que é isso! Algum dos leitores aguentaria ler "...E o vento levou" às tantas da madrugada, depois de várias horas sem poder dormir por causa do calor? Neca disso, não há tatu que o consiga. Já está clareando, o dia começa a despontar e o pobre do Oscarito passou a noite tôda sem pregar ôlho. E' de amargar, está caindo de sono, mas não consegue dormir. Dá vontade até de fazer maluquices, e por que não, se o próprio tempo se comporta como um maluco? Da idéia ao fato é só um instante. Basta um pequeno jeito no corpo e pronto: está reeditada para a posteridade a clássica posição do Oscarito dos filmes. Poderá não ser cômoda nem adiantar para o calor, mas que dá sensação de independência, isso dá. E às cinco da manhã Oscarito gritou: — Viva o existencialismo!



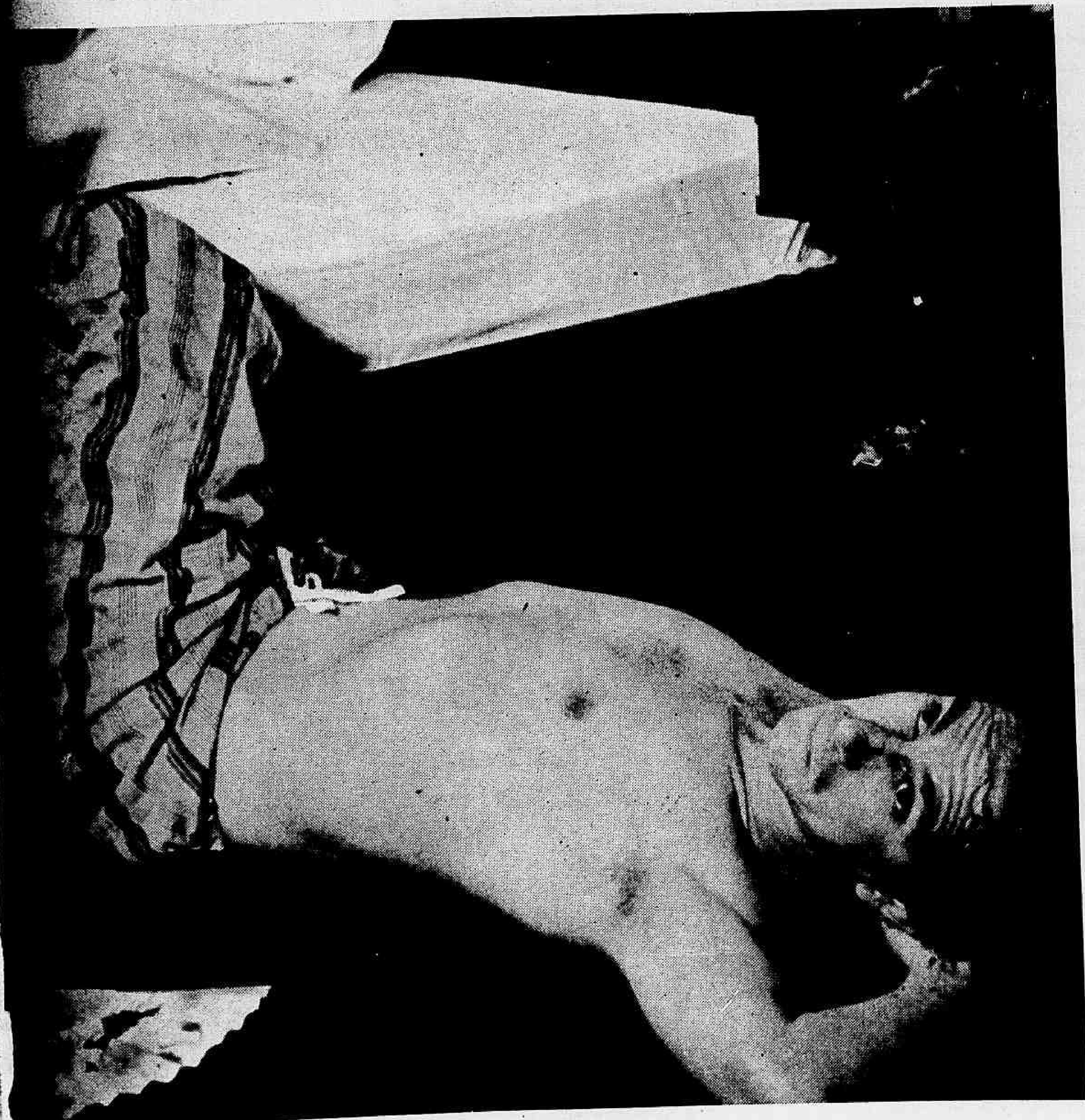






8 Bendito é o trabalho que chega a emperlar de suor a fronte do homem honesto; bendito o cansaço que arria o corpo fatigado do homem trabalhador; feliz do mortal que escuta à noite a embaladora voz da consciência, após um dia cheio de trabalho útil; felicíssimo é o pai que pode oferecer aos filhos o pão quotidiano molhado pelo suor enobrecedor da luta diária pela vida. Pois é, mas nada de demagogia trabalhista. Oscarito nesta altura está ruminando um novo decálogo que assim começa: — O homem deve ser o menos burro dos animais. Durante o calor do verão o homem pode andar vestido como pai Adão. O homem decente não usa gravata e possui uma residência com todo o confôrto oferecido pela eletrônica moderna: ar condicionado, renovado, filtrado...

9 E foi assim que às 6,30 horas da manhã, após uma longa e extenuante luta contra o calor durante tôda a noite, Oscarito até que enfim pegou no sono. Rolou pela cama em todos os sentidos, sentou-se, levantou-se, tornou a deitar-se e agora, plàcidamente abraçado ao travesseiro, dorme o sono dos justos e sonha... Está êle na Groelândia, em visita a uma tribo de esquimós. Ao redor tudo é branco, neve, gêlo e vento frio. A casa é um iglu, todo de gêlo, é uma delícia viver dentro dêsse tipo de cúpola de neve. Ainda mais quando o feliz acaso permitiu o encontro com a calorosa Jane Russell, abraçado à qual Oscarito está dormindo. Talvez seja por isso que em volta tudo está derretendo.



10 Tudo o que é bom dura pouco. De repente a campainha da porta do iglu toca freněticamente e aparece quem? Logo a espôsa de Oscarito, dona Margot Louro. Êle, pegado em flagrante nos braços de Jane Russell, quer fugir, mas põe um pé dentro de um daqueles buracos que servem para caçar focas e cai dentro dágua... acordando no chão, com as costas em cima da única coisa fria que encontrou até agora, o assoalho. Tudo não passou de um sonho. O iglu era apenas o desejo do subconsciente, a Jane Russell foi personificada pelo travesseiro, e a campainha da porta nada mais era do que o despertador que o próprio Oscarito regulara para tocar às sete horas. Mais um sonho desfeito, uma noite não dormida, outro dia de calor a espiar pela janela, e o fígado de um sujeito a estourar bílis...



11 Envenenado, aborrecido, zangado, irritado, Oscarito manda o calor e todos os seus complementos às favas. Impreca contra a canícula e as suas consequências. Declara alto e bom som os direitos do homem livre a uma noite de descanso. Manda a temperatura alta dar uma voltinha na Sibéria, no Antártico ou onde bem quiser, mas deixe em paz o Rio de Janeiro e seus habitantes. Pelo menos deixe-os dormir como até os cachorros o fazem. Agora já não adianta voltar para a cama, com êste sol impertinente a invadir o quarto. Com cara de poucos amigos, Oscarito vai até o banheiro, escovar os dentes e se preparar para a séria resolução que tomou e que ninguém impedirá de executar.

12 Havia decidido que hoje seria um dia cheio de muito trabalho, pois assim o exigiam os compromissos da véspera. Mas, em vista de não haver dormido mais que alguns minutos, de estar morreado de calor, de estar pelo gogó com as casas de tijolos e com as roupas dêste século vinte, resolveu não ir trabalhar, fazer parede, ou melhor, greve, o têrmo é mais explícito. Quem quiser que vá suar nos escritórios, êle não. Vestiu um calção de banho, pegou das raquetes, peteca, bola, barraca e chamou os filhos Myrian e José Carlos para irem todos à praia, essa incomparável Copacabana, arriscando-se a enfrentar as iras da Rádio-Patrulha e da Legião da Decência na travessia das ruas dêsse supercivilizado forno que é o Rio de Janeiro.

# IMPULSOS DO CORAÇÃO

Naquela segunda-feira peguei do telefone e falei à jovem telefonista:

— Ligue-me com Roubaix, por favor.

— Sim, senhor, imediatamente.

Ao recolocar o fone no gancho, não sei por que motivo, comecei a notar que a voz que eu estava habituado a ouvir pelo telefone, tinha naquele momento um acento delicado, jovem, agradável e simpático, muito diferente da voz a que me acostumara.

Minutos depois volta o telefone a tilintar:

— Está pronta a ligação, senhor. Roubaix está falando.

Estas palavras aumentaram o meu pensamento em relação à telefonista e, embora estivesse eu habituado a ouví-la semanas e semanas, a impressão que estava sentindo agora era uma novidade que estava a ocupar minha atenção, colocada num recanto do meu espírito.

Faltando um quarto para meio-dia, como precisasse descer à rua de Courcelles, passei em frente à porta envidraçada da telefonista e, num impulso irrefletido, peguei a maçaneta e abri.

— Senhorita, quer ter a bondade de anotar para chamar-me às quatro horas? Tenho um encontro e não posso perdê-lo.

Dissera eu a primeira coisa que me viera à imaginação, a fim de justificar esta intrusão inabitual.

— Pois não, senhor; às quatro horas. Está anotado.

Era loura, com dois olhos de azul límpido, semelhantes aos de crianças.

— E' novata na casa... ao que me parece...

— Oh! Não, senhor. Apenas substituo provisòriamente aqui na mesa telefônica a senhorita Léger, que está enferma. Sou a secretária do sr. Simon.

— Ah! Bem... Não esqueça de me chamar às quatro horas. Sim?

Eu já estava nos meus trinta e dois anos e ainda não havia tido oportunidade para casar-me, apesar dos bons partidos que me proporcionava minha tia Elisa. Ao almoçar solitàriamente, naquele dia, não pude evitar o pensamento de que muito agradável me seria se tivesse diante de mim aquela lourinha do telefone.

Pensei em convidá-la para jantar comigo num dêsses restaurantes conhecidos, qualquer noite dessas. Havia naquela jovem um porte de nobreza, o que me fazia pensar que ela não iria prevalecer-se disso, e, quanto a mim mesmo, fugiria um pouco aos hábitos de ocupar-me sòmente das coisas da alta roda social nas minhas horas de lazer. Era necessário modificar um pouco o panorama da vida.

Precisamente às quatro horas aquela linda voz me chama recordando o meu simulado e mentiroso encontro e, imediatamente me vem ao espírito uma idéia. Disquei para Simon, o chefe do pessoal, e lhe pedi que me cedesse a sua secretária que estava na mesa telefônica.

— Ela me pareceu pontual e inteligente. Mande para seu lugar a pequena Bernède, que pega mal a estenografia...

Foi assim que Frederique entrou em minha vida. Foi perfeita secretária; jamais deixou de cumprir seu dever, alertando-me sôbre os meus negócios, encontros, notas, ao contrário do que fazem muitas outras jovens absorvidas pelos filmes americanos. Um dia arrisquei.

— Senhorita Delforge. Tenho-lhe dado muito trabalho durante êstes últimos tempos. Tem você direito a uma compensação. Estou livre esta tarde. Aceita jantar comigo num bom restaurante e, depois, irmos ao teatro?

Ela voltou o rosto para o seu caderno de trabalho e lhe percebi certo rubor nas faces. Em seguida falou:

— O senhor é muito amável; mas nada mais fiz que meu trabalho e o senhor não me deve nenhuma compensação extra.

— Vejamos, senhorita Delforge; deve haver, com certeza, algum espetáculo que a senhorita deseja ver, não?

Ela pareceu recobrar a coragem e me falou firmemente com aquêle brilho em seus olhos juvenis:

— Senhor... Eu não sou mais do que sua secretária, e, se algum dos seus trezentos empregados nos visse juntos esta noite, naturalmente o senhor não gostaria do que pudesse pensar disso...

Baixou a vista e enrubeceu. Confesso que fui um pouco apressado; mas, para acalmá-la, não dei nenhuma demonstração do meu embaraço e lhe retorqui:

— Está bem... Concordo com suas razões. Creia, entretanto, que minhas intenções são perfeitamente honestas.

— Oh! Não duvidei um só instante a êsse respeito, senhor... — respondeu com sinceridade no gesto e na voz.

Em seguida nossos olhares se encontraram e eu pude perceber em seus olhos azuis o reflexo de sentimentos que nada mais eram do que o mais puro respeito.

Penso que todos os homens me compreenderão, se eu revelar que essa atitude de Frederique valeu mais para mim do que se ela houvesse aceitado meu convite. Nos dias que se seguiram os nossos contactos nada mais significaram do que os de um patrão com sua secretária; mas, pode crer o leitor, a lembrança de Frederique me acompanhava sempre, até quando em meu apartamento da rua de Courcelles... Parecia-me ouvir-lhe a voz, o seu passo ligeiro. Imaginava vê-la a dancansar no divã... Mas, se ela não havia aceitado o meu convite para jantar, era natural que também não quisesse acompanhar-me até ao meu apartamento. Entretanto, não se brinca impunemente com tais coisas da vida. Eu estava com a idéia de Frederique, como aquêle que se habitua a tomar uma droga, escravizando o organismo a um vício. Procurava raciocinar e dar-me conselhos a mim mesmo. Pensei que havia um jeito, um meio de conciliação...

Vencida essa primeira etapa, não tardou que Frederique me parecesse como jovem que daria a espôsa ideal. Era séria, sensata, e seria para mim uma companhia muito mais útil que tôdas essas melindrosas que eu conhecia e teria que conhecer. Mantive esta idéia durante vários dias em meu espírito, até que, uma tarde, ao encerrar meus ditados para a correspondência, retive Frederique, dizendo-lhe amàvelmente:

— Um momento, senhorita Delforge, preciso falar-lhe...

Ela me olhou com inquieta surprêsa e eu tive que precipitar as coisas sem dar tempo a que me convencesse de que estava sendo insensato:

— Frederique, quer ser minha espôsa?

Era a primeira vez que eu a tratava pelo seu prenome, seu nome próprio. Vi-a abrir a bôca, mas não conseguiu articular um só monossilabo. Então tornei:

— E' isto mesmo, Frederique. Você ouviu bem o que eu disse. Tem apenas que responder-me se eu me enganei ao crer que não lhe sou indiferente...

— Oh! Eu... Xavier...

Não pôde continuar. Caiu em lágrimas. Senti grande felicidade intima a invadir-me, pois, se ela me tratou simplesmente por meu nome, Xavier, sem antecedê-lo daquele cerimonioso "senhor" era prova de que também seu coração palpitava por mim.

Sentei-me junto a ela e, pegando em sua cabecinha loura a aconcheguei a mim, sem resistência. Acariciei-a:

— Frederique, minha linda pequena, não é preciso chorar, minha querida...

Eu desejava dizer-lhe tôdas as palavras de amor, de afeto, frases que eu vinha retendo no fundo de meu coração. Ela ergueu a cabeça e sorriu com os olhos inundados de lágrimas, dizendo:

— Oh! Xavier, Xavier... Se choro é porque me sinto muitíssimo feliz!

★

Quando perdi minha mãe, aos dez anos, tia Elisa tomou-lhe o lugar e continua a tratar-me como se eu ainda fôsse o garotinho órfão. Quando eu lhe disse que ia casar-me com Frederique, sua reação foi imediata: — deixar Roubaix imediatamente e ir morar em Paris, aonde ela não ia desde a Exposição Colonial. E estourou:

— Tu és extravagante, meu pobre Xavier. Recusou todos os bons partidos que lhe apresentei nestes seis anos, e quando se decide *amarrar-se* é para desposar uma qualquer que se apresenta e que nem mesmo é de seu mundo.

— Justamente por ter feito minhas comparações, minha tia, é que decidi casar-me com Frederique. E não é verdadeiro que ela seja assim tão desprezível pelo mo-

(Cont. na pág. 44)





Novela de M. GERARD
Tradução de RENATO DE ALENCAR



UMA RELÍQUIA NACIONAL — Esta é a mais recente pose do Professor Vital Brasil, tirada agora, aos 85 anos de idade, cercado pelo seu mais caro tesouro — seus netos. Para êles vive o sábio brasileiro, nome cuja projeção se estende por todo o mundo científico, retirado das atividades e entregue ao sossêgo de uma velhice gloriosa ao lado da família

# VITAL BRASIL - O PASTEUR BRASILEIRO

Fotos e Texto de ARNALDO VIEIRA JUNIOR

**Vive hoje inteiramente dedicado ao lar ★ Um dos maiores cientistas do mundo ★ Dominou cobras e venenos ★ Visitas à Europa e aos Estados Unidos ★ Contacto com as grandes personalidades das esferas científicas ★ Espiando a vida através das janelas de seu apartamento no Flamengo ★ Sua vida e sua obra**

NA eterna luta contra os azares da existência humana, surgem nomes que são guardados com todo carinho e admiração, homens que, nascidos sob o signo da abnegação, batalham uma existência inteira contra a morte.

Como se fôssem estranhas criaturas, arredias e de aspectos sofismáticos, parecendo profundamente desinteressados por tudo que os cerca, estão na realidade muito mais preocupados com os destinos de seus semelhantes, do que com as suas próprias vidas. Não é pequeno o número daqueles que, embora sabedores do tremendo perigo existente no conteúdo de um tubo de ensaio ou de um aparelho de Raios X, prosseguem indiferentes aos efeitos mortíferos, acabando por sucumbir tràgicamente, na ânsia de dar maior proteção à mais cara e bem lapidada das jóias — a Vida.

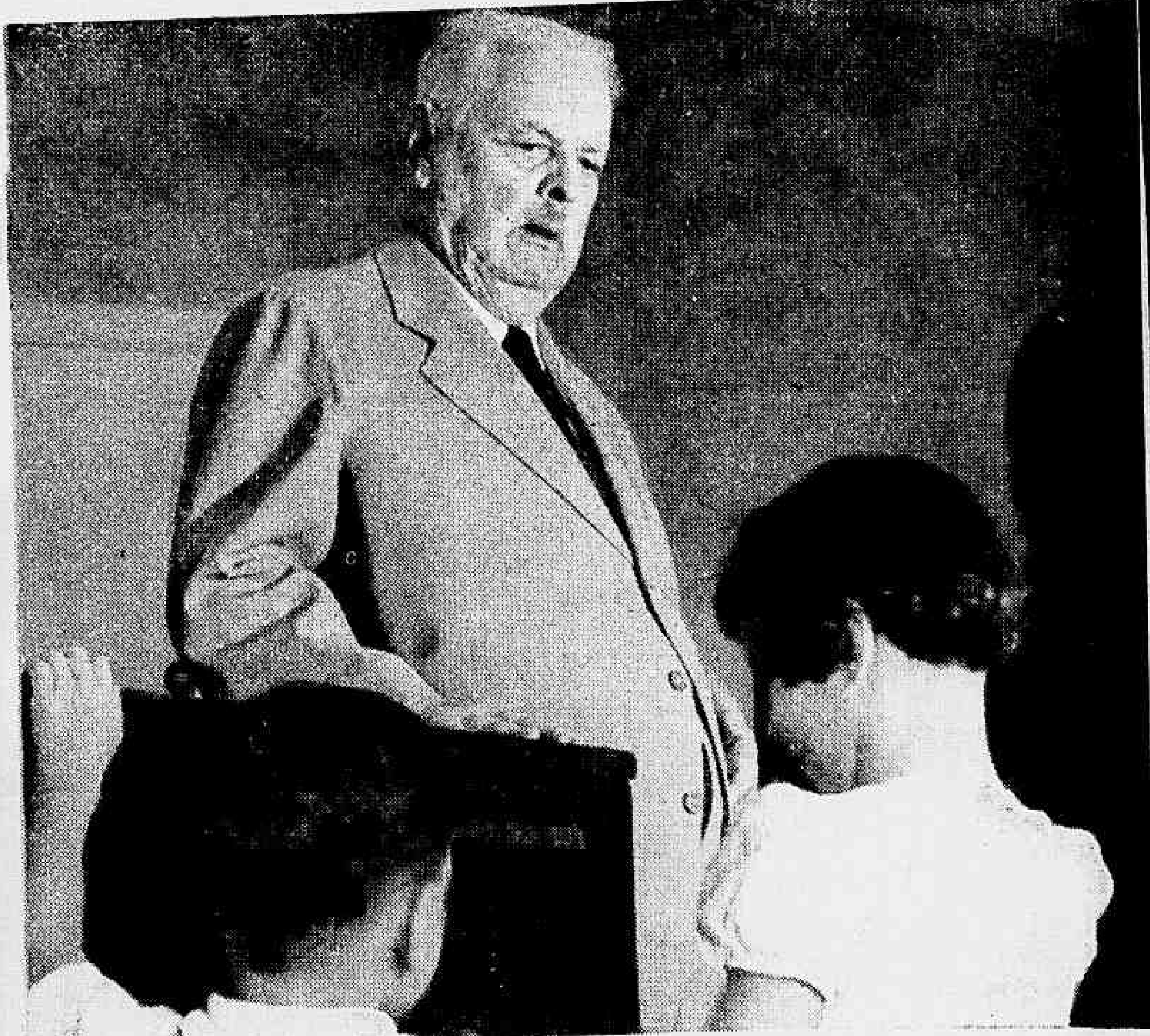
Na galeria daqueles abnegados que atingiram o pináculo da Glória, através da Ciência, no mundo inteiro, avultam nomes de brasileiros ilustres. Um dêles, entretanto, se notabilizou por se assemelhar à têmpera de Luiz Pasteur.

SUA VIDA E SUA OBRA

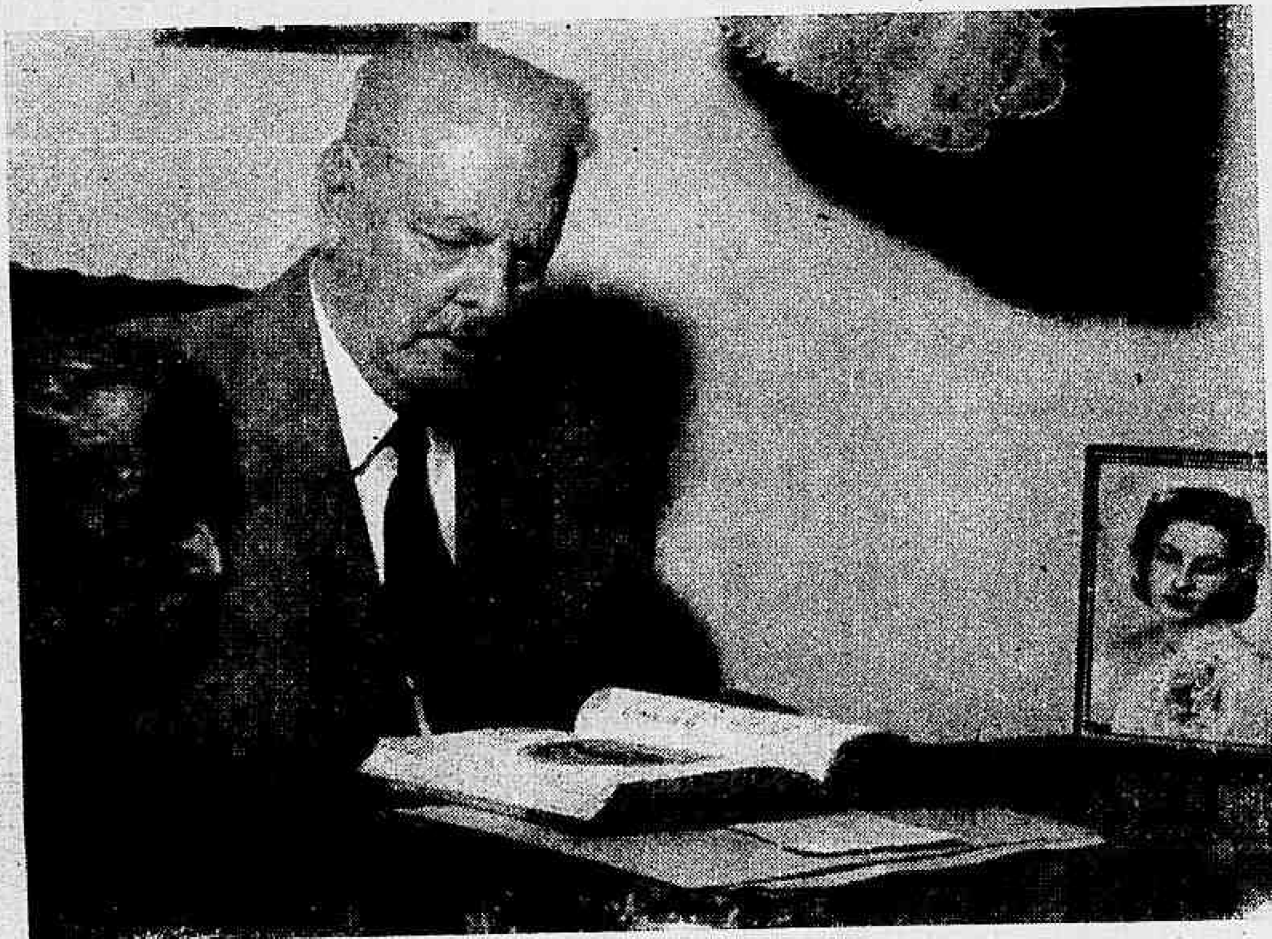
Numa cidadezinha do interior do Es-



**PENSANDO** certamente nos colegas de lutas que há muito partiram e volvendo para êles os seus mais gratos pensamentos, na evocação de laboriosos dias que se distanciam



**UM POUCO DE MÚSICA** para vovô. Algum dia, essas crianças hão de sentir melhor o justo orgulho de serem descendentes de um homem a quem o mundo reverencia



**LENDO** sua própria obra de memórias do Instituto Butantan, em que as passagens de uma existência por completo dedicada ao bem geral são evocadas em seus detalhes

tado de Minas Gerais, cheia de bucolismo e encantamento, nascia, em 1865, aos vinte e oito de abril, aquêle que, anos mais tarde, pela estupenda e maravilhosa descoberta realizada no campo da ciência experimental, resolvia, de maneira definitiva, um dos maiores problemas do Século — a cura certa do envenenamento ofídico.

Vital Brasil Mineiro da Campanha, deixando o Estado natal, seguiu para São Paulo, onde concluiu o curso de humanidades em 1885, e logo após transferiu-se para o Rio de Janeiro, com ânimo inquebrantável de abraçar a carreira médica. Sofrendo os mesmos revezes e desilusões dos jovens forasteiros que aportam à Metrópole, superou pacientemente preconceitos que lhe pudessem obstruir a vontade determinada, resignando-se até a um modesto emprêgo numa companhia de carris.

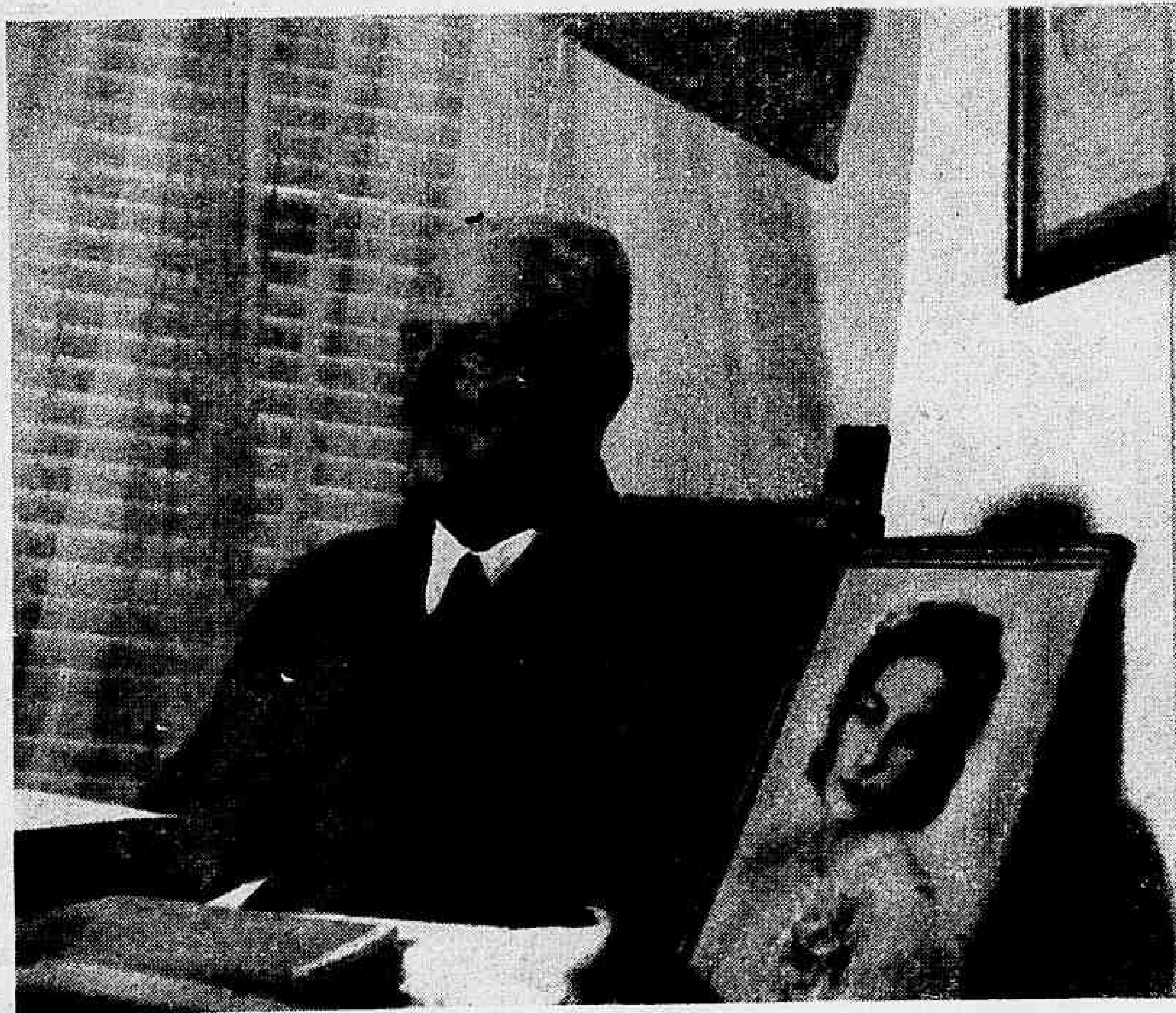
Ingressando no velho casarão da Santa Casa da Misericórdia, onde funcionava a Faculdade de Medicina, não se fêz demorar a perfeita e brilhante assimilação de tudo que aprendia, pois, antes mesmo de doutorar-se, logrou merecer de tal modo a confiança de seus mestres que o distinguiram como assistente de uma das cátedras.

Foi naquele ambiente de austeridade e ciência, entre rapazes de semblante grave e professôres de calças listradas, do fim do século passado, que Vital Brasil defendia a tese de doutoramento.

Transpostos os umbrais da velha faculdade, o jovem doutor, no ardor de seus vinte e seis anos, voltava para São Paulo, levando na sua pequena valise, juntamente com os instrumentos necessários, a semente do saber miraculoso de que se valeu para penetrar nos mistérios, por vêzes insondáveis, da natureza microbiana, percorrendo todo o vastíssimo campo da bacteriologia, para, através de lentes microscópicas, descobrir os germes patogênicos que dizimam a espécie humana.

O alvorecer do ano de 1896 vai encontrá-lo a clinicar pelos sertões paulistas. Em Botucatu e nas redondezas já se ia fazendo conhecido o seu nome, dado ao estranho hábito de lidar com ofídios e estudar seus venenos. E o doutor abismava tôda aquela gente que não podia compreender tamanha audácia. Continuou por muito tempo preocupado com o tremendo flagelo provocado pelas cobras, e embora solicitado para o cargo de ajudante do Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo, jamais abandonou as pesquisas nesse setor.

Começavam a ser divulgados, na época, os primeiros ensaios sôbre a Soroterapia. Orientado por êsses estudos, o distinto mé-



**POSANDO** ao lado do retrato da filha, com o olhar confiante nas crescentes realizações do Instituto em benefício do Brasil, o cientista ilustre se mostra sereno e tranqüilo



**A PETIZADA** empresta um aspecto feliz à vida de Vital Brasil. Êle se dedica ao acompanhando o crescimento de seus descendentes, que lhe herdaram um nome glori



DEPOIS DE UMA EXISTÊNCIA INTEIRA DE SACRIFÍCIOS EM PROL DO SEU SEMELHANTE, A MAIS SINCERA DAS RECOMPENSAS — A SATISFAÇÃO E O AMPARO DA ESPÔSA DEDICADA. SEU REPOUSO É MERECIDO, SUA GLÓRIA COMPLETA

O GENRO do Professor Vital Brasil, o Dr. Álvaro Protas, é quem dirige, atualmente, a instituição científica já famosa no mundo inteiro, ali continuando a obra meritória do seu sôgro

dico esforçou-se por preparar um sôro contra os venenos das cobras que infestavam os sertões brasileiros.

Após longos meses de intensas e laboriosas experimentações pôde, finalmente, anunciar ao seu chefe os resultados obtidos em relação à especialidade dos sôros sôbre os dois tipos de venenos conhecidos.

Seus trabalhos são interrompidos, entretanto, pouco tempo depois, em face da erupção de terrível peste que se alastrava pelo litoral paulista, ameaçando o pôrto de Santos e causando pavor indescritível à população local. Instado pelo próprio governador para que procedesse a verificação do flagelo, Vital Brasil prontamente a identifica como a terrível e devastadora *bubônica*. Ao assumir o comando da defesa sanitária da cidade, com pesar a insuficiência de sôr cinas, a maioria dêles importados europeus.

Ante a estupefação das autoridad tituídas, Vital Brasil se propõe a lo êle mesmo, contando para isso próprios conhecimentos que adquir grande vulto da ciência médica b à época Diretor dos Serviços S da capital paulista — Dr. Emil — assume pessoalmente a resp dade pelo sucesso da empreitada mina urgentes providências para lação de um laboratório de em

**COMO UMA DESFORRA** ao passa nente edifício de arquitetura

**NO BIOTÉRIO** há capacidade para quatro mil animais que são sacrificados em do homem. Os experimentos são realizados pelos mais modernos princípios de



Seres das mais variadas espécies são embalsamados, classificados e catalogados tudos. Tudo ali se esmiuça, tudo se examina com precisão. O cérebro não



A ao passa
uitetura
cidade,
ia de sôr
portados
s autoridad
propõe a
para isso
que adquir
médica b
Serviços S
Dr. Emil
e a resp
mpreitada
cias para
io de em

os barracões de zinco, ergue-se hoje impo-modernissimo aparelhamento científico

destinado à fabricação do sôro abençoado. O estado de ânimo da população da capital, no entanto, é desesperador. Aterrorizada ante a ameaça da invasão da peste reage valentemente, obrigando as autoridades civis a escolher local distante para a edificação da obra. Por isso, a légua e meia do centro, nos terrenos da antiga Fazenda Butantan, em 16 de dezembro de 1899 é que se vai instalar o material encomendado às pressas. Vital Brasil é então nomeado diretor do novo Instituto.

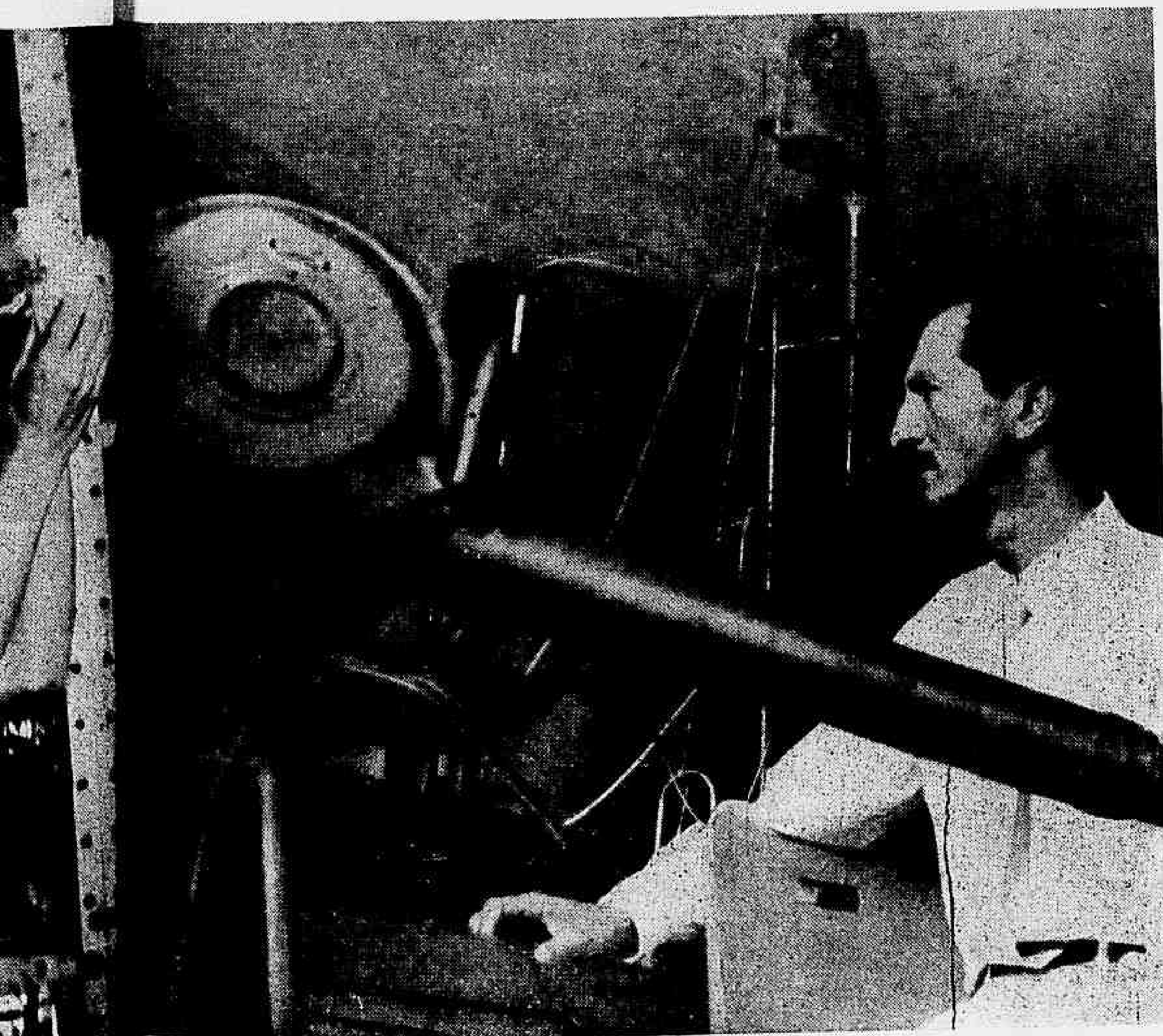
Ao mesmo tempo que trabalhava com ardor no preparo do sôro anti-pestoso, continuava seus estudos sôbre ofidismo.

A 11 de junho do ano seguinte entregava ao consumo o primeiro sôro anti-bubônico fabricado no Brasil e a 14 de agôsto do mesmo ano, os primeiros tubos de sôro anti-peçonhento, fadado, êste último, a consagrá-lo definitivamente entre os luminares da ciência médica contemporânea.

A 28 de junho de 1903, o cientista brasileiro comunicava ao Quinto Congresso de Medicina e Cirurgia, em memória oficial, que o único remédio capaz de curar uma mordedura de cobra — era o sôro específico por êle descoberto. E a plêiade de congressistas ilustres ali reunidos, ao mesmo tempo que celebrizava um outro trabalho de fôlego — a memória apresentada por Emilio Ribas sôbre a transmissão da febre amarela pelo mosquito — consagrava

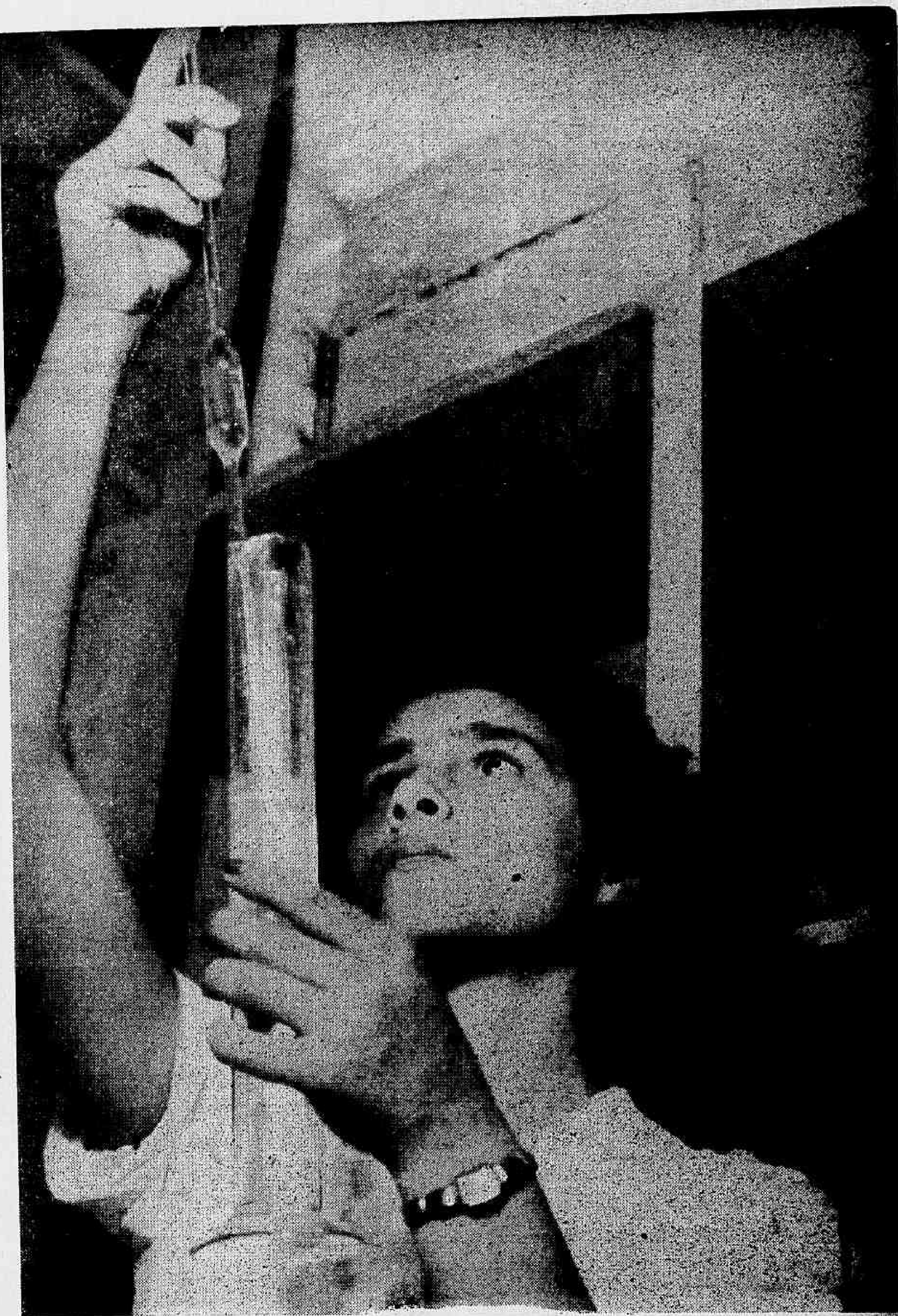
cados em
ciplos de

**TRABALHOS PROVEITOSOS** já foram realizados em tôrno da Rutina, substância que combate a fragilidade capilar. Mas trabalhos mais importantes estão ainda para vir

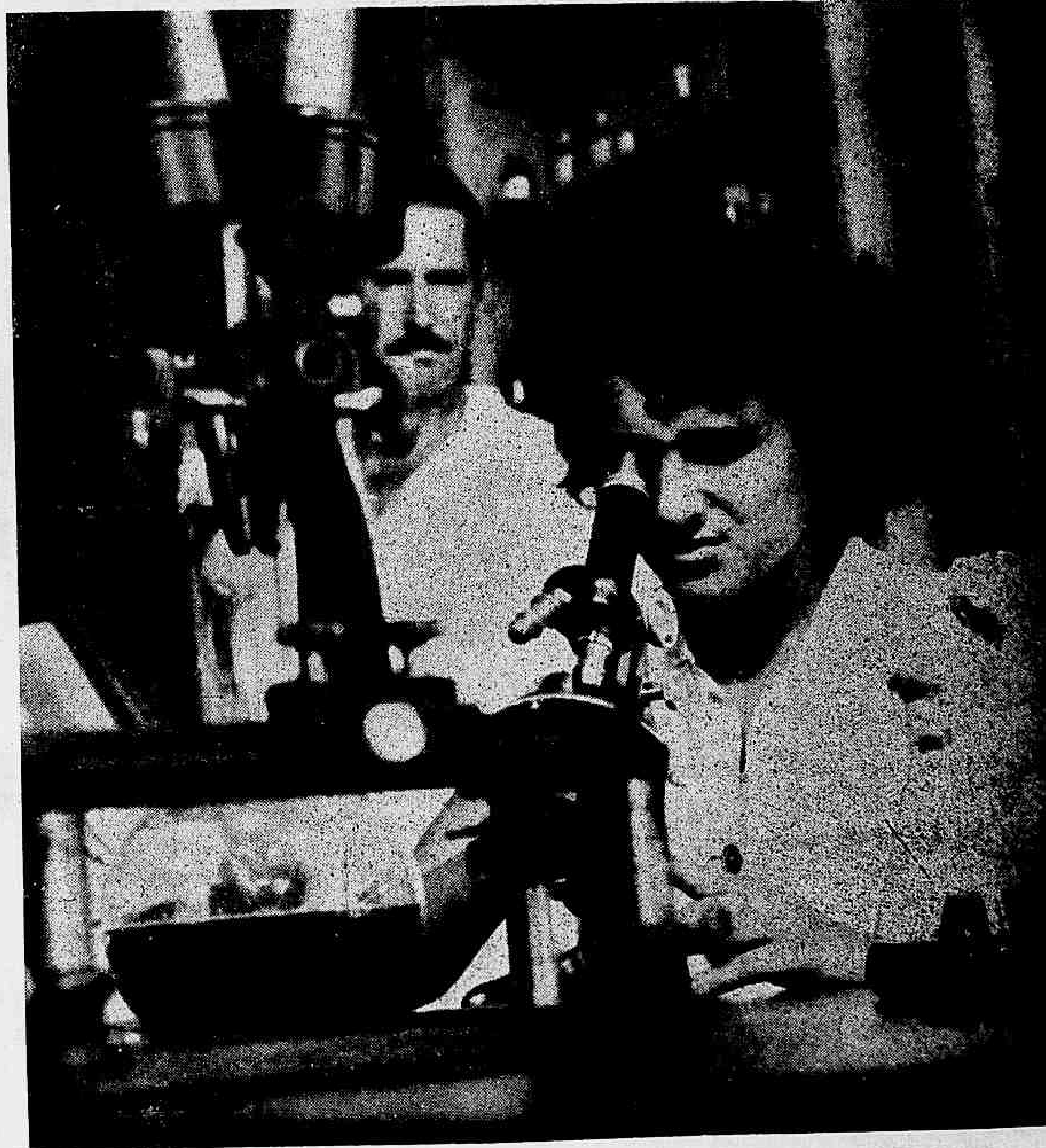


catalogados
cérebro não

**OS ESTUDANTES** encontram por parte do Instituto, tôda assistência necessária. Mestres incansáveis lhes prestam ajuda espiritual. Êstes jovens serão os cientistas do futuro

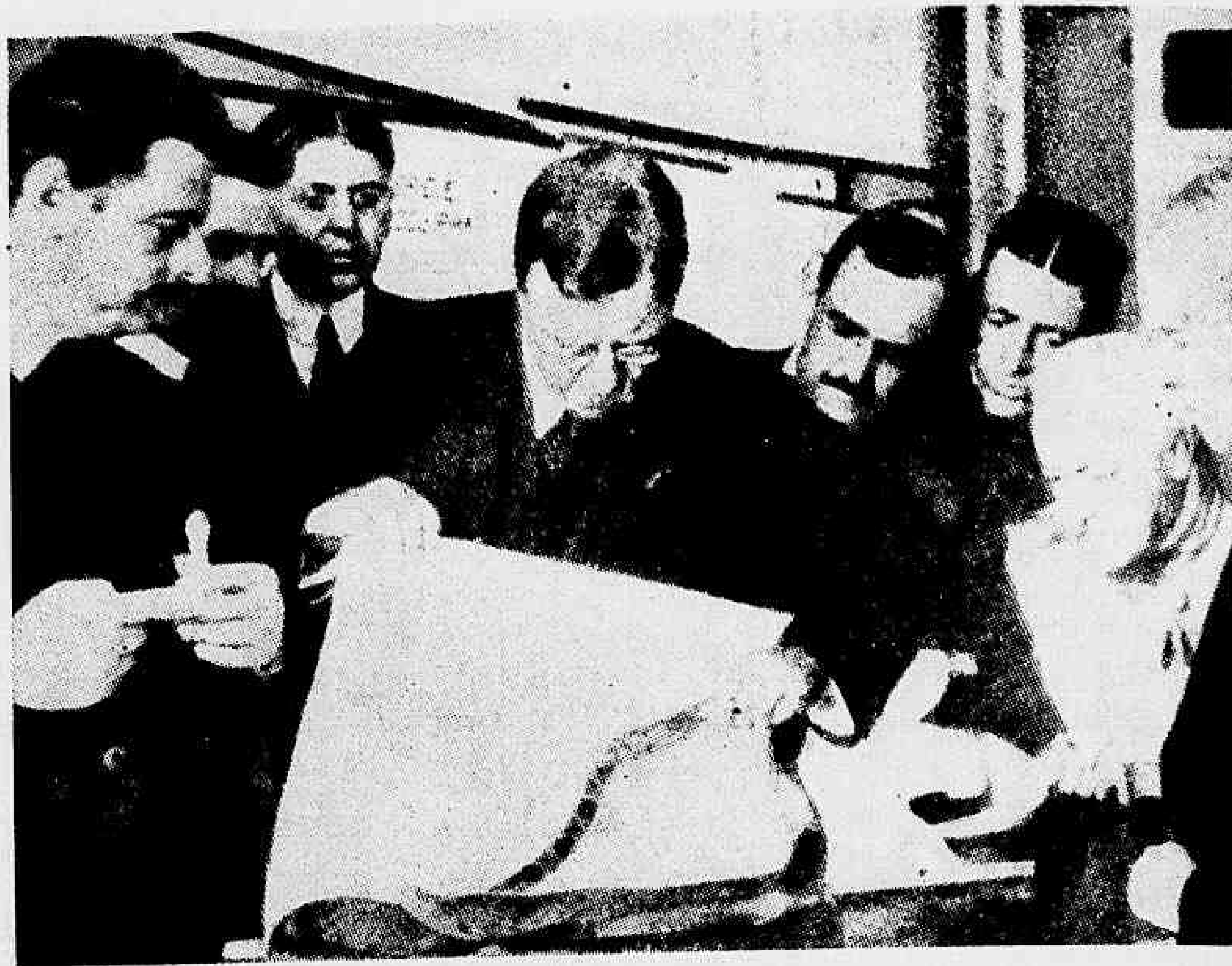


**SOB O SIGNO** da vontade indomável de progredir, seguindo o velho espírito da notável obra de Vital Brasil, cada homem é um discípulo hoje, para tornar-se um mestre ilustre, amanhã





**EM CIME :O calor era tenebroso, mas não se podia perder a "elegância"... Foto batida em 1903, por ocasião do Congresso Médico, em São Paulo. Vêem-se os Drs. Vitor Godinho, Bayma, Alfredo de Brito e Vital Brasil. Em baixo: Extraindo e estudando o veneno, Vital Brasil pôs têrmo a todos os processos fetichistas de "cura". Abalou a ciência com novos métodos e despertou uma nova e sadia mentalidade para o universo**



**O FAMOSO explorador Theodoro Roosevelt, tio do falecido Campeão da Democracia, visitou, em 1915, o único Instituto especializado e se congratulou com Vital Brasil**

também Vital Brasil, solicitando ao Govêrno Federal a concessão de um prêmio a tão notável investigador.

Distinguido com o prêmio de viagem à Europa, lá se demorou por todo um ano, percorrendo os Institutos congêneres.

Não durou muito sua estada no velho continente. Estando em Berlim, teve a oportunidade de assistir a declaração da primeira grande guerra e logo a seguir de tratar com urgência do passaporte para regressar, dada a situação daquele momento na capital da Alemanha.

Voltando à pátria recomeçou com afinco os estudos sôbre a disenteria, triatomas, môsca do berne, sôbre a biologia da môsca doméstica, do veneno do escorpião, de aranhas, estafilococos, estreptococos, preparo da tuberculina e de várias vacinas. Proporcionou ao país específicos que os laboratórios estrangeiros desconheciam totalmente, rasgando assim o véu de muitos mistérios do tropicalismo. Como recompensa por tão notáveis estudos, acêrca de venenos de cobras, a imprensa da época e as pessoas de *bom senso* desencadearam-lhe tremenda campanha, pois, achavam que os serpentários nos prejudicariam lá fora, mais do que as serpentes nos vitimavam aqui. Certamente, não passava de um mero charlatão que iria arruinar muito o Brasil no conceitos das nações civilizadas...

"Enquanto havia peçonha tudo era quieto; com o sôro curativo é que surgem os pudores."

— Eu fui muito atacado por tocar em tais assuntos e querer resolver o problema do ofidismo — diz-nos Vital Brasil.

E isso há tanto tempo! Mas o cientista relembrou com tanta tristeza e melancolia, que sem querer sentimos uma vontade súbita de pedir desculpas por aquêles que, sem dúvida alguma, hoje contritos, já ganharam o reino do Senhor.

VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS E CONTACTO COM AS PERSONALIDADES DA CIÊNCIA

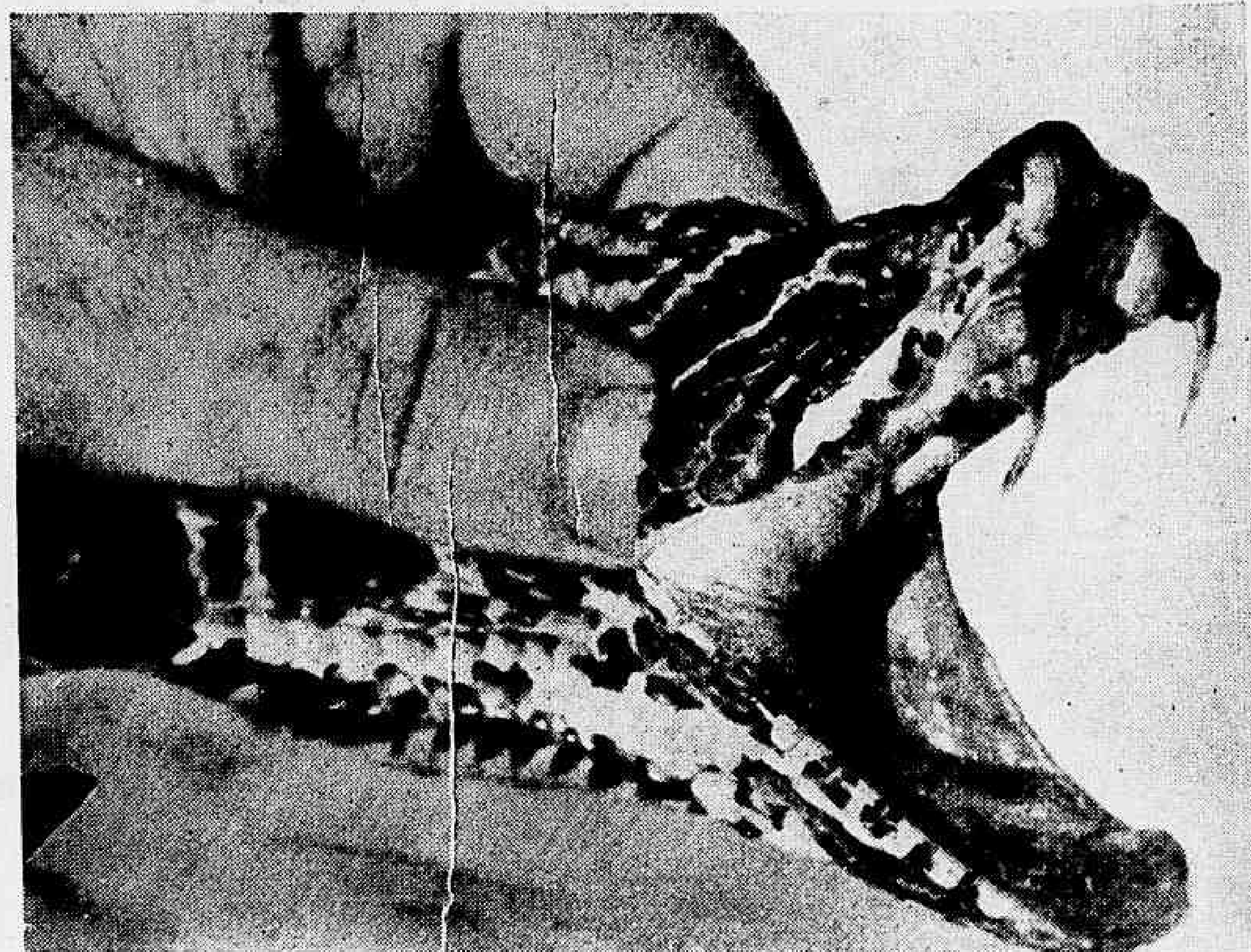
A convite do "Carnegie Endowement for Peace" para assistim como seu hóspede o Congresso Cientifico Pan-Americano a reunir-se em Washington, seguiu rumo aos Estados Unidos, levando junto à bagagem literária de estudos bacteriológicos uma bela coleção de ofídios vivos, que foram permutados por outros daquele país. Era a época dos primeiros triunfos na ciência médica mundial contra os flagelos que assolavam os povos. Ao Congresso, foram apresentadas memórias de grande importância para higiene dos paises americanos, entre muitas, as campanhas anti-palúdicas do Panamá e anti-amarílica em Cuba. A memória apresentada por Vital Brasil, sôbre a profilaxia do ofidismo, no entanto, causou mais curiosidade do que interêsse científico.

— De quase todos os lados ouvíamos que os acidentes ofídicos eram extremamente raros na América do Norte. E era natural que assim fôsse, a despeito da abundância relativa de tanatofídios, porque o uso generalizado do calçado, nas populações rurais, era um fato elucidativo para explicar essa extrema raridade — confessa hoje o dr. Vital Brasil.

De volta de Washington, depois de encerrado o Congresso, o acaso forneceu a Vital Brasil feliz oportunidade de socorrer, em Nova York, um empregado do Bronx

**(Cont. na pág. 42)**

**A MORTE horrível pela agressão dos ofídios foi neutralizada pelo Pasteur Brasileiro, homem que vale um século de bem-estar da Humanidade e que merece um Prêmio Nobel**





PROFESSORES especializados estão alertas aos menores passos da ciência, e no laboratório, dedicam as horas aos estudos. Nunca se estuda demais neste mundo...



ESPREITANDO a morte através dos tubos de ensaio, os cientistas expõem suas próprias vidas, como sucedeu ao Dr. Vital Brasil Filho, falecendo vítima de uma infecção.



TÉCNICOS especializados extráem das serpentes venenosas, peçonha que o "Pasteur do Brasil" conseguiu neutralizar. Sem os trabalhos de Vital Brasil, talvez ainda matassem...



INOCULADA no scavalos a secreção mortífera das cobras, é mais tarde extraído o sangue, para elaboração do sôro capaz de salvar o homem. Trabalho de magno relêvo



VELHOS barracões onde o professor Vital Brasil começou, em 1919, estudos que vieram beneficiar a Humanidade. São ainda hoje conservados com carinho, preciosas relíquias



AS MOÇAS da biblioteca zelam por 8.000 volumes. Essa é a maior biblioteca da América do Sul na sua especialidade e também a de maior autoridade pela variedade de volumes

# a passionata

CONTO DE **ARNALDO MARCHETTI** ★ ILUST. DE **OSWALDO DA CUNHA**

"Feliz consórcio, Dr. River!"

Médicos, enfermeiras e servidores do Hospital S. Félix cumprimentavam o diretor, à sua saída habitual.

River agradecia-lhe numa reverência amável. Imaginava que o amanhã seria assim mesmo, muito feliz! Depois, a idéia de que galgaria os degraus triunfantes do altar, arrebatava-o.

O carrilhão de S. Félix dobrava o Angelus. A chuvinha impertinente começava a cair, quebrando o encanto da tarde. Pudera, a primavera ensaiava os primeiros passos...

Seu carro ficava estacionado no jardim do edifício. River, resguardado no sobretudo, tomou posição ao volante.

E, prêso a um sentimento, ficou a admirar o casarão imenso. Era como se fôsse a última vez que o tornasse a ver. Nem mesmo conseguiu impedir que uma lágrima indiscreta escapasse-lhe dos olhos...

Aquêle era o seu verdadeiro lar!

Sentia-se talvez emocionado pela simpatia que a todos causava. "Feliz consórcio, Dr. River!" — lembrava.

A sua licença do hospital libertava-o das grandes responsabilidades. O destino de centenas de enfermos estava confiado à sua perícia de médico. Todos conheciam aquelas mãos salvadoras de cirurgião. Atestado digno do seu comportamento!

Dissipando todos os pensamentos, que se tornavam estranhos, acionou o motor. Volveu um olhar derradeiro ao edifício.

O "coupé" deslisava pelo macadame, avançando pela estrada. Um ar glacial e constante embaciava a vidraça do veículo. O frio precipitava-se!

River compreendia que estava próximo da felicidade. Inúmeras vêzes imaginou-se casado. Uma espôsa dedicada, um filho robusto... Que prazer delicioso! Recompensa de seus esforços.

E a chuvinha continuava, irritante como um doente sensível.

Mesmo com seus trinta anos, ocultos por uma personalidade jovem, sempre nutriu a esperança do casamento. E tomava-o como lema para confortar seus doentes: — "Curados seus males, case-se rapaz!"

Em alguns minutos apenas, o carro alcançou o "Fenton", disputado hotel da cidade. O "chauffeur" do hotel recolheu-o e River subiu ao apartamento 205.

Aparentemente, o doutor se mostrava preocupado. Parecia que era devido ao fato de estar na véspera de contrair núpcias com uma das damas mais ilustres da sociedade.

Dir-se-ia, acertadamente, que uma saudade infinita o angustiava. Tão pungente que o tempo não conseguia matar...

Pela única vez, não se mostrou acostumado a grandes emoções. E fraquejou naquela solidão...

Do vigésimo andar, olhava a chuvinha com desprêzo...

Afundou-se na poltrona. Através dos reflexos do quebra-luz, pareceu assomar-lhe à mente a imagem soberba do S. Félix com seu carrilhão...

Breves pancadas na porta o interromperam.

Era uma mulher sedutora, idade imperceptível, dentro de um vestido prêto muito bem recortado.

O doutor abalou-se ao vê-la. E exclamou, voz estrangulada:

— Melba!

Ela sorriu, contrafeita, talvez por algum motivo que a preocupava. Entretanto, reparou:

— Não me convida a entrar?

O médico indicou a poltrona. Houve uma pausa expectante que foi logo abafada por um nervosismo crescente.

— Então? Que quer? Diga!

Melba passou-lhe uma vista d'olhos. Fôra uma censura àquela cortesia insólita.

Êle se descontrolou ao compreender. Mas exaltou-se maquinalmente, ante o silêncio dela.

— Responda ou retire-se, Melba!

Calma, ela jogou um anel de cabelo para trás.

— Li a notícia no jornal. Vim felicitá-lo e...

Sua frase fôra chicoteada por um desespêro.

— Compreendo! Quer soprar mais uma chama da minha existência?

Outra pausa dolorosa.

Melba contraiu as faces lisas. Ergueu o lenço e falou fulminante:

— Dila, nossa filha, faleceu hoje!

A comunicação, tão violenta, atirou-o à poltrona. Ficara como chocado por uma explosão formidável.

Refêz-se e revidou, quase prontamente:

— Dila não é minha filha!

— E' mentira, você bem sabe! — retorquiu-lhe Melba. — Ela sempre foi o obstáculo à sua fuga.

O silêncio dêle era a revelação da verdade que lhe pesava na alma.

Melba, então, voltou à carga:

— Belo preço da minha ingenuidade. Promessas! A outra não é tôla. Mas é rica...

River ergueu-se numa ânsia de sacudi-la. Mas preferiu apontar a porta.

Melba permaneceu resoluta. Sorria amargamente. Estava disposta a tudo. Tentaria o inevitável. Retirou da bôlsa um papel e ofereceu a River.

— Assine a sua liberdade!

Era um atestado de óbito. Tomou-o nas mãos trêmulas. Tentou improvisar uma negativa, mas foi repreendido:

— E' seu dever como médico e pai. Ou duvida?

Nem mesmo certificou-se da exatidão do documento. Para que perder tempo? Queria encerrar, mais ràpidamente, aquela discussão que parecia interminável.

Melba lançou um olhar penetrante para o documento. Demonstrava um interêsse vivo, absoluto! Segrêdo! Era o veneno de mulher apaixonada.

Êle assinou automàticamente, numa réplica afobada. Visivelmente dominado, caiu na poltrona num desânimo que fazia dó.

Uma dorzinha de cabeça marchava a passos de relógio...

Melba respirou tranquilamente, recolhendo o papel. Parecia que conquistara um tesouro. Notava-se perfeitamente! Era a finalidade de sua visita.

Voltou-se e, numa despedida quase lacônica, falou-lhe:

— Adeus, doutor! Deus será nosso juiz supremo.

A porta fechou-se e River adormeceu depois de vencer as fadigas da emoção...

Na manhã seguinte, a chuvinha ora aumentava, ora decaía. Mas a monotonia era a mesma.

Às 8 horas, o telefone despertou-o. Acordou sobressaltado pelo ruído. Aprumou-se e atendeu o aparelho que ficava numa mesinha junto à poltrona.

Dormira tôda a noite. Contudo, os olhos estavam rubros, as idéias misturavam-se.

A voz de Alfa, sua noiva, chamava-o do outro lado.

— Irei uma hora antes do ato civil. Até já, querida! — concluiu.

(Cont. na pág. 12)

## A RESPEITO DE POLIGAMIA

PARECE que os adeptos da igreja Mormon, calculados em mais de oitocentos mil, vão ver triunfar a doutrina da poligamia. Quando se fundou a nova seita, em 1890, seu presidente, Wilford Woodruff, declarou que "o mundo ainda não estava maduro para ser polígamo". Agora, porém, mais de meio século depois do estabelecimento da igreja, parece que o mundo amadureceu para muitas coisas e para os casamentos poligâmicos.

O fato mesmo de a seita contar um ramo dissidente, os "Fundamentalistas", que se consideram os verdadeiros discípulos dos fundadores mormons, Smith e Young, e sobem a dois mil e quinhentos adeptos, dispostos a agir como se o amadurecimento do mundo já estivesse mesmo em pleno funcionamento, parece indicar que a nova igreja vai vencer. Isto sem contar que, além de seus protestantes e reformadores, os "Fundamentalistas", a igreja começa a ter também os seus mártires, o que representa outro grande passo no caminho para o estabelecimento definitivo das religiões.

Os "Fundamentalistas" andavam realmente, há pouco, perturbados na sua fé pela polícia norte-americana, levados à prisão por fôrça do "Mann Act" e em número de cinquenta, homens e mulheres, submetidos a processo. Tais acontecimentos são, não há negar, um legítimo martírio, visto como o novo e impaciente ramo mormônico, rebelado contra a monogamia, prega .através da "Verdade", seu órgão oficial, a poligamia "como mandamento divino" e seus membros se reúnem calmamente para exercê-la em casa de seus adeptos. O chefe dos dissidentes, Joseph W. Musser, de setenta e um anos de idade, tem cinco espôsas e vinte filhos que, devido à diligência policial, ficam privados da assistência, sofrem e fazem sofrer o ancião de idade provecta, entretanto pai e espôso abundante. Outros "fundamentalistas" chegam a ter até seis espôsas e trinta e três filhos. Uma vez que sobe a cinquenta o número de detidos, é de imaginar-se a desordem e as aflições que o caso originou no imenso mundo poligâmico.

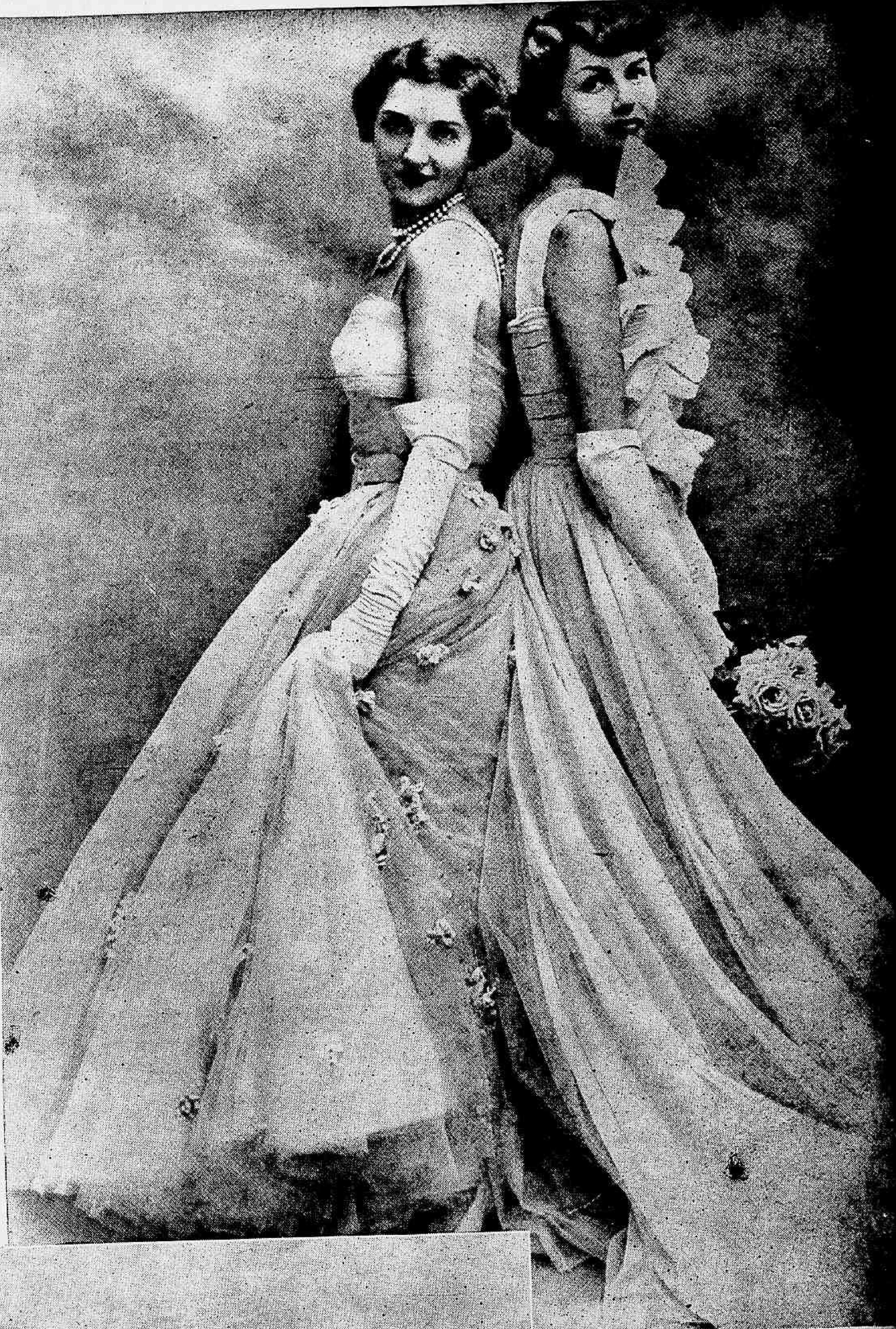
O mais sensacional no caso, porém, são as declarações que vieram a público. O líder Musser, por exemplo, predisse que a poligamia será um dia permitida nos Estados Unidos, como uma solução para o excesso de mulheres. Outra declaração interessante foi a de uma "fundamentalista", Rhea Allred Kunz, mãe de oito filhos, que considera a poligamia indispensável porque "há muitas mulheres aproveitáveis e que ficam solteiras na sociedade monogâmica".

Finalmente, a opinião de um marido, com seis espôsas, que declarou no inquérito, talvez sentindo a falta de um botão na camisa:

— A poligamia é uma coisa muito difícil de praticar, e quem quer que suponha que é divertida deve primeiro experimentá-la.

E agora ficamos a imaginar a espécie de recepção que lhe fizeram as seis senhoras Rulon C. Allred — é êsse o nome do depoente...

LISE





# Vestidos de Tulle

O tulle é o tecido ideal para vestidos de baile nesta época do ano. Dos famosos figurinistas franceses Robert Piguet, Manguin e Bruyère, são êstes modelos. Todos têm as saias formadas de diversas camadas de tulle, mas apresentam corpos de variados feitios, sendo uns simplesmente justos, outros bordados e outros ainda formando desenhos e recortes com a própria fazenda.

# Guarda-roupa para as férias

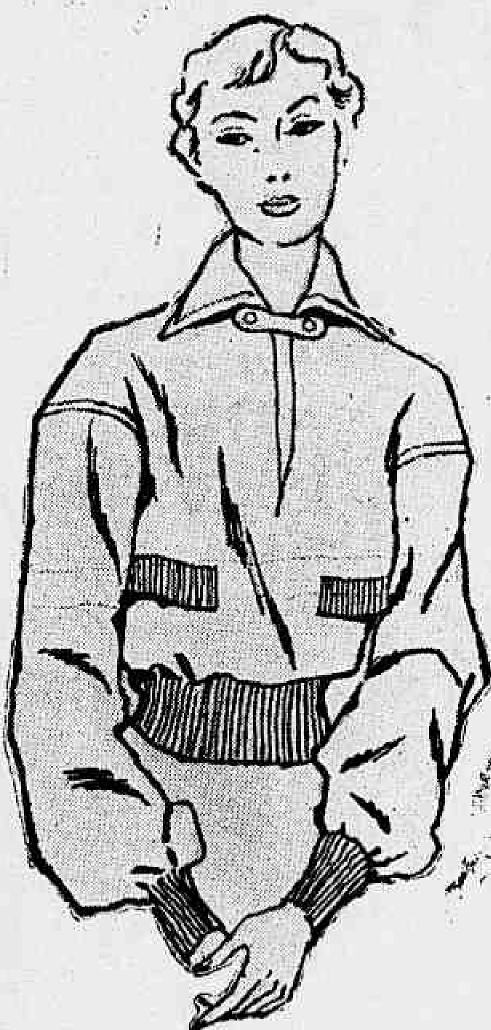


MONTANHA, praia, estações de águas, qualquer que seja seu destino, terão grande utilidade êstes modelos de Shiaparelli, Jacques Fath e outros costureiros franceses.

Na praia há a oportunidade do uso de vestidos em linho e algodão, com e sem alças e roupas de banho de duas peças.

Pela manhã a temperatura na serra é baixa, sendo necessários slacks de veludo, montarias de mangas compridas, casacos curtos e sweters.

Combinará magnificamente com suas vestimentas da praia ou campo esta prática e ampla bolsa de esporte ou esta blusinha em dois tons.

















# VESTIDOS SIMPLES

JEANNE Lanvin, Carven, Marcel Rochas, dotaram êstes vestidos de uma encantadora simplicidade. São de fácil execução, elegantíssimos e servem para diversas horas. Faile, tafetá, algumas sedas pesadas e várias outras fazendas se prestam para a confecção dos modêlos aqui apresentados, todos êles elegantes e bastante originais.

UM detalhe importante do vestido, e que lhe dá grande graça são as golas. Conforme o estilo e o feitio, elas variam muito no tamanho, no corte e na colocação. Apresentamos aqui sugestões de Maud et Nano, Pierre Balmain, Evelyne Arzan e Marcel Rochas.

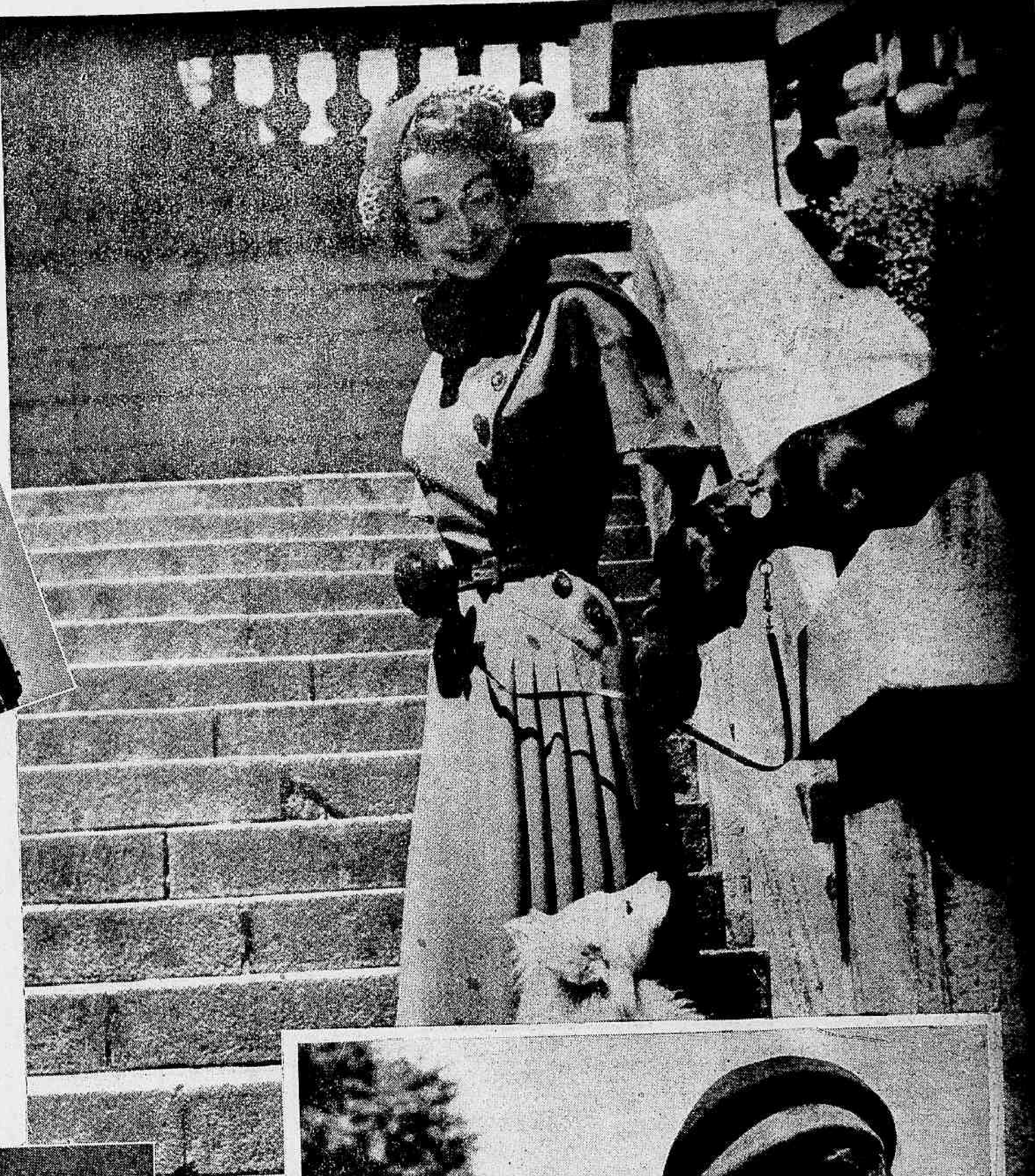
À esquerda: Formando um decote redondo e largo, esta belíssima gola de cetim cozerta de tulle bordado, será de muita vista num vestido de organza ou filó. Arremata-a, na frente, um laço também de tulle.

# GOLAS MODERNAS

Em cima: Vestido para cocktail, de decote baixo na parte de trás, sobreposto por uma gola dupla, deixando as costas nuas, modêlo bastante original.

Ao alto, à esquerda: Gola esporte, de corte simples, para ser usada em costumes ou vestidos ligeiros ou no seu "tailleur" esportivo. Em baixo: Para ser usada com um costume, gola branca de fazenda grossa imitando o feitio de uma folha, abas bem fartas. Para um vestido toilette, esta elegante gola alta, arrematando um decote baixo.





JACQUES Fath, Jacques Griffe e Agnés Drecoll, são os ditadores da moda em Paris. Deles são os modelos aqui exibidos, que vêm provar como o uso de botões como adôrno continua em grande moda. Não só em vestidos ligeiros, mas também em trajes de tarde e noite aparecem enfeites de botões, nos corpos e até nas mangas, feitos de madrepérola, osso ou forrados com a própria fazenda do vestido.





# EM MODA OS BOTÕES




MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



Passou a dôr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA





# WEEK-END



## TORRADINHAS DE RIGOTA

Tomam-se umas torradinhas feitas com pão de fôrma. Passa-se sôbre elas uma camada de manteiga de ervas, outra camada de 1/2 cm. de espessura de rigota. Por cima desta camada de rigota espalha-se um pouco de cuminho.

★

## CHARLOTTE RUSSE

Forra-se uma fôrma lisa com palitos franceses acabando-se de encher a fôrma com creme de baunilha. Põe-se em lugar fresco para gelar. Antes de virar, mergulha-se a fôrma, durante um minuto em água quente. Enfeita-se com creme Chantilly, nozes e amêndoas. Observações: Em vez de creme de baunilha, pode-se encher a fôrma com qualquer outro creme.

★

## TALOS DE MANTEIGA

Massa de fermento fresco n. 2 ou 3. Estende-se essa massa com 1 1/2 cm. de espessura, e corta-se em 10 cm. de comprimento por 2 cm. de largura. Enrolam-se com cuidado essas tiras com a mão, e põem-se em assadeira untada. Colocam-se depois uns fragmentos de manteiga por cima dêstes talos, salpicam-se amêndoas e açúcar e leva-se ao forno quente.

★

## REPOLHO ROXO BÚLGARO

Parta um repolho roxo grande em tiras, tempere com sal, uma pitada de pimenta do reino, uma colher de manteiga, e leve por uns vinte minutos em fogo fraco; depois polvilhe com uma colher rasa de farinha, uma de açúcar, molhe com duas xícaras de vinho tinto e deixe em fogo brando. O môlho deve ficar bem reduzido. Se o repolho fôr pequeno basta uma xícara de vinho. Sirva acompanhando o assado.

## COCADAS ESPECIAIS

Com 750 gr. de açúcar, faça uma calda em ponto de quebrar. Despeje sôbre 500 gramas de côco ralado, misture e continui a mexer até esfriar, então deite aos montinhos, do tamanho de nozes, num tabuleiro e leve a secar no sol durante dois dias. No terceiro dia, volte de baixo para cima, e torne a levar ao sol. Para apressar, pode levar estufa ou à bôca do forno.

★

## SOPA MAGRA DE TOMATES

Corte aos pedaços 1/2 quilo de tomates, 1 porrô e 3 batatas, deite numa panela com 1 colher de manteiga, deixe passar um pouco, junte 2 1/2 litros de água e cheiro. Quando os legumes estiverem cozidos, incorpore uma fatia fina de pão dormido, deixe ferver um pouco e passe tudo pela peneira. Leve de novo ao fogo, tempere com sal, junte uma colher de chá de açúcar, 1 colher de sopa de manteiga, e sirva simples ou com pão torrado.

★

## ESPUMA BAIANA

Tome 1 côco, 1 garrafa de leite, 6 gemas e 6 colheres de açúcar. Com o leite fervendo, tire o leite do côco, junte o resto



e leve a engrossar no fogo, até aparecer o fundo da panela. Despeje num prato, deixe esfriar e cubra com um suspiro leve feito com as 6 claras em neve e 6 colheres de sopa de açúcar, arripie com o garfo e leve a assar no forno.

★

## SANDWICHES DE ANCHOVA

Cozinhe 6 ovos e amasse as gemas com 100 gr. de man-

# NA COZINHA

teiga e 1 pitada de Cayenne ou de noz moscada. Passe uma camada sôbre tiras da largura do pão de fôrma sôbre 3 cm. Coloque uma anchova no centro de cada uma e um montinho de claras picadas de cada lado.

★

OMELETE COM LEGUMES

Picam-se muito bem cheiros, cebolas, espinafre, ervilhas frescas e alface. Mistura-se tudo com os ovos batidos e um pouco de nata e frige-se em azeite ou manteiga. Guarnece-se a omelete com rodelas de rabanetes e fôlhas de alface. Serve-se com arroz e salada.

★

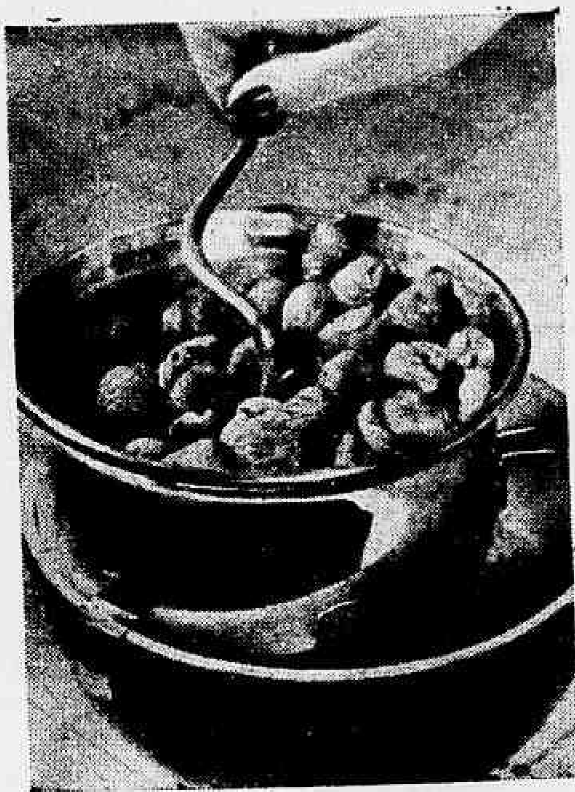
ARROZ COM LINGUIÇA

300 gr. de arroz, 1 cebola, 1 linguiça, 1 ôvo, gordura. Cozinha-se o arroz em um pouco de água. Frige-se a cebola picada em bastante gordura, juntando-se-lhe o arroz e o ôvo batido, misturando tudo muito bem. Em uma travessa põe-se uma camada de arroz, outra de rodelas de linguiça, outra de arroz, e assim por diante, devendo a última ser de arroz. Querendo, rega-se com manteiga derretida.

★

GALANTINA DE CARNE

Unta-se uma fôrma com azeite



e nela se despeja uma camada de geléia fria. Sôbre esta, dispõe-se outra camada de rodelas de ovos, de pepinos em conserva e tomates e torna-se a despejar outra camada de geléia. Quando estiver gelada, põe-se uma camada de quaisquer restos de carne bem picada ou linguiça, outra camada de geléia, outra de carne e assim por diante, até encher a fôrma. Leva-se para gelar, vira-se sôbre um prato, e serve-se com salada e môlho vinagrette.



PUDIM DE MAIZENA

Em um litro de leite fervendo, despejam-se 3 colheres de maizena dissolvida em um pouco de leite frio. Junta-se em seguida uma pitada de sal, 250 gr. de açúcar e um pouco de baunilha ou açúcar de baunilha. Querendo, acrescentam-se ainda 2 gemas batidas. Retira-se do fogo antes de engrossar, despejando-se em uma fôrma na qual se passou água fria. (Esta fôrma não se deve enxugar). Põe-se para gelar.

★

PRESUNTO COM COUVE-FLOR

Cozinhe uma couve-flor e corte aos pedacinhos. Bata uma colher de manteiga com três gemas e desmanche duas colheres de farinha em 1/2 litro de leite. Misture tudo e leve ao fogo para engrossar. Retire do fogo, junte 150 gr. de presunto picadinho, as três claras em neve, e deite em uma fôrma untada com manteiga e polvilhada com queijo. Cubra com bastante queijo ralado e leve a assar no forno. Desenforme morno num prato redondo, e faça uma cercadura com ovos duros em fatias bem finas, umas sôbre as outras.

★

PUDIM DELÍCIA

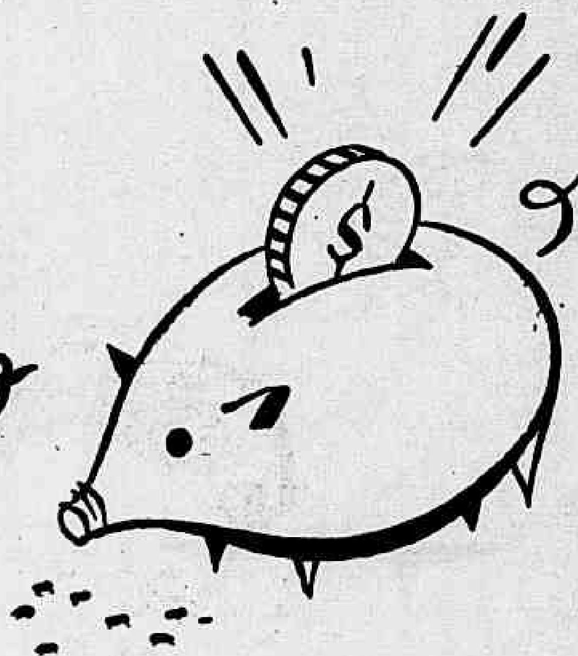
Deite de môlho duas xícaras bem calcadas de miolo de pão em um litro de leite, junte uma colher de manteiga, uma xícara de açúcar, quatro gemas e gôtas de essência de baunilha. Misture tudo, despeje em fôrma pirex e leve a assar no forno. Leve ao fogo 10 bananas prata em fatias com uma colher de manteiga, meia xícara de açúcar e meia de água; logo que amolecerem arrume sôbre o pudim assado, mas sem retirar da fôrma. Cubra com suspiro feito com quatro claras e seis colheres de açúcar, polvilho de açúcar e leve de novo ao forno para secar. Sirva na própria fôrma.





**Antes,** era preciso pulverizar diàriamente os inseticidas comuns em grandes quantidades.

**Agora,** poucas aplicações de **NEOCID EM PÓ** por ano bastam para transformar os esconderijos e caminhos dos insetos em armadilhas mortíferas. Deixando o pó nos lugares, **NEOCID** elimina os insetos durante semanas e mêses... Por isso,




*Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é mais econômico livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.*




DESCOBRIDORES DO DDT




**NEOCID** *em pó*

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE!...

**EUTRICHOL ESPECIAL**

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente **revigorizado**, tendo voltado, portanto, a sua **côr natural**. **Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:**

**LEITE DE ARROZ**

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

**(Exigir a embalagem verde)**

**Vinho Chico Mineiro**

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

**MULTIFARMA**

**Praça do Patriarca, 26 — 2.º**

**S. PAULO**

Remetemos pelo Reembolso



**Publicidade para a**

**"Revista da Semana"**

**em São Paulo:**

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

★

**Rua Brigadeiro Tobias, 613**

**2.º And. Sala 217**

**Fone: 8-6718**






**Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649**


## VITAL BRASIL - O PASTEUR...

(Cont. da pág. 32)

Park, o qual, ofendido pela picada de um "Crótalus" atroz, oriunda das planícies do Texas, permanecia entre a vida e a morte, de nada valendo os recursos utilizados pelos maiores cientistas americanos, inclusive pelo emprêgo do famoso sôro de Calmette.

— Quando fomos procurados no hotel pelo dr. Ditmars, diretor da seção de répteis do Bronx Park, já eram passadas cêrca de 36 horas — relembra o ilustre pesquisador. — Encontramos o doente em estado desanimador. Segundo a observação dos médicos assistentes os sintomas de envenenamento haviam seguido em marcha ascendente. Aconselhamos que fôsse aplicado desde logo o sôro anti-crotálico que havíamos levado conosco, pois na falta de um sôro específico que contivesse anti-corpos resultantes do veneno da espécie determinadora do acidente, era o único que poderia ter efeito. A ação do específico não se fêz esperar. Doze horas depois o doente era considerado fora de perigo.

Aquela vida salva pelo sôro milagroso de Vital Brasil valeu mais para seu prestígio pessoal nas esferas científicas de todo o mundo, do que tôda a comunicação da profilaxia dos ofídios lida perante o Congresso, merecendo do grande sábio francês Calmette, descobridor da vacina B.C.G., as seguintes palavras de admiração. — "A obra científica de Vital Brasil é absolutamente de primeira ordem. Os seus trabalhos sôbre os venenos e sôbre as soroterapias anti-venenosas salvaram milhares de existências. Sinto-me particularmente feliz ao associar-me às homenagens que ora se lhe prestam e o Instituto Pasteur de Paris unânimemente partilha os sentimentos de alta estima e admiração que me ligam ao nosso colega e amigo."

Visitou a seguir várias das mais famosas Universidades da terra do Tio Sam, como a de John Hopkin's, em Baltimore; a de Pensylvania, em Filadélfia; a de Colômbia, em Nova York. Percorreu demoradamente museus de História Natural, parques zoológicos, institutos de higiene e soroterapia. Acompanhou de perto os trabalhos de cientistas célebres, como Carrel, Noguchi, Banzhf, Ana W. Williams Lõeb, Flexnerx e outros.

### PROSSEGUIMENTO DAS REALIZAÇÕES

De regresso ao Brasil, permaneceu na direção do Instituto Butantan até meados de 1919. Por essa época tão alto era o seu prestígio como homem de ciência que o govêrno do Estado do Rio resolveu financiar a criação de um Centro de Pesquisas que, recebendo o seu nome, possibilitou a Vital Brasil resolver muitos problemas veterinários não só do Estado como de todo o país.

Nos velhos barracões zincados travou durante muitos anos renhida luta contra todo um mundo microbiano. Pesquisou pacientemente e confeccionou os mais variados tipos de vacinas específicas.

Agora, na sua moderna sede, construída por um de seus filhos, o engenheiro Álvaro Vital Brasil, e sob a direção administrativa de seu genro, o advogado Álvaro Protásio, o Instituto já atendeu patriòticamente mais de 20.000 pessoas, fornecendo cêrca de 1.500.000 cm3. de vacina anti-rábica para tratamento domiciliar. Para isso, são utilizados grande número de cavalos, cães, cobaias, coelhos, ovelhas, dispondo de um vasto biotério, com capacidade para 4.000 animais.

Vinte e três cientistas trabalhando num ambiente, onde a perfeição funcional se associa à beleza das linhas arquitetônicas, colaboram para que milhares de vidas brasileiras, colombianas, venezuelanas e de outros países da América do Sul, assim como de outros continentes, sejam salvas dos males provocados por vermes e pelos acidentes ofídicos — graças à perseverança e tenacidade de um verdadeiro baluarte da ciência médica contemporânea — o dr. Vital Brasil.

☆

Aos oitenta e cinco anos de idade, vive hoje o "Pasteur Brasileiro" inteiramente dedicado à vida do lar. Cercado de seus diletos filhos, filhas e netos, num confortável apartamento na praia do Flamengo, vê com intenso prazer o crescimento da petizada que lhe preenche os dias felizes, com deliciosa algazarra.

## "A PASSIONATA"

(Cont. da pág. 34)

River estava realmente disposto a modificar sua vida. Procurava transparecer bom humor diante do imprevisto da véspera. Era como atiçar fogo à água...

E a eterna saudade?

Alfa era uma vênus moderna. Por que não sarava aquela saudade perturbadora? Saudade? De quem?

Ficava arrefecido numa expressão desoladora. Era demais a audácia de Melba.

Onze horas, afinal!

Aprontou-se elegantemente no seu casemira inglêsa. Seu nervosismo era grande. Até o cigarro custava-lhe acender. Vacilavam seus passos como os de um condenado, um cego principiante. Apanhou o chapéu. Mas recuou num gesto covarde.

Ouviam-se batidas leves à porta.

Por um instante tentou adivinhar aquela nova surprêsa. Seria Alfa? Algum amigo? Um telegrama? Ou... — estacou rápido.

Girou a maçaneta. A porta escancarou-se. Um cavalheiro vistoso, indagou-lhe:

— E' o Dr. River?

— Sim, senhor.

E o estranho voltou-lhe a falar com mais intensidade:

— Acompanhe-me! A polícia prende-o por crime de fraude!

O fato, levado aos tribunais, tornou-se notório nos círculos médicos e sociais. O Dr. River era muito conhecido na metrópole.

No S. Félix todos lamentavam o êrro do seu diretor. "Pobre diabo" — diziam as más línguas. Sim, River sofrera a humilhação, a piedade dos outros.

Fôra afastado do cargo de diretor do hospital. Impossibilitado de exercer a profissão por um ano, depois de cumprida a sua pena. Embusteiro? Não! Vítima do capricho humano!

E o escândalo? Alfa, ex-noiva, acusava-o de impostor em pleno tribunal. Rumores absurdos vagavam em tôrno do seu nome. Seu ódio era de fera que não conseguiu pegar a prêsa. Até mesmo um advogado contratara para acusá-lo como bígamo. "A granfina perdeu o casamento!" — boato doloroso.

E Melba? Principal elemento da trama, mantinha-se incógnita. River preferiu ocultá-la para poupar maior escândalo. Êle era a sua única defesa. Mas não ousava se defender.

Assim, acusado implacàvelmente pela justiça, indefeso ao extremo, sòmente à custa de muito esfôrço, proferia:

— Eu atestei a morte!

O juiz sereno, mas perspicaz:

— Como pôde o senhor atestar a morte de um ser que respira, vive? Por que o cadáver da criança não surgiu no cemitério dentro do prazo contratual?

O promotor público introduzira uma mulher na sala, E, num último auxílio:

— E' a mãe da criança? Conhece-a?

Melba substituíra o luto por um vestido multicor. Artista inconfundível. Fingia ser um equívoco da polícia. Nada a implicava no caso. Éra-lhe sem importância. Não sabia mesmo porque fôra chamada. Seus subterfúgios adaptavam-se melhor para um enrêdo teatral!

Soubera comover. Unânimes, proferiram a sua inocência!

Melba olhou-o calada, impiedosamente.

River baixou a cabeça num sofrimento lamentável. E moveu-a negativamente!

E o juiz, insistindo, enérgico:

— Prove, então, sua inocência!

River era incapaz de acusar alguém. Mesmo naquela situação de pânico. Lembrava um viajante, só, em pleno deserto! Indubitàvelmente perdido! Ante sua eterna culpa, que não conseguia provar, ainda afirmava num senso de responsabilidade e caráter honesto:

— Eu atestei a morte!

Displicentemente retirou o anel do dedo, guardando-o no bôlso.

E a chuvinha caminhava para os três dias consecutivos.

★

Uma réstea de luz infiltrava-se no presídio. Era o fim da sua abnegação, longos anos de estudo em prol da medicina.

As grades sombreavam na parede, parecendo cruzes para um sofredor. Dois anos que se passariam dolorosos quanto à felicidade que se destruiu...

Depois, não teria coragem para recomeçar tudo de novo.

O guarda preveniu-lhe de que alguém viria visitá-lo.

Já imaginava! Ergueu-se de ímpeto e

## JOÃO LUSO

*AS conseqüências do desaparecimento de João Luso não se restringirão ao noticiário, nos jornais e revistas, acompanhado de uma fotografia pouco semelhante ao retratado. As missas por sua alma não serão o final de tudo. Os espaços que êle ocupava nas publicações parecerão lembrá-lo, mesmo que penas competentes se incumbam de preenchê-los. E' porque João Luso escrevia com o coração. Em tudo que êle publicava havia expresso o seu sentimento. Foi sempre emotivo. Gostava dos humildes, dos fracos, dos indefesos. As causas que João Luso defendia sempre foram as causas do Bem em luta contra o Mal. Mas, mesmo lutando, mostrou-se sempre complacente, generoso. Contava sempre histórias de velhinhas meigas e pobres, ou de crianças como devem ser, ou de cães devotados aos seus amos. Era um sentimental, um emotivo. Era sempre procurado por pessoas que, muitas vêzes, nem o conheciam: "Senhor João Luso, ouvi dizer que o senhor é tão bom... Estou sem emprêgo... Será que o senhor pode dar um jeito?" Dar um jeito? Ora que dúvida! Esta era a sua especialidade: dar jeitos para servir a todos que precisavam de ajuda. "Senhor João Luso, estou precisando ser receitado... mas não posso pagar ao médico". Era de médico que precisava? Pois João Luso era amigo de professôres! Sem demora, escrevia uma carta para ser entregue em mão solicitando ao grande médico uma consulta grátis. Outras vêzes o visitante era um jovem tímido, tentando desenhar um bigode com o buço incipiente, de mãos apertadas nas costas e um conto ou soneto passado a limpo no bôlso: "Senhor João Luso, eu tenho lido os seus artigos e gosto muito dêles; o senhor poderia ler isso que eu fiz para eu saber se dou para a coisa?" Era com todo o prazer que João Luso atendia ao rapaz. Colocava o pronome na posição ensinada pela gramática, consertava o verso de pé-quebrado, substituía vocábulos mal empregados, corrigia a pontuação, cortava as frases prejudiciais, acrescentava palavras para valorizar o texto — e eis o trabalho aperfeiçoado a ponto de estar publicável. João Luso não parava aí: levava o trabalho a alguma redação e o jovem, pouco depois, tinha o inefável prazer de ler sua obra numa revista — e até, não raro, ainda recebia uns cem mil réis, que transbordavam a sua alegria. Satisfação maior sentia João Luso: "Menino, leste o teu conto publicado? Gostaste?" Às vêzes o rapaz lamentava: "Envez de o título sair "A Resolução Divina" saiu "A Revolução Divina". João Luso sofria com isso mas procurava consolar dizendo: "Mas então, rapaz! És um escritor! Pois êstes aborrecimentos só os têm os escritores!"*

*Assim era êle: gostava de ajudar. Êsse era o seu maior prazer. Apresentava os jovens como grandes literatos ou sorridentes esperanças: "Êle se diz meu discípulo, mas isso me aflige porque o rapaz já escreve melhor do que eu".*

*Agora, mais do que os leitores de "Livros Novos", mais do que os leitores de João Luso de várias seções em diversos jornais, os jovens — êsses sim! — sentirão a sua falta. Não encontram outra mão que se lhes estenda. Todos os escritores são muito ocupados: ninguém tem tempo para perder com rapazes com vocação. Só João Luso tinha tempo para isso. Êle achava que não estava perdendo tempo, porque, além de não afogar as esperanças dos jovens, êle sabia que todo escritor famoso já foi um principiante sôbre cujo futuro nada se podia afiançar. Com o falecimento de João Luso, portanto, não perde o nosso idioma apenas um escritor, mas vários que morrem antes de surgir.*

MOYSÉS DUEK

## MÚSICA

# SOROR ANGÉLICA — ELEIÇÕES NA O.S.B.

ROBERTO LYRA FILHO

TEMOS observado, ùltimamente, que o ouvinte que procura, no rádio, programas de um nível artístico superior já encontra, na atividade das nossas emissoras, algumas realizações dignas de especial registro e comentário.

E' natural que a maior parte das iniciativas de alcance cultural partam de estações como a Rádio Ministério da Educação e a Rádio da Prefeitura. Estas, organizadas com a preocupação principal de servir a uma finalidade educativa, podem desenvolver um plano de divulgação musical que outros microfones, presos pelas imposições comerciais dos anunciantes que os sustentam, não alcançam com tanta facilidade. Isso não significa, entretanto, que faltem, na programação de uma Rádio Globo, ou uma Rádio Jornal do Brasil, por exemplo, aspectos dignos de estímulo e elogio pelo avanço que representam e pelo esfôrço que demonstram, no sentido de concorrer para a elevação dos nossos padrões radiofônicos.

SOROR ANGÉLICA

Ainda divulgando a ópera, porém num outro gênero de programa, a Rádio da Prefeitura transmite, regularmente, a "ópera Experimental".

Trata-se, aqui, de um esfôrço, não sòmente no sentido de oferecer audições líricas, como também, e sobretudo, de estimular o contacto do público com elementos novos, novas vozes.

Recentemente, apresentando, completa, a "Soror Angélica", de Puccini, a "ópera Experimental" proporcionou aos ouvintes um agradável encontro com partitura raramente executada e muito injustamente esquecida.

Tivemos oportunidade de ouvir a ópera, tal como foi apresentada pela Rádio da Prefeitura. Reencontramos, com prazer, a vigorosa apresentação musical do drama, por Puccini, mas o que nos impressionou, principalmente, foi a interpretação.

Ainda que o rádio não possa dar uma idéia perfeita das vozes, e as nossas emissoras não disponham dos recursos técnicos para um aproveitamento sonoro completo, evitando, por exemplo, a vibração perturbadora, nos agudos, quando os cantores se acham próximos demais do microfone, ou a perda de certas sutilezas, que o aparelho não capta, apesar dessas inevitáveis imperfeições, foi de raro interêsse a audição de "Soror Angélica".

Lena Monteiro de Barros, que já conheciamos, por tê-la ouvido, em temporada lírica, no Teatro Municipal, teve, na protagonista, uma excelente oportunidade para revelar mais amplamente as qualidades já divisadas pela crítica, em rápidas apresentações anteriores.

Voz extensa, emitida com segurança, ela transmitiu à "Soror Angélica" todo o calor que as situações dramáticas exigiam, culminando, no final, quando atingiu momentos de autêntica e comunicativa emoção.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Renovado o mandato do presidente da O.S.B., Almirante Lara de Almeida, aquêle conjunto sinfônico entrará, na próxima temporada, em período de fecunda atividade artística.

Simples observadores, acompanhando o desenvolvimento da nossa vida musical, não poderiamos, antes do pleito, exprimir predileção por tal ou qual corrente, sem intervenção indevida em questão interna da O.S.B. Decidida esta, como era justo, pelos próprios sócios, e comunicado a todos o resultado das eleições, agora, sim, poderemos exteriorizar, sem constrangimento, o nosso aplauso e a nossa satisfação pela justa consagração do trabalho do Almirante Lara de Almeida, com a renovação expressiva do voto de confiança dos membros da sociedade na sua direção esclarecida, operosa e profícua. Tendo empregado, em 1949, energia e discernimento na orientação da O.S.B., o Almirante Lara de Almeida, recebeu, com a reeleição, reconhecimento público de que a grande maioria dos que compõem a O.S.B. soube compreender o alcance das medidas que tomou, sempre acertadas e oportunas, e o valor das realizações que, em 1949, após prolongada e dolorosa crise, recolocaram a orquestra, pelo esfôrço de seus dirigentes, na sua verdadeira posição, rumo a um constante aperfeiçoamento, de acôrdo com programa artístico sàbiamente traçado, dentro das possibilidades do conjunto.

avançou para as grades, segurando-as fortemente.

Melba estava ali, diante, com sua filha!

Libertou a cabeça do capuz e dirigiu-se-lhe com uma alegria feroz nos olhos:

"— Esta é Dila, sua filha, que você tentou matar!

River olhava fixo para o alto, querendo procurar o horizonte. Parecia uma estátua de cêra. As grades separavam um ódio ilimitado, um frenesi calado, uma emoção sufocada.

Brandamente, ela lhe bafejou o rosto:

— Amo-o como uma verdadeira passionata. Vendo-o aí, sinto-me tranquila. Livre de tôdas, exclusivamente meu! Nunca o abandonarei. Adeus!

Provara! Não conseguira esconder uma tristeza infinita. Pagara o crime!

A criança, acenou-lhe naturalmente:

— Bênção, papai!

E afastaram-se como duas sombras. O chão ficara salpicado de lágrimas. Eram como gôtas de sangue...

River comprimiu as grades no coração. Seus soluços pareciam sintomas de loucura. Tão fortes quanto a saudade que se iluminava.

Compreendera que era dela a saudade atroz. Oh! Mulher original! Fonte de pecados! O verdadeiro amor vai até o sacrifício. E' preciso ser cruel para amar. "Melba... Melba, querida!" — prostrou-se, magoado.

Razão impossível da sua vida. Como uma criancinha que aprende a dizer "papai", êle aprendeu a lição do amor. Até à altura que êle nos atrai...

Havia, queria lavar sua honra. Que valia o perdão aos pés dela arrependido? Não compreenderia... Decidiu-se! O resto seria mistério...

★

Às três da madrugada um corpo balouçava suavemente. Estava estrangulado por um cinto de couro que pendia do teto...

Quando a alvorada surgiu, uns raios de sol brilhavam na cidade.

Oh! A chuvinha parou? Graças a Deus!

## FORA DO PRELO

(Cont. da pág. 15)

Hélio Chaves não é um estreante. Apresentando "Livro de Minha Alma", escreve êle no prefácio:

"Lançando "Miragens" e "Mosaicos", livros de sonetos da minha mocidade, achei interessante apresentar, também, os meus versos da adolescência, saudosos anos, em que tudo era róseo, mesmo torturados pelo sofrimento passageiro das angústias amorosas, que constroem as ilusões, pouco a pouco, diluidas no oceano de realismo fecundo, que a vida representa e nos traz a verdade, sem a fantasia inocente ou mórbida das paixões humanas. E os enfeixei neste volume, tal como as minhas emoções foram traduzidas na fragilidade sentimental da juventude, porque, assim, não desfiguro o íntimo real de um temperamento, ainda balouçando nas ondas dos pélagos e sendo beijado pelo carinho suave das monções, sem conhecer as agruras das tormentas, das trombas marinhas que nos elevam aos céus, para depois despejar-nos nas profundezas abismais, sentindo-se o amargo lodeiro da vida".

E, depois do "lodeiro da vida" e outras considerações, conclui:

"Contudo, são versos da alma, simplicidade de esperanças, delicadeza de harmonia; versos sòmente possíveis na adolescência das ilusões."

A seguir a essas confissões em que temos uma amostra da prosa e da arte do poeta, vejamos também uma amostra de seus versos. Escolhemos ao acaso — e não propositalmente, como podem supor os maliciosos — esta página: "Anjo Louro".

*"Carpindo a dor de uma saudade, eu [vinha,*
*cambaleando na estrada do destino,*
*sentindo na alma uma ilusão, vivida*
*sòmente em sombra desgraçada e triste.*

*E nada me amparava nessa via,*
*nem longe uma miragem divisava,*
*como esperança de esperanças lidas.*

*E mesmo que o destino me reanime,*
*nunca mais viverei meu ser de outrora,*
*porque jamais a ti terei ao lado,*
*meu Anjo Louro de um sonhar dou-[rado!"*

Os demais poemas das cem páginas do livro de poesias de Hélio Chaves medem-se, como arte e inspiração, pelo acima transcrito "Anjo Louro" e nada mais precisamos acrescentar, graças a Deus.

O HOMEM ROUCO

Confesso que comecei bem êste 1950 literário, passando o Ano-Bom em companhia de Rubem Braga, através das páginas de seu novo livro de crônicas, "O Homem Rouco", edição de José Olímpio, publicado no fim de dezembro. Êsse cronista, que sabe extrair o suco poético da cotidianice mais banal, confirma neste livro tôdas as qualidades que, desde seu início, na imprensa mineira, não nos cansamos todos de louvar e, sobretudo, de estimar.

O valor pincipal da crônica de Rubem Braga está na sinceridade com que o autor nos fala, na sua presença quase corpórea nessas páginas de história viva, colhidas nas ruas, nos acontecimentos, nas criaturas. Êle conversa com o leitor, numa linguagem de todo o dia, fácil e amável, como se estivesse à mesa do café, no banco do ônibus, na fila da carne, no elevador da A.B.I., na praia. E' o cronista em mangas-de-camisa, às vêzes de pijama ou de calção de banho. Não põe a gravata para nos dar as suas impressões do dia que passa, para contar a sua rouquidão maçante, a comovente história do seu jaboti ou para tratar dos olhos de Isabel. Tudo, neste cronista, é simples e corrente, além de sumamente interessante. Êle surpreende a poesia, o humor, a dramaticidade da vida nos pormenores mais despercebidos, apresenta êsses elementos com o falar saboroso com que fala e com que escreve. As circunstâncias menos sensacionais, os fatos mais mínimos, as criaturas menos suspeitas, são descobertas por êle e incluídas no nosso afeto ou na nossa ironia.

Antes de Rubem Braga, com as exceções que justificam a regra — a crônica tinha um ar meio solene e meio escandaloso, luxo de vocabulário e brilho de forma — no geral, brilho de purpurina. O que era manchete servia ao cronista. Procurava-se o assunto nas cumieiras e compunha-se de acôrdo com as regras literárias mais célebres, num estilo "recharché". Rubem Braga criou a nova crônica brasileira, desglamorisou o gênero, encontrou seus assuntos no repertório vivo e poético do dia-a-dia, desprezou a "headline" e a reportagem como mananciais de temas, desandou a descobrir e a revelar um mundo de poesia, de pitoresco e de emoção nas coisas simples que andam por aí, nos fatos mais desprezados do que o desprezado 13, nas pessoas e nos bichos sem histórias e sem crimes passionais.

"O Homem Rouco" fixa gentes, paisagens e animais que ingressam definitivamente na nossa estima, passam a fazer parte de nossa vida e nos trazem um pouco, melhor, um muito dêsse escritor que tanto se distribui no que escreve, como no que vive — que Rubens Braga é um homem que se dá generosamente à multidão e um escritor que põe em tôdas as suas páginas o coração e o espírito dêsse homem.


TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

| TIPOS DE PERFUMES | Essências 10 gr. Cr$ | Extratos 50 gr. Cr$ | Loções ¼ Cr$ |
|---|---|---|---|
| Jasmim Super ....... | 10,00 | 22,00 | 30,00 |
| Crepe A — Super ... | 12,00 | 22,00 | 30,00 |
| Madeiras A — Super | 12,00 | 22,00 | 30,00 |
| Rosa Natural — Super | 13,00 | 22,00 | 30,00 |
| Violeta B — Super .. | 13,00 | 22,00 | 30,00 |
| Q. Fluers — Super .. | 15,00 | 25,00 | 35,00 |
| Fl. Amor — Super .. | 15,00 | 25,00 | 35,00 |
| Mitzko — Super ..... | 18,00 | 25,00 | 35,00 |
| Arp. S — Super .... | 20,00 | 35,00 | 40,00 |
| Tabac B — Super ... | 21,00 | 35,00 | 40,00 |
| Tabul — Super ..... | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Chan 5 — Super .... | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Nuit N — Super .... | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Cuir R — Super .... | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Narcisse N — Super.. | 25,00 | 35,00 | 40,00 |
| Pretx — Super ..... | 35,00 | 45,00 | 55,00 |
| Rumores — Super ... | 35,00 | 45,00 | 55,00 |
| Escandalo — Super .. | 35,00 | 45,00 | 55,00 |
| Tabul GR — Super .. | 35,00 | | |
| Flor Maçã LF ...... | 50,00 | 70,00 | 70,00 |
| Soupplesse LF ...... | 50,00 | 70,00 | 70,00 |
| Biarritz LF ......... | 50,00 | 70,00 | 70,00 |
| Monte Carlo LF ..... | 50,00 | 70,00 | 70,00 |
| Arabesque LF ...... | 60,00 | 80,00 | 80,00 |
| Heno del Campo LF.. | 60,00 | 80,00 | 80,00 |
| Casino LF .......... | 60,00 | 80,00 | 80,00 |
| Violette Feuilles LF .. | 85,00 | 105,00 | 105,00 |
| La Rose Rougeatre LF | 85,00 | 105,00 | 105,00 |
| Despesas Reembôlso.. | 6,00 | 6,00 | 6,00 |

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ..............................
RUA ........................ Nº ....
CIDADE ........... ESTADO .........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

## IMPULSOS DO CORAÇÃO

(Cont. da pág. 26)

tivo de ser pobre; se não me engano, meu avô, portanto, seu pai, minha tia, começou a vida como um simples tecelão... Desta forma, não vejo a grande diferença social entre mim e Frederique...

— Mas ela tem dez anos a menos que você!

— Tanto melhor! Tenho um coração de vinte anos.

— E juízo de um bebê de seis meses! Na minha idade, Xavier, pode-se falar sem embuços. Se tens essa pequena ao teu alcance, junta-te a ela, mas reserva teu nome para uma outra. E' menos arriscado!

— Se a senhora conhecesse melhor Frederique, tia Elisa, não lhe passaria pela cabeça tal idéia — respondi eu com voz firme.

Três meses depois eu me casava com Frederique. Recordo-me daquele dia de felicidades e a revejo mentalmente, cheia de alegria, diante do "lunch", deixando que a costureira lhe retirasse o véu. Senti-me também, naquele momento, repleto de contentamento.

Frederique se iniciou em sua nova vida com tôda a alma. Quantas vêzes ela se atirava a mim exclamando: "Como sou feliz por te dever tudo isto!"

Não tardou a anunciar-me que ia ser mãe. Passou a ter cuidados especiais para arranjar uma ambiente digno do primeiro filho, como sempre via nos filmes... — disse-me ingenuamente.

Aos cinco meses, o estado de Frederique me parecia muito penoso. Minha tia Elisa, esquecida de suas teimosias, veio fazer-nos companhia e velava pela saúde e felicidade de minha espôsa, e, conseqüentemente, do nosso primeiro filho.

— Bem sabes Xavier — disse-me tia Elisa. — Eu desejei que casasses com Huguette Legris, ou uma outra de nosso meio; mas, agora o que mais desejo é não me ter enganado.

Huguette era uma amiga de infância, cuja casa muito freqüentava e ela a nossa e isso nos inibia certos sentimentos amorosos. Para minha tia Elisa, porém, Huguette era um mundo de perfeição. E foi ela quem levou o nosso filho à pia batismal. Por êsse motivo e outros, passou ela a freqüentar assiduamente nosso lar. Frederique não possuía aquêle verniz da alta sociedade, como sucedia com Huguette, e sim apenas a polidez do coração, como diria um moralista; com a presença de Huguette, passou esta a ajudar minha espôsa a requintar-se, polindo-lhe as unhas, tornando-a mais de acôrdo com a nossa posição social. Certa vez me disse Huguette:

— Repare bem, Xavier, que, pessoalmente, Frederique tira muito do seu encanto próprio dêsse tom algo rústico que possui; mas isto é incompatível, evidentemente, com a posição que você tem. E' de tais disparidades que podem vir graves conseqüências. Há poucos dias — continuou ela — fomos visitar os novos modelos de Martinelli. Como sabe êsse costureiro dedica sua produção à clientela estrangeira, de gôsto excêntrico; mas, como êle adquire na sua fábrica a maioria de seus tecidos, não foi razoável que Frederique lhe dissesse: "Os seus modelos são muito interessantes mas, se eu saísse à rua com um vestido dêsses, sentir-me-ia muito acanhada". Eu lhe fiz ver que isso não foi conveniente e ela pareceu atinar com os motivos.

— Você é um amor, Huguette, velando assim por ela. Mas... que quer? Frederique é muito franca e ainda não notou que, em nosso meio a hipocrisia é uma necessidade vital. Conto com você para iniciá-la...

Confesso que, sempre que minha espôsa ficava em liberdade num salão e, em tôrno dela se formava um dêsses círculos de palestra, sutilezas, fingimentos e tantas outras coisinhas da alta roda, eu me sentia inquieto, preocupado. Ela mesma reconhecia certa inferioridade social e preferia ficar em casa tomando conta de nosso filho. Eu a aconselhava que procurasse viver sempre em contacto com Huguette, a fim de ir adquirindo o verniz social, tornando-se uma verdadeira dama de salão aristocrático.

— Que pena não tenha você bastante tempo para dar-me essas tintas, meu querido... — dizia ela a sorrir. E acrescentava: — Era até mais fácil que com Huguette. Ela vive de tal forma a notar meus defeitos, minhas falhas, que já sinto gelar-me o sangue só em olhá-la...

— Oh! Mas isso... Vejamos, querida. E' preciso que você a considere como uma velha amiga. Eu e ela nos conhecemos desde a mais tenra idade. Nossas famílias tinham mesmo idealizado o nosso casamento! Huguette está sendo muito dedicada ao tratar de você e não teria qualquer razão de ciumada...

Minha espôsa que tinha lágrimas nos olhos, olhou-me ternamente, olhar brilhante e me perguntou:

— E estará você bastante certo de que ela não tenha ciúmes?

— Absoluta certeza, querida! — retorqui eu a rir. — Se ela sentisse ciúmes teria recebido com frieza nosso casamento e não teria aceitado o convite para ser madrinha de Hugues.

*(Conclusão no próximo número)*

## Pedro II, fã dos democráticos

(Cont. da pág. 12)

Numa coluna sob o título "Tlim-Tlim", há uma ode: "Os Gatos Pretos", assinada por Petiz, e cuja primeira estrofe diz:

A gatarrada assanhada,
Salta, mia, berra e grita
E cada vez mais se incita
A gatarrada assanhada.
Anda ali tal embrulhada
Que o povinho está a ver
O que pretende fazer
A gatarrada assanhada...

Na coluna dos "Boatos", assinada pelo General Topásio:

*"Consta...*

...que os Gatos Pretos (vulgo Fenianos) ainda andam tontos quanto ao carnaval e os Tenentes ficam em casa com medo das constipações...

Nós cá estamos!"

Era a luta pela primazia entre as principais sociedades, como acontece ainda hoje. Quando de nossa visita ao Castelo, os Democráticos estavam festejando o 83º ano consecutivo de atividades carnavalescas. No meio da maior alegria a família democrática, animada pela Ala dos Carapicus, promoveu reuniões, bailes, feijoada e passeata de bonde pelas ruas da cidade, para manter alta a tradição do carnaval carioca e decididos a entrar nas competições das batalhas, dos banhos e dos préstitos para vencer. Cuidado pois, Tenentes e Fenianos, o páreo será duro!

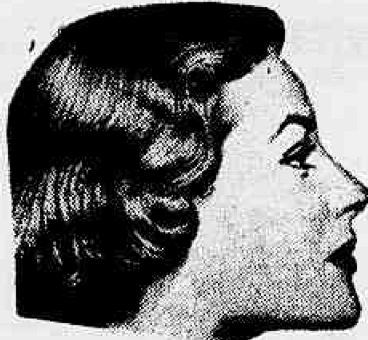
## Uma festa do comércio brasileiro

(Cont. da pág. 47)

Ltda., Mercearias Cariocas Ltda., Moreira Fernandes & Cia. Ltda., Oestreich & Cia., Oliveira Lopes Silva & Cia., Paulo A. dos Santos, Paulo Marciano & Cia. Ltda., Pereira Almeida & Cia. Ltda., Pereira Cabral & Cia., Pereira Carvalho & Cia., Pereira Lima Importadores Ltda., Pina Gouvêa & Cia., Pinto Bastos S/A (Importações), Pinto Lucena & Cia., Pring Tôrres & Cia. Ltda., Prista & Cia., Ramalho Tôrres & Cia., Requeijo Lopes & Cia., Rezende Ferreira & Cia. Ltda., Rodolfo Toledo Ltda., S. Ramadinha & Rocha Ltda., Salinas Pereira Bastos Ltda., Saramago Christa Imp. Ltda., Soares Bastos & Cia., Soares Lavrador Imp. Ltda., Soc. Com. Alimentação, Soc. Continental Imp. Exp. Ltda., Soc. Com. Cereais Assumpção Silva, Soc. Mercantil de Cereais Ltda., Silva Farias & Cia. Ltda., Tavares Pinto & Cia., Thomé & Cia. Ltda., Vieira Monteiro & Cia. Ltda., Viuva Arthur Lopes & Cia. Ltda., Viuva Serôes & Filhos Ltda., Zamponi Filho & Cia..

Publicidade para a
**Revista da Semana**
em São Paulo
Tratar com
**Jarbas de Freitas Galvão**
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.° andar - Sala 217
Fone: 6-6718





**Dê beleza e vigor aos seus cabelos**

Com aplicações do TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" torne sua cabeleira sedosa e bela. Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia, que é também uma **grande esperança para os calvos.** De base vegetal, com a continuação do uso do Tônico "AMARALINA", com certeza absoluta, como em milhares de casos já registrados em todo o Brasil, seus cabelos tornarão a nascer. Com um vidro, detém a queda dos cabelos e elimina totalmente a caspa. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc., a Cr$ 35,00 o vidro. Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6° andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO.

**Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649**

A SAÚDE DO BEBÊ

# AVITAMINOSE A

DR. SABÓIA RIBEIRO

COM o falso nome de Raquitismo, entre os leigos, fazem alusão aos atrasos do crescimento da criança, em geral, atrasos que, entretanto, nada têm a ver com a referida moléstia. De resto, o Raquitismo não atinge tanto o desenvolvimento estrutural da criança como a própria estrutura de seu esqueleto, causando em conseqüência as conhecidas deformações ósseas que o caracterizam.

No Raquitismo avultam principalmente as encurvaturas das tíbias e dos fêmures, o crânio-tabes (crânio mole), as gibosidades da coluna vertebral, etc.

Em certos bebês as lesões ósseas são antes hiperplásicas, verdadeiros calos ósseos avultando externamente, de onde grandes saliências nas fontes e nos ossos parietais, constituindo certos tipos patognósticos da afecção.

No tronco depara-se o chamado "rosário raquítico", desenrolando-se ao longo das articulações condro-costais, face anterior do tórax, visível, nos casos acentuados, mesmo à distância, e nos casos discretos, revelados por meio da palpação digital, sob a forma de nodosidades.

No entanto, a estatura da criança, nesses casos, não nos fere muito a atenção, pois o desenvolvimento dos ossos longos é, em geral, normal.

"Raquitismo" é, pois, uma qualificação errônea quando se emprega para determinar a criança de desenvolvimento estatural falho, quer o pêso se mostre diminuido, quer não.

De um modo geral, nos atrasos de desenvolvimento estatural, se não se trata de algum distúrbio de glândulas, cabe antes suspeitar de outra entidade, qual a *Avitaminose A*, devida à carência da vitamina A, que não do suposto Raquitismo.

A ação especial da vitamina A sôbre o desenvolvimento estatural da criança, é coisa que, sem a mínima discrepância, todos os pediatras hoje aceitam com base na sua própria experiência.

E' um quadro, aliás variável de criança a criança, devido à diminuição, no leite, dessa vitamina (A), ou se o regime é outro, pela escassez de seu consumo através da alimentação.

E' no leite que, nos primeiros meses, vai a criança encontrar a provisão de que necessita dêsse elemento, mas em determinadas circunstâncias, ou o leite é fraco, por motivo de diluições excessivas, ou mesmo escasso na alimentação vigente, resultando, numa e noutra hipótese, o deficit vitaminico que irá determinar os sinais da doença.

E' fora de dúvida que a riqueza dessa vitamina no leite animal guarda uma estreita relação com o consumo de forragens frescas de que se nutre o gado, daí variar numa certa medida o teor da vitamina A, no leite, conforme a estação.

A origem da vitamina A é puramente vegetal, existindo nas plantas sob a forma de caroteno e transformando-se em face de um fermento do organismo de certos animais erbívoros, a carotenase, em vitamina A.

Dêsses vegetais destam-se principalmente o espinafre, a cenoura, a bata e a couve.

Nutrindo-se de vegetais certos peixes acumulam enormes quantidades de vitamina A, no fígado, de onde a grande abundância dessa vitamina no óleo de fígado de bacalhau, cação e halibut.

Passado o periodo da lactação é nos produtos vegetais que se vão buscar os suprimentos da vitamina A para o organismo infantil. A necessidade, portanto, de um regime rico de vegetais (ervas, fôlhas, sucos de frutas, etc.), atende em particular a êsse ponto dispensável ao normal desenvolvimento estatural da criança.

Aliás, a vitamina A não exerce sòmente essa ação sôbre o crescimento da criança, se bem que semelhante ação seja um seu efeito constante.

O aumento de resistência às infecções é outro efeito dos mais notávis da vitamina em apreço; por isso, há sempre recorrer, como tratamento, aos alimentos ricos dela, sempre que em face de crianças que se resfriam a miúde, e de forma indispansável, ao óleo de fígado de bacalhau, por exemplo, em uma de suas inúmeras especialidades farmacêuticas encontradas no comércio.

Nos graus mais acentuados da carência, costumam surgir alterações para o lado dos olhos da criança, com embaciamento, ressecamento e até úlcera e perfuração da córnea, com tôdas suas consequências. Manifestações mais discretas, por outro lado, podem já constituir sinal de alarme, o que faz principalmente suspeitar da afecção quando, ao mesmo tempo, existe atraso do desenvolvimento ou mau estado da nutrição.

## CORREIO DA REVISTA

*J. J.* — Curitiba — Seu conto "O Sapatinho Azul" está prejudicado pelo excesso de floreados poéticos. Procure narrar as coisas sem recorrer a descrições como a que transcrevemos: "Aquela manhã ainda bocejante, de céu tecnicolor, de gramados úmidos de orvalho da noite, como se essa houvesse chorado por ter de se levantar dos alcatifados e macios leitos da natureza...". Liberte-se dêsses gongorismos e escreva com naturalidade.

*Ernesto F. Scheffel* — Hamburgo Velho, R. G. do Sul — Recebemos o seu conto "O dinheiro maldito", com a ilustração. Quanto ao assunto de sua carta, só mesmo com entendimento pessoal em sua vinda ao Rio. Logo que fôr julgado seu conto, daremos notícia. Aguarde.

*Odete Cisneiros* — Carangola, Minas — Recebemos sua colaboração. O excesso não influirá no julgamento, desde que o trabalho esteja bom. Aguarde, pois, nossas notícias.

*M. Fernandes* — Rio — Está em nosso poder seu conto "Meu amigo Paulo". Vai ser examinado.

*E. T. H.* — Três de Maio, R. G. do Sul — Não devolvemos originais, aprovados ou não, conforme regulamento do Concurso. Fica a seu crédito a importância dos selos que nos enviou.

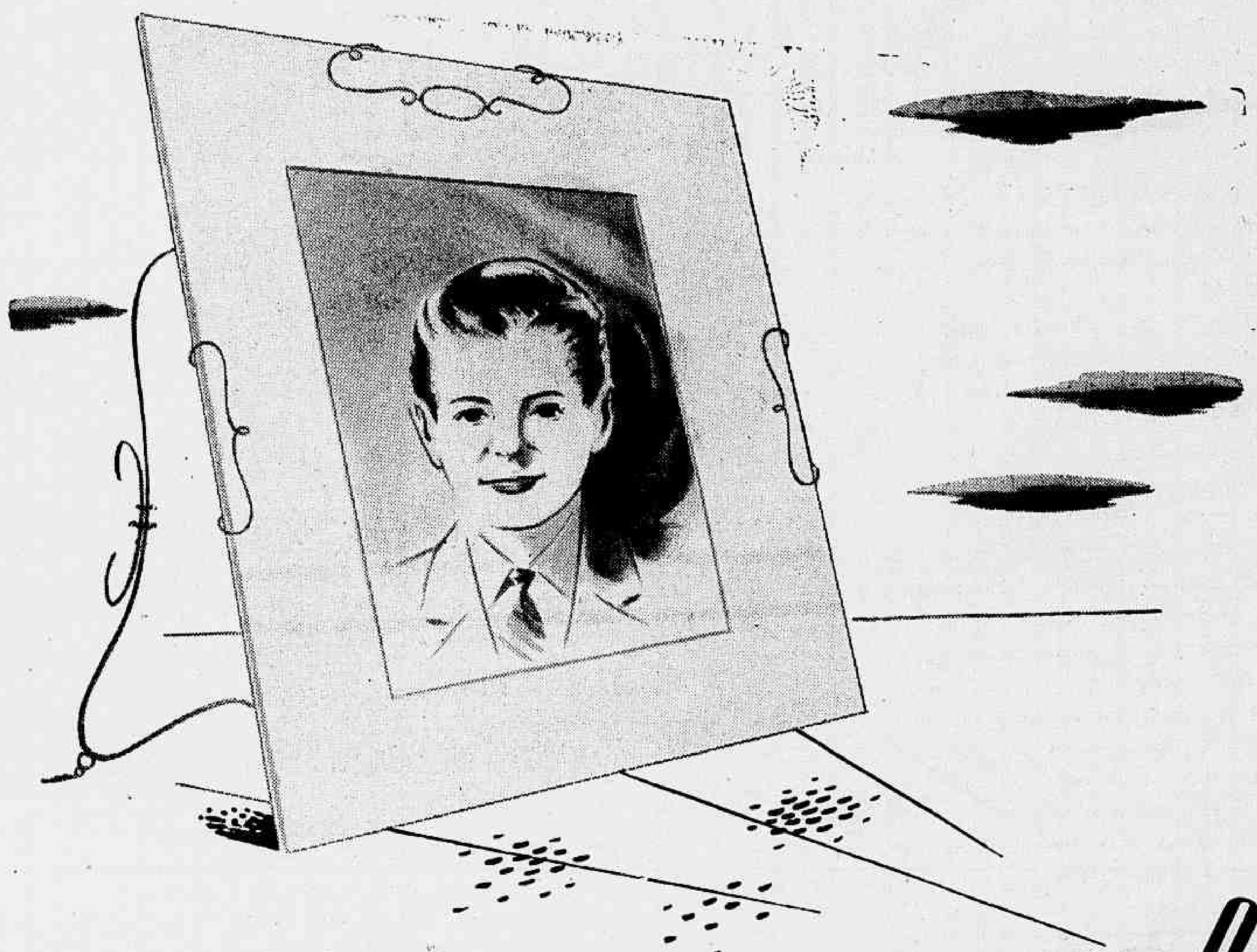
*Visconde de Guararapes* — Cuiabá — Seu conto "Obsessão" foi aprovado e sairá brevemente. Continue.

*Souza Pinto* — João Pessoa — Vamos ler e julgar o seu trabalho "O rio não corre mais". Quanto ao número de páginas também aceitamos com menos de seis. Mas, como sabe, a matéria deve ocupar, pelo menos uma página da REVISTA, incluindo a ilustração; daí preferirmos os contos mais extensos.

*Gipson Freitas* — Seu conto "Aparecida" não está com os julgadores. Queira verificar os números anteriores desta revista. Com certeza já saiu o julgamento.

*D. R. de C.* (Rio) — Seu trabalho "A menina sorriso" foi reprovado. Evite literatura colegial dêste teor: "Os sinos vibram tristemente como a dizer adeus à tarde que declina". Procure, também, melhorar a redação, especialmente quanto a regimes de verbos.

*O. B. de S.* (Pôrto Alegre) — O tema do seu conto "Delírio" não se adapta aos leitores desta REVISTA. Está muito científico. Se ao menos aquela ciência tôda ficasse para o fim, ainda se podia dar um jeito; mas, logo no princípio... Veja se nos manda outra produção, porém mais simples.

Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.




TÔNICO INFANTIL

# UMA FESTA DO COMÉRCIO BRASILEIRO



"E' uma satisfação poder comemorar vinte e cinco anos de existência comercial, assim, rodeados de amigos que são os amigos de todos os momentos" — disse em sua bela oração o Sr. Artur da Fonseca Soares que com o Sr. Antonino Santos, outra estimadíssima figura do nosso comércio, fundou Santos, Soares & Cia.

## MOTIVO REAL DE CONFRATERNIZAÇÃO O 25.º ANIVERSÁRIO DE SANTOS, SOARES & CIA.

A passagem do seu 25º ano de existência foi um pretêxto magnífico para que Santos, Soares & Cia. — estabelecimento tradicional fundado para representar a Casa Ferreirinha (Comp. Agrícola e Com. dos Vinhos do Pôrto) — reunissem em um banquete os seus amigos e clientes.

No entanto, o objetivo, acentuado na feliz oração do sr. Artur da Fonseca Soares, de agradecer a todos pela deferência, pela colaboração e pela estima — fatores fundamentais dos sucessos colhidos nesses 25 anos de vida — foi ultrapassado. Êsse agradecimento, mais expressivo porque os srs. Antonino Santos e Artur F. Soares, fundadores da firma, nêle se fizeram cercar de todos os auxiliares, do Rio e de S. Paulo, acabou por se transformar em autêntica festa do comércio brasileiro.

E' que ao ágape compareceram, também, titulares de outros estabelecimentos congêneres, demonstrando, eloquentemente que lado a lado com a disputa comercial se cultiva a amizade e a admiração quando os adversários sabem ser leais e francos.

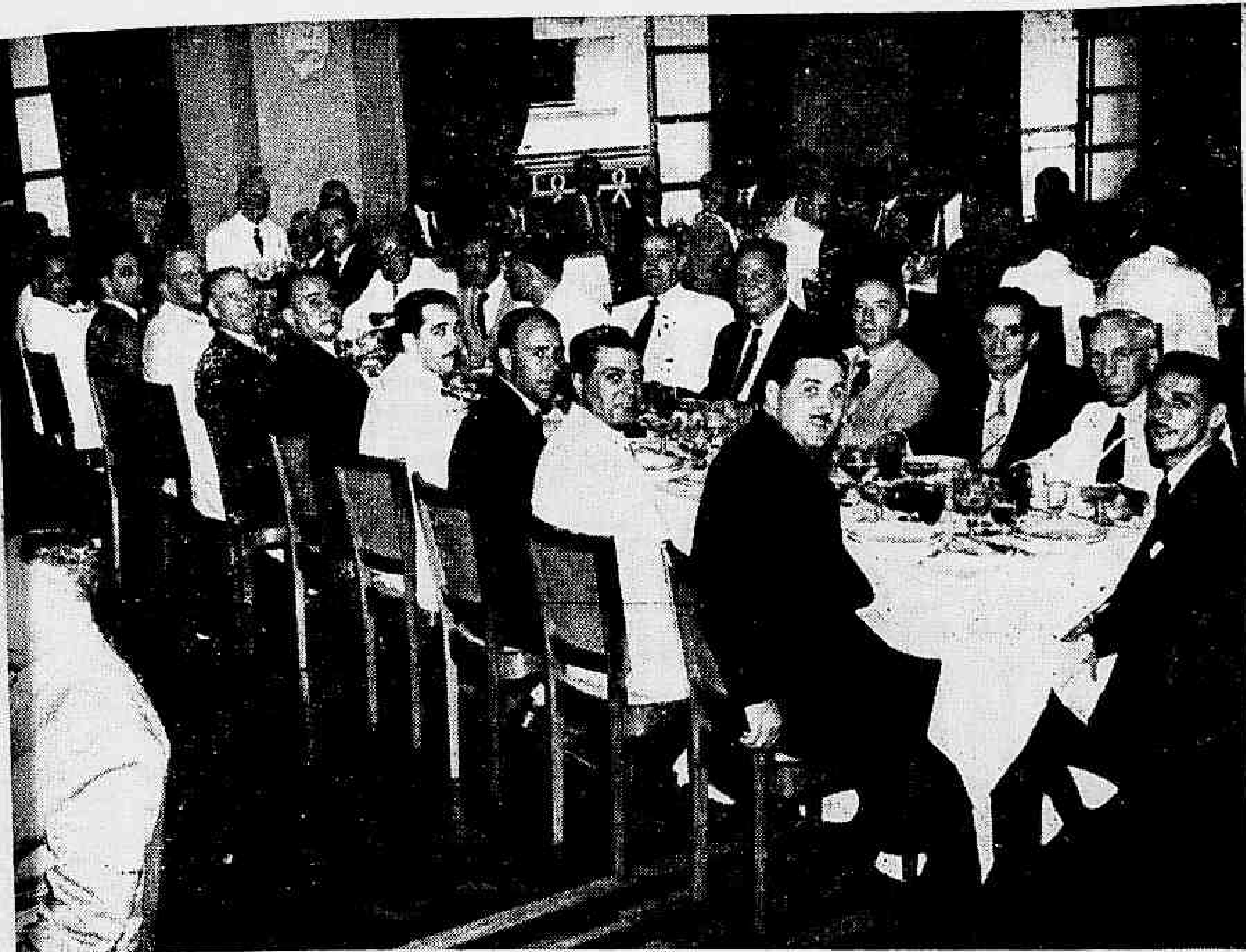
Estamos certos, pelo ambiente sadio, pela alegria, pelo que ouvimos no salão nobre do C. Ginástico Português, nessa tarde ditosa de 14 de janeiro, de que o banquete de Santos, Soares & Cia. fará sempre lembradas as suas bodas de prata porque foi, antes de tudo, um motivo real de confraternização do comércio brasileiro.



A festa de 14 de janeiro foi, também, uma festa dos negociantes portuguêses que fizeram do Brasil a sua segunda pátria. E foi em nome dessa benemérita classe que o Sr. Alfredo Guimarães, presidente da Câmara Portuguêsa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, ergueu a sua taça, saudando os Srs. Artur F. Soares e Antonino Santos

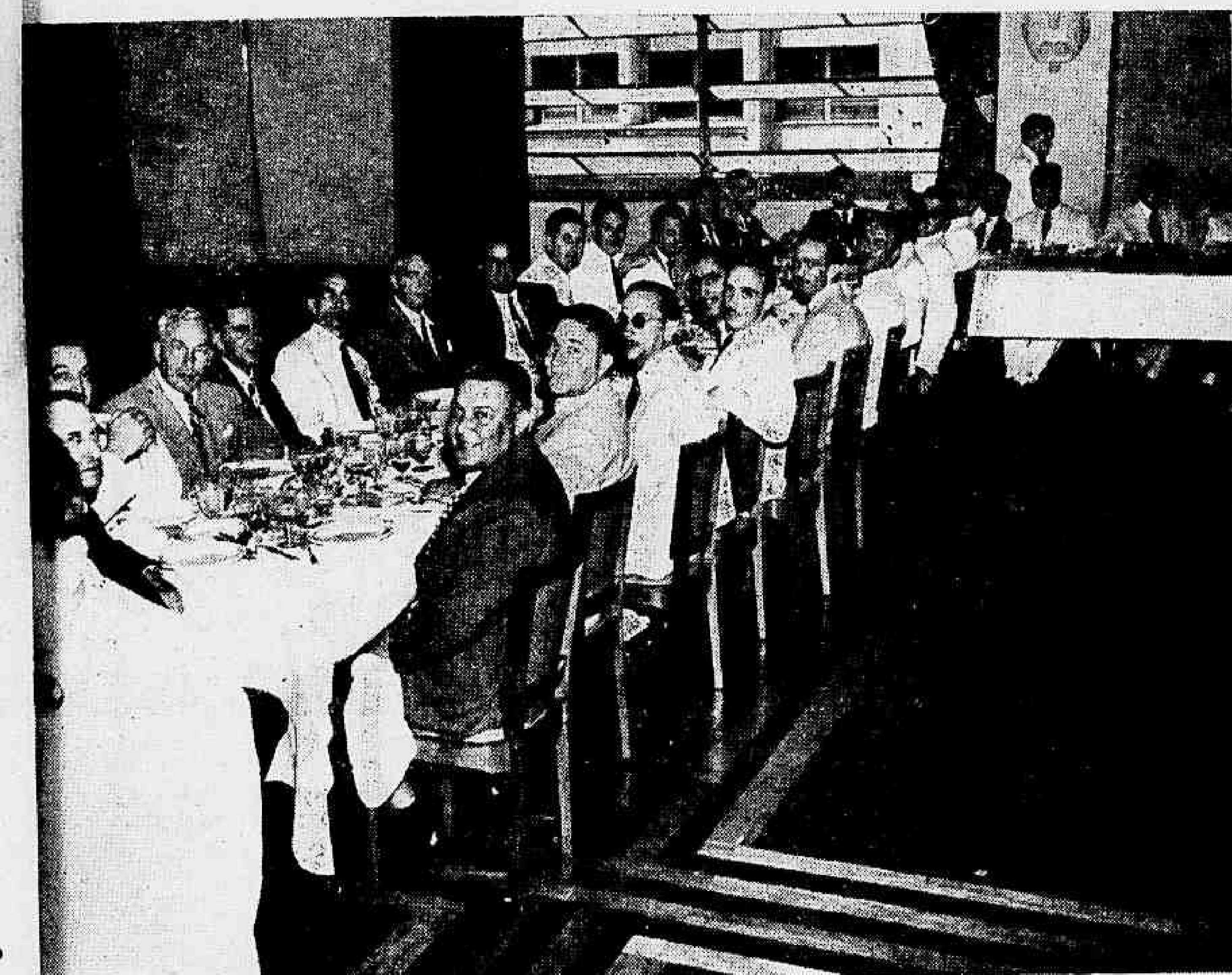


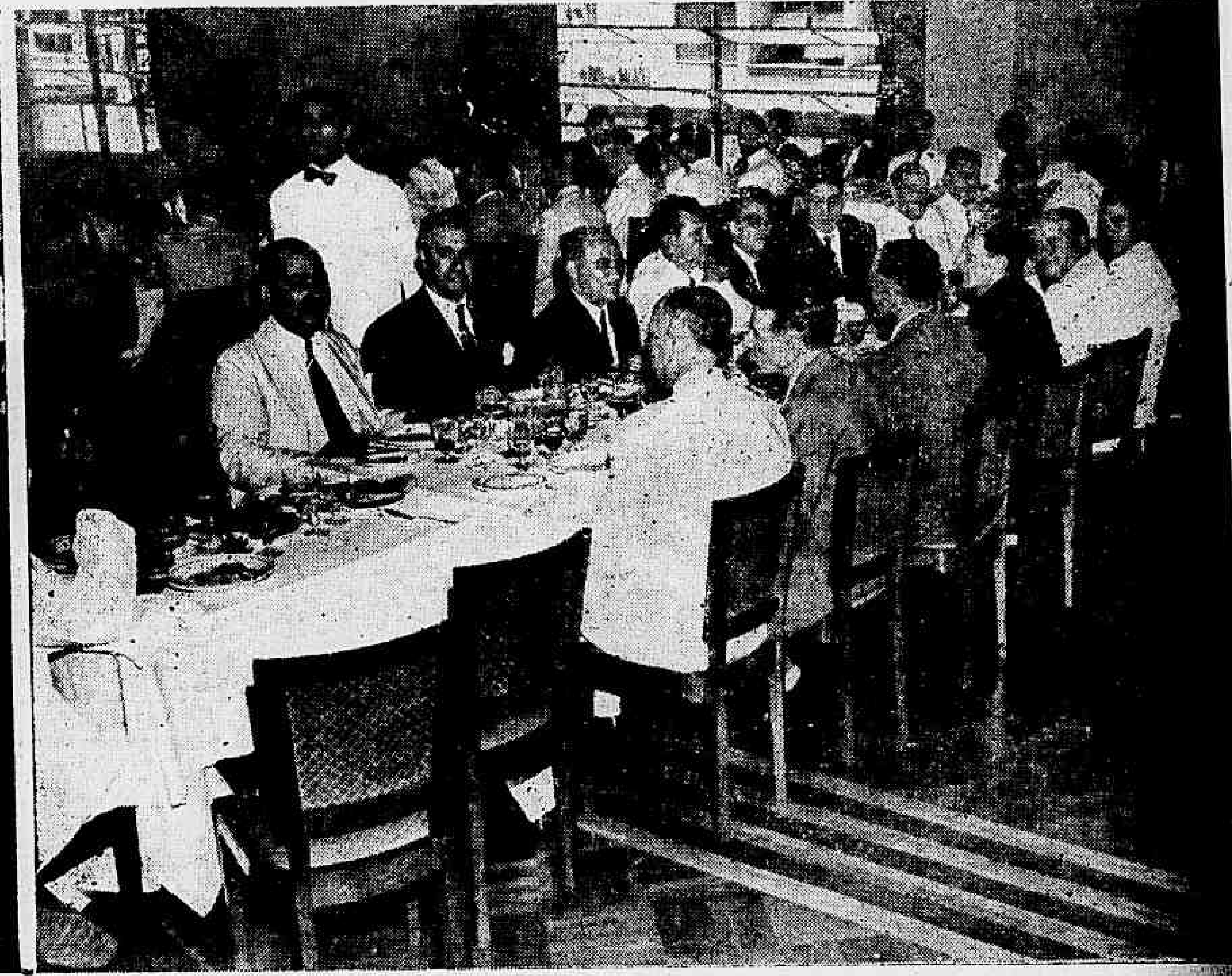
E o agradecimento aos que participaram do banquete coube ao Sr. Orestes Goffi, que há vinte e um anos vem emprestando o seu trabalho à firma aniversariante da qual é hoje um dos sócios, o qual soube mostrar, também, ao lado dos seus méritos profissionais, dotes oratórios que a todos emocionaram





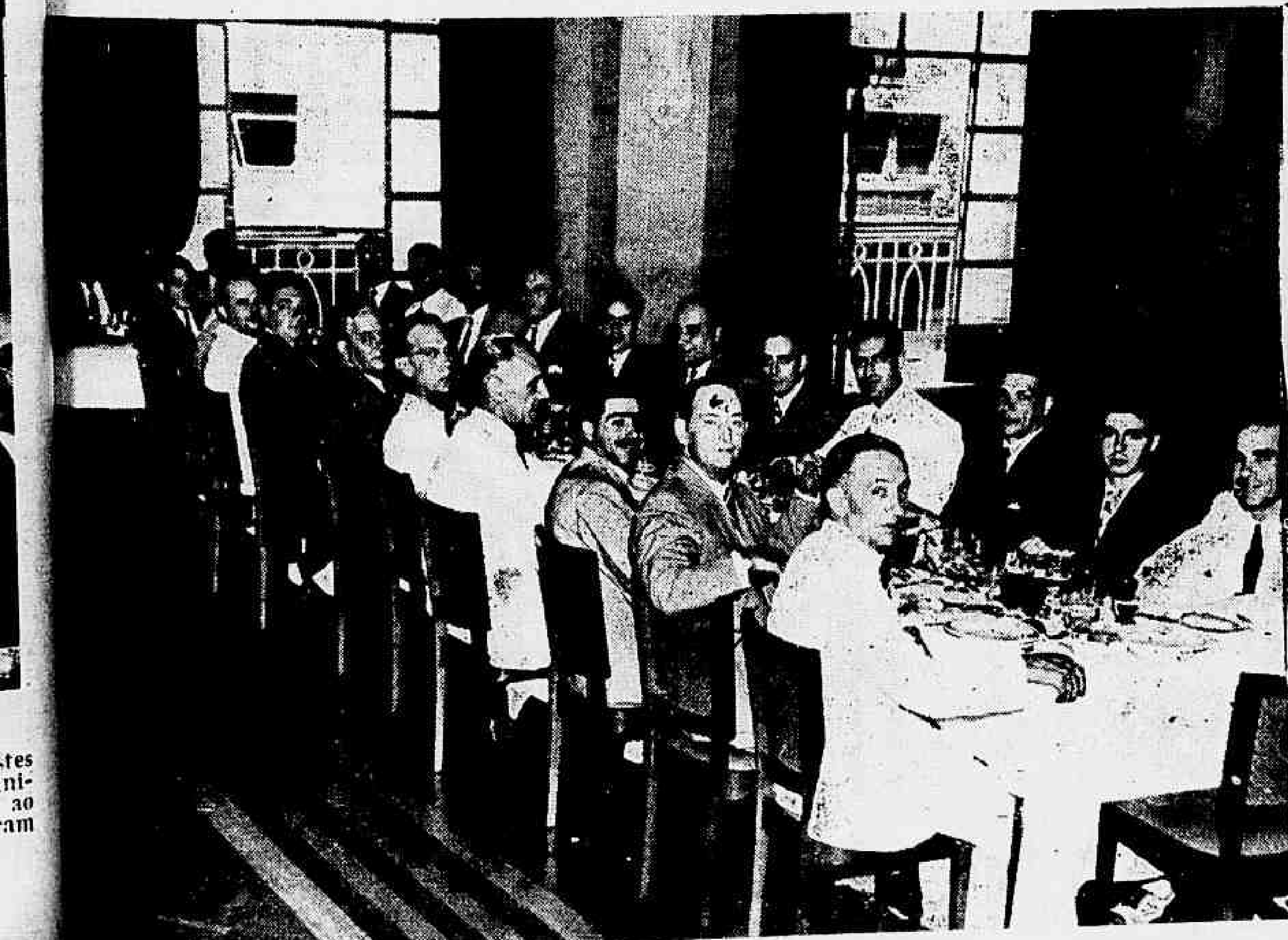
Eis aqui alguns flagrantes colhidos pela REVISTA DA SEMANA das mesas que formaram o grande banquete. E' interessante ressaltar-se que Santos, Soares & Cia. trouxe às suas comemorações, figuras que já hoje descansam do labor intenso no ramo mas que foram, à sua época, colaboradores dos mais decididos. Uma carinhosa homenagem a homens de vulto no comércio, entre os quais distinguimos os Srs. José Augusto d'Oliveira, Arnaldo Oliveira Lopes, Avenino Côrte Real, Gabriel Pereira Braga, Horácio Fonseca d'Almeida, João Borges, Joaquim Pinto de Oliveira, José Azevedo, José Lima, Luiz Pinto de Oliveira, Manuel Alves de Oliveira Lopes, Manuel Amaral e Manuel Marques da Silva. Entre os presentes à solenidade, notamos titulares, sócios e representantes das firmas: A. Bastos Souza & Cia., A. F. Faria & Cia. Ltda., A. Mendes Carneiro & Cia. Ltda., A. Tavares & Cia. Ltda., Abel Irmão & Cia., Alberto Costa & Cia., Altino Costa, Américo Botelho & Cia., Armazém Moreira Ltda., Armazém do Povo Ltda., Armazém Santo Antonio Ltda., Armazéns Triunfal Ltda., Bar Carioca Importadora Ltda., Borges Ferreira & Cia., Brasil Store Molhados e Comp. Ltda., C. Costa Rezende & Cia., Camilo Mourão & Cia., Canellas Ramalho & Cia., Casa Antonio Braga Imp. Ltda., Casa Bráia de Cereais Ltda., Casa Carvalho Comp. Ltda., Casa de Chá Soares Ltda., Casa Coelho Duarte Imp. Ltda.,





Casa Coelho Martins Vinhos Ltda., Casa Cruz Papeis e Vidros Ltda., Casa Fernandes Moreira Ltda., Casa Fonseca Duarte (Cereais) Ltda., Casa Gabriel Santos Cereais Ltda., Casa Granado, Casa Lucca Prod. Alim. Ltda., Casa Nóbrega Santos Imp. Ltda., Casa Nunes Martins Ltda., Casa Oliveira Lencastre Imp. Ltda., Casa Raffaelli Comestiveis Ltda., Casa Rufino Silva Cereais Ltda., Casa Souza Matos Ltda., Casa Zenha Ramos Ltda., Casas Galo Marti Ltda., Cia. Cigarros Souza Cruz, Cia. Nestlé, Cia. Hotéis Palace, Empório de Vinhos Ferreiras Ltda., Esteves & Martins, F. Martins & Cia., F. Oliveira & Cia. Ltda., Faria & Ramos, Fernandez Gonzalez & Cia. Ltda., Fernandes Mourão & Cia., Ferraz Irmão Importadores Ltda., Ferreira Filho & Cia. Ltda., Figueiredo Marinho Cereais Ltda., Fonseca Araújo Importadores Ltda., França & Cia. Ltda., Frigorífico Wilson do Brasil S/A, Giannini Acherinto & Cia., Grillo Paz & Cia., Importadora Carlos Costa Ltda., Importadora de Cereais Mauá, Importadora Dias Almeida Ltda., Importadora Maia Fernandes Ltda., Importadora Universal Ltda., Laticínios Pátria Ltda., Loureiro Mota & Cia., Macedo Portas Importadores Ltda., Macedo Silva & Cia., Marti, Pacheco & Cia. Ltda., Mercearias Brasileiras

(Cont. na pág. 44)








UM FARDÃO DA ACADEMIA

A quem terá pertencido êsse fardão imortal? Na Casa Rolas houve quem o quisesse atribuir a Machado de Assis, o que deve ser absurdo. Certo, porém, é que êle deve ter sido usado por algum ocupante das poltronas do Petit Trianon — e até hoje, ninguém quis comprá-lo, no belchior. Por essas e outras Monteiro Lobato negou-se a ser imortal...



QUER COMPRAR ?

Uma luneta que se diz ter sido usada em campos de batalha por ilustres guerreiros. Hoje está encostada no Rôlas, mas ainda serve para alguma reconstituição histórica.

O VELHO ROLAS, MUSEU DE ILUSÕES PERDIDAS...

# TRISTE DESTINO DE UM VESTIDO DE NOIVA

**Um sombrio belchior onde nada se cria, nada se perde, tudo se transforma... em dinheiro... ★ Um punhado de histórias amargas ★ Onde se lembra Mimi Pinson,** la belle blonde

REPORTAGEM DE **ARMANDO PACHECO**

AQUI vai uma reportagem que já se fazia necessária: o vário e vasto pequeno mundo da velha casa Rôlas, da rua Senador Dantas. Ali, quase à esquina de Evaristo da Veiga (a antiga rua dos Barbonos, das crônicas de Luiz Edmundo e das reminiscências de Orestes Barbosa), está um prédio entupido de velharias de todos os tipos e para todos os fins. Aparelhos de ótica, de ortopedia, de música, escôvas de dentes usadas, fraques e cartolas que pertenceram, respectivamente ao caricaturista Kalisto e ao Barão do Rio Branco; bengalas e polainas do jornalista Brício Filho e o primeiro fardão do longevo acadêmico doutor Ataulfo, em fim, objetos diversos imagináveis ou não lá têm guarida à espera da oportunidade

do incauto ou do improvável pretendente que algum dia sentir a sua falta. Nesse dia o Rôlas (Shylock que pulou da era elizabeteana para o século vinte) se vingará de todos os anos de expectativa e cobrará um preço de acôrdo com o custo histórico... Ali é assim: vendedor e comprador de qualquer coisa serão fatalmente explorados impiedosamente. E' a lei da casa. A tradição implacável dos usurários metidos nos belchiores. No Rôlas, como na lei de Lavoisier, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma... em dinheiro.

MUSEU DE ILUSÕES PERDIDAS

Que notável instituição, o Rôlas! Trastes que o lixo rejeitaria são comprados pelo "seu" Chico. Além de museu é também animado catálogo dos vários capítulos da história da invenção das máquinas em todos os tempos. E' ainda o cemitério de tôdas as utilidades e inutilidades humanas. O último pôrto de escala de um "smoking" ou de uma radiosa casaca. O triste fim do destino de um vestido de noiva. E' discutível que seja um monte de socorro nas horas de aperturas do povo, pois estabelecimentos dêsse gênero vivem das misérias alheias, mas ninguém discute que se trata de um mal necessário. Que o digam melhor os que empenharam sua "Singer", sua "Remington", sua "Kodak", nas agonias materiais. E' bom o leitor que desconhece a existência da Casa Rôlas fazer uma visitinha àquele museu de ilusões perdidas ou desfeitas brutalmente por acontecimentos dispares na vertigem dos fatos que formam a vida. Êsse sombrio mundo é o término da viagem dos acalentados sonhos de grandeza, de vaidade das vaidades, do amor, dos romances escritos no dia a dia dêste intranquilo vale de lágrimas. No Rôlas tivemos conhecimento desta história, possivelmente aproveitável para os nossos novelistas de rádio: E' um exemplo entre muitos: Margarida era loura, loura e festiva como a Mimi Pinson, de Musset, e, como aquela deliciosa e trêfega costureirinha de Montparnasse, que fora da sua beleza e condescendência nada possuia além de um vestido, a nossa "jeune fille" Margaridinha sonhou seus sonhos de mocidade. Fôra nascida e educada em Petrópolis com todos os mimos e zelos que o dinheiro garante ao *filho único*. Viveu bem sua infância e juventude e um dia ficou noiva. Tudo era quimera quando preparava o enxoval para o casamento. Nada lhe tinha sido poupado para um rico cerimonial. Fados adversos, porém, esmagaram seu ideal de felicidade. Margarida perdeu o pai, perdeu a mãe, perdeu o noivo, perdeu a fortuna, perdeu tudo, ficando sòzinha no mundo com as suas decepções, com as suas lágrimas. Só, com algumas jóias e o caprichado vestido de noiva. Já não quis viver em Petrópolis e fugiu para o Rio, tentando esquecer sua tragédia, esquecer até que fôra a loira e pura Margarida. Para ganhar o pão trabalhou como governante e professôra de música. Depois... Bem, depois foi o destino ou lá o que fôsse. Uma a uma as jóias de família, o piano que pertencera à vovó, tudo se lhe escapara das mãos para o belchior que um estudante de uma pensão do Catete lhe ensinara. Em troca de alguns tostões os broches e camafeus foram-se com o vento da desgraça.



VESTIDO DE NOIVA
Cheio de manchas, roído de traças, exalando naftalina, o vestido nupcial vive o seu triste destino. Está fora de moda, e a noiva que acabou por vendê-lo, no belchior, deve ter sofrido bastante!...

## TRISTE DESTINO DE UM VESTIDO DE NOIVA

No fim, quando Margarida deu acôrdo de si, havia, levada pelo estômago, vendido também seu rico vestido de noiva, seu último alento. Fôra-se a derradeira peça do enxoval, com muitas lágrimas em troca de poucos mil réis. Como Mimi Pinson ela sofrera duro golpe separando-se do tesouro, razão de ser de sua vida. E hoje que o vestido de noiva da que já não é loura Margarida não é mais imaculado, figura, cheio de manchas, roído de traças, exalando naftalina, num dos armários sombrios do belchior. E Margarida, tão diferente sob o rigor dos anos, se limita, quando as fôrças o permitem, a ir contemplar a cobiçada relíquia. Velha conhecida da casa, vai entrando, trôpegamente, sem cerimônia, e como uma beata frente ao altar se ajoelha diante do vestido irreconhecível, em êxtase, talvez chorando a antiga lembrança da sua virgindade. Nada a desperta do devaneio de monja, pensando sabe Deus em quê. Para ela o soturno belchior bolorento e frio, com as suas coisas mortas é uma fronteira entre dois mundos: da fantasia e da realidade que a abateu. Êsse estabelecimento que Dickens imaginaria foi onde ela (entre milhares de infelizes), empenhou suas mais fagueiras esperanças. Balzac dizia serem estas últimas melhor que a saudade. Margarida, sem dúvida, pensa o contrário, porque vive do passado. A dantes loura Margarida, a Gretchen, a Daisy, a que se sente feliz em seu doce onirismo, sabe que ali cada objeto tem uma história, história mais ou menos igual à sua. Que não emocionariam o dono da casa, é certo, mas que enchem a vida, que encheram muitas vidas:

"Mimi Pinson est une blonde,
Une blonde que l'on connait.
Elle n'a qu'une robe au monde,
Landerirette!
E qu'un bonnet."

DE TUDO UM POUCO

"Smocking" para cerimônias festivas, fantasias para carnaval e bailes de máscaras, "toilettes" de tôdas as épocas, apetrechos cuja utilidade pode ser discutida — de tudo existe no Rôlas. Na hora dos apuros, o indivíduo salva a situação alugando o que deseja



GABINETE DE PROVAS

Nesse canto de salo os "elegantes" experimentam a casaca, a calça listada e a cartola. Que tal o guarda-chuva?




FOI AQUI QUE ANUNCIOU...

Um prédio velho entupido de velharias, para todos os fins. Desde a escova de dentes ao fardão acadêmico...



PREÇO DE LIQUIDACÃO

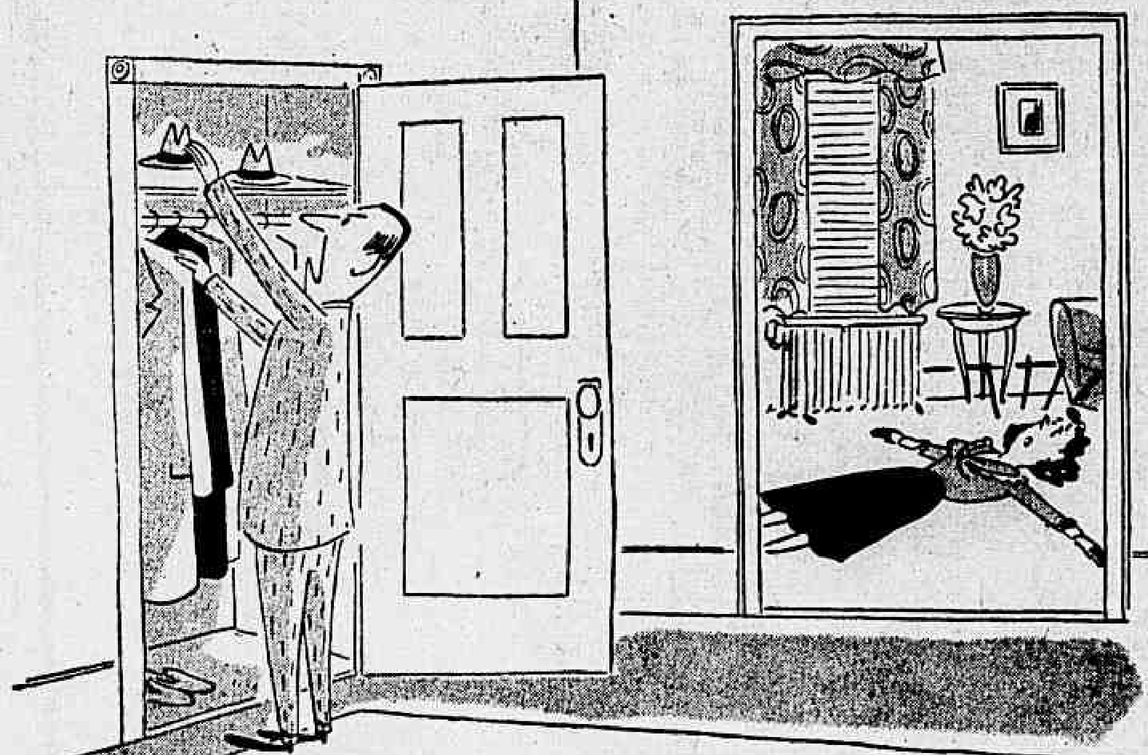
Aparelhos de ótica, de ortopedia, de música... Bengalas, correntes de papagaios e fracks do tempo do onça...




— Desculpe, cavalheiro, mas não dou mais sugestões!...

# BOM HUMOR



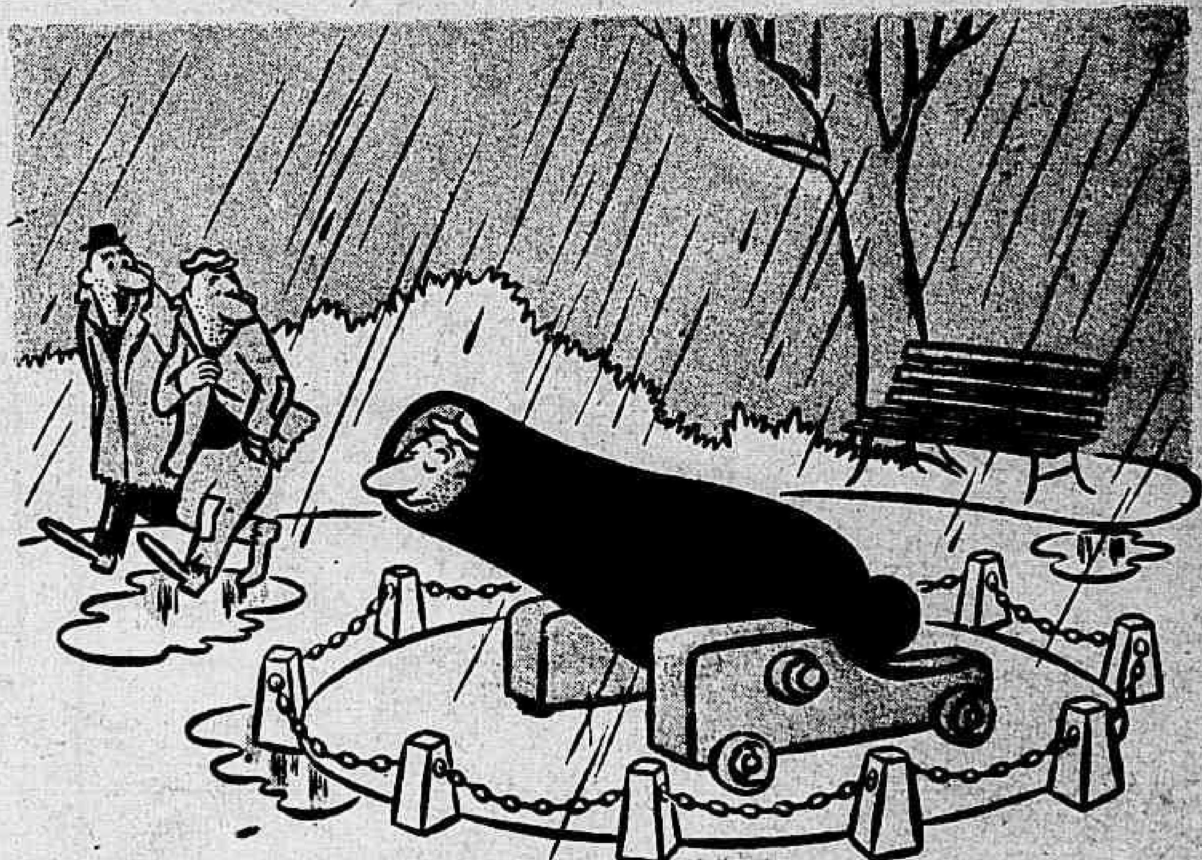

— Se é assim que o senhor costuma tratar suas secretárias, Mr. Cook, demito-me!



— Até que enfim, aí vem anestesia...




— Não, Madame, pra mim, chega.




— Que sorte a do Bernabé. Já arranjou onde morar!





Mais caras novas. Ao alto, à esquerda, a italiana Valentina Cortese, que a Fox tirou ao cinema de sua pátria onde apareceu com sucesso; à direita a francesa Florence Marly, já lançada pela Paramount em um filme com Ray Milland. — Em baixo, à esquerda, Edwige Feuillière, também francesa, que fêz "Lucrecia Borgia" na Europa, agora da Universal; à direita, a inglêsa Edana Romney, outra boa revelação feminina dêste últimos tempos





# CARAS NOVAS 1950

A constante preocupação dos produtores de filmes norte-americanos foi sempre a renovação do seu material humano. E' preciso que um artista haja realmente atingido um nível de extraordinária importância, dando rendimento de bilheteria cada vez maior, para ser mantido no "cast" de qualquer produtora de Hollywood, porque, do contrário, outras caras novas, ainda que menos aproveitáveis do ponto de vista artístico, mas constituindo surprêsas para o público, hão de surgir para lhes tomar a vez.

Se tal coisa acontece com os homens, fácil será imaginar que o perigo para as mulheres assume proporções ainda maiores. Isso não quer dizer que Hollywood tenha a preocupação de eliminar os atores e atrizes logo após revelados, mesmo porque tal política seria prejudicial aos interêsses da indústria. Até que uma "estrêla" apareça no seu primeiro filme, alguns milhares de dólares foram dispendidos na sua preparação física e intelectual, além das somas ainda hoje respeitáveis, embora menores que as dos bons tempos, gastas numa campanha preparatória para o lançamento do novo "astro". Acontece que o mundo de após-guerra deu para interessar-se pelos artistas do Velho Mundo. Filmes rodados na França, na Itália e na Grã-Bretanha, surpreenderam os experimentados cinematografistas norte-americanos, fazendo seu público de imediato, sem ser preciso levá-los a Hollywood. Outrora, isso não acontecia, porque sem a chancela hollywoodense, nenhum artista do celulóide conseguia sair do anonimato. Mas as coisas mudaram muito — e os magnatas da Califórnia estão começando a reagir. De que maneira? Antes de mais nada, procurando arrebatar para seus domínios, caras novas européias. Se é isso que o público está preferindo, só resta o recurso de dar a êsse público perfis italianos, franceses, britânicos e de outras procedências da Europa, com o objetivo de ver se, assim, os filmes norte-americanos mantêm o interêsse das platéias que realmente deu para arrefecer nestes últimos anos.

Aqui estão, nestas páginas, algumas caras novas para o ano entrante. Caras novas para Hollywood, bem entendido, porque a maioria delas já haviam feito suas experiências de estrelato, a serviço do cinema em seus respectivos países de origem. Como nota predominante, a destacar o próximo aparecimento da espôsa de Cornel Wilde, e logo ao lado do marido, dando a entender que Patricia Knight — êsse o seu nome — cansasse de ser, apenas, a mulher de um ídolo. E não lhe faltando predicados, pelo menos de natureza física, ela os quer pôr à prova, a fim de mostrar ao mundo, particularmente às admiradoras do marido, que também tem sua classe. E mais — que Cornel Wilde não carece de nenhuma de suas apaixonadas, pois tem, em casa, um sugestivo tipo de beleza feminina a acompanhar-lhe os dias, as noites — tôdas as horas, enfim... Muitas outras "caras novas" o cinema americano vai apresentar êste ano. Damos, aqui, simplesmente uma amostra de algumas que mais prometem.





Esta é a esposa de Cornell Wilde, que vem de ingressar no cinema, filmando "Apaixonados", para a Columbia, em companhia do marido



"CANTIGA DE RUA" é um novo musicado que vem de ser feito em Lisboa, tendo como protagonista o cantor Alberto Ribeiro, já conhecido no Brasil pelas suas jornadas radiofônicas. Aqui o vemos ladeado por Luisa Durão e Maria Olguim. Ao lado o galã Augusto Fraga. O filme é realizado por Henrique Campos, que tem dado outras películas de êxito



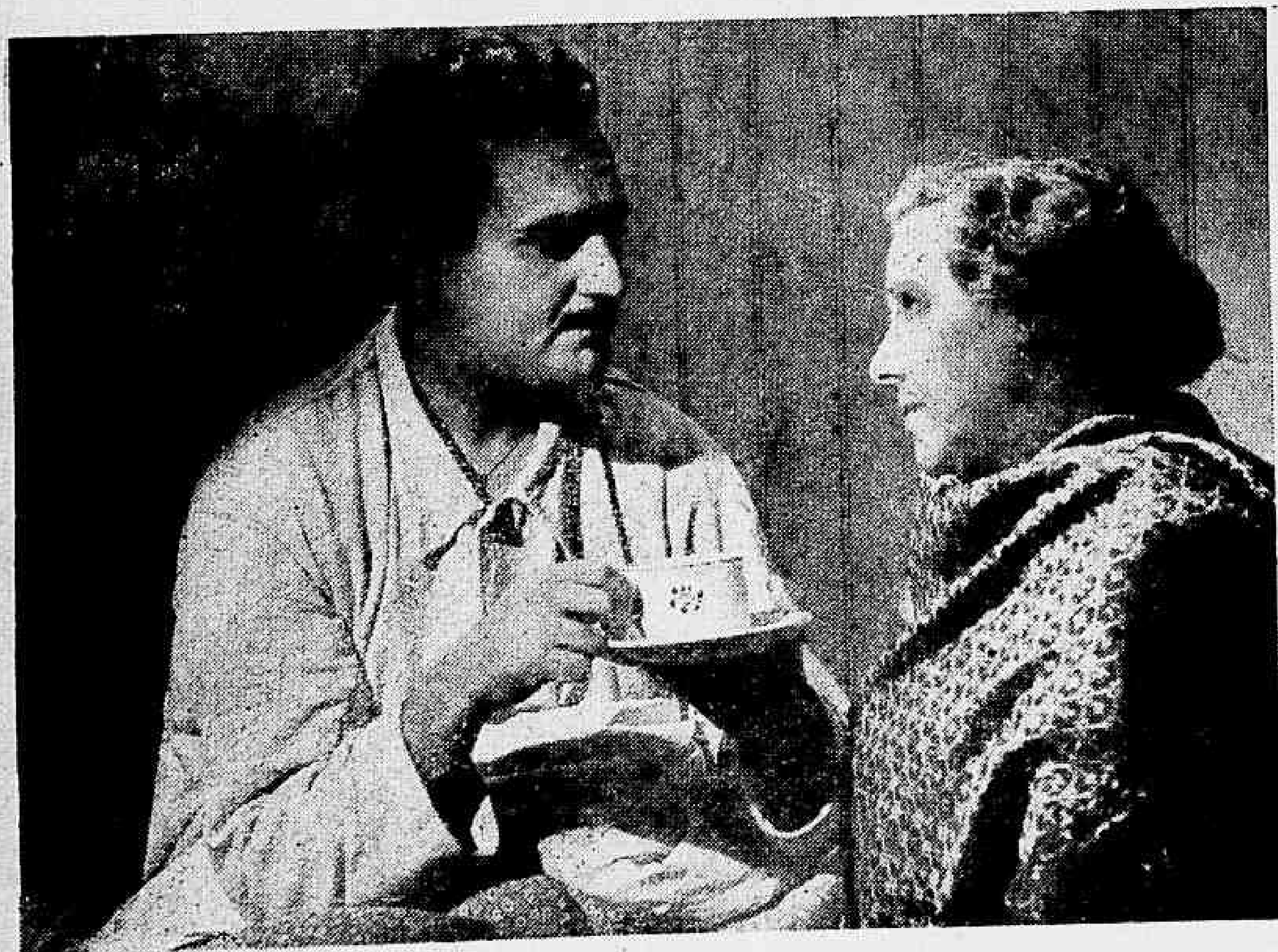
AUGUSTO FRAGA, o galã de "Cantiga da Rua", é jornalista, exercendo as funções de redator do matutino "O Século", de Lisboa. Tem filmado várias vezes e possui público

# DE PORTUGAL

ESTÃO produzindo sem quebra de continuidade os estúdios lisboetas, principalmente os da Lisboa Filmes e da Tobis. Neste último, terminaram as filmagens da comédia "Cantiga da Rua", focalizando costumes lisboetas, sob a direção de Henrique Campos, tendo como principais intérpretes Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues, Augusto Fraga, Maria Olguim, Luiza Durão, Manuel Santos de Carvalho e Álvaro Pereira. Mas outras filmagens vêm sendo ali também realizadas: "O Comissário de Polícia", adaptação cinematográfica de uma peça de Gervásio Lobato, muito representada no principio do século. Protagonistas: Maria Matos, Vasco Santana, Antônio Silva, Elvira Velez, Santos Carvalho, Igrejas Caeiro, Tomaz de Macedo e outros. Também o velho poema português "A Nau Catrineta", cuja origem popular perde-se no tempo das descobertas, acaba de ser filmado, num complemento subsidiado pelo Fundo do Cinema Nacional, sob a direção de Gentil Marques. Como cenário principal, mostra-se o mais velho navio português, a fragata "D. Fernando o Glória", velha reliquia da carreira das Índias, que tem sido cuidadosamente conservada e agora posta a serviço dessa realização.

Sabe-se ainda que Amália Rodrigues, ao voltar a Lisboa, uma vez concluída sua atual "tournée" ao Brasil, interpretará a protagonista do filme "Eram duzentos irmãos", e talvez uma versão nova, tecnicolorida, de "A Severa".

Como se vê, o cinema português segue em marcha ascendente. E' pena que a maioria de suas realizações não tenham chegado às platéias brasileiras. Filmes como "O Fado", "Os Três Espelhos" (com João Villaret), "Sol e Toiros", "Éramos sempre irmãos", e tantos outros, permanecem desconhecidos do nosso público.



OUTRA CENA do mesmo filme, posada por Alberto Ribeiro. E' uma comédia de costumes lisboetas em que aparece também Deolinda Rodrigues, outra cantora do gênero



GENTE DE TEATRO é também aproveitada pelo cinema português. Na gravura, os atores Manuel Santos de Carvalho e Álvaro Pereira, que têm papéis cômicos nesse filme

# TUDO ISTO ACONTECEU

## A INSÔNIA DO DR. PAVONI




Notícias de Bergamo, na Itália, dizem que acaba de falecer naquela cidade o dr. Ferdinando Pavoni, na idade de oitenta anos.

Até aí nada de mais curioso ou extraordinário, pois que há pessoas que conseguem viver muito mais do que aquêle cidadão da terra de Garibaldi.

O fenômeno, pois, não está nos oitenta anos idos e vividos do dr. Pavani, e sim na estranha maneira como conseguiu êle viver durante os últimos sessenta anos: sem dormir!

O dr. Ferdinando Pavoni não conseguia pregar olhos, noite e dia, desde que completou vinte anos. De lá para cá, até morrer, êle não dormiu um segundo, sequer, por mais esforços que fizesse para atrair o desconfiado Morfeu.

Recorreu êle a todos os processos conhecidos e inventou alguns: procurava trabalhar excessivamente a fim de ver se o esfôrço, trazendo-lhe cansaço exaustão física, ajudava um pouco; tudo, porém, absolutamente inútil.

Uma noite contou imensa manada de carneiros. Cem, mil, dez mil, os carneirinhos iam pulando a cêrca e êle os contando, olhos cerrados, para enganar a noite. Mas, infelizmente, não conseguia dormir.

Recorreu a médicos especialistas, até a psiquiatras. Quem sabe se não estaria nos umbrais de uma terrível moléstia que o levaria à loucura?

Não houve facultativo que descobrisse a causa dessa vigília excessiva e incômoda.

E agora morre o dr. Ferdinando Pavoni. Só mesmo com a morte conseguiu o desejado sono. O sono eterno.

## PROBLEMA MUITO SÉRIO

Já se foi o tempo em que os imigrantes buscavam o nosso país tendo apenas o desejo de aventuras.

Hoje o imigrante europeu, especialmente os chamados "deslocados da guerra", não vêm para a América Latina simplesmente pelo prazer da aventura.

Em seus países de origem, essa gente vivia com certo confôrto, desfrutando uma vida farta, com sua casa em ordem, seus utensílios agrícolas e pastoris em perfeito estado.

Desgraçados pela tempestade da conflagração, com suas terras ocupadas pelo inimigo, com o nível de vida alterado, sem recursos para restaurar a existência completamente esbandalhada, os imigrantes procuraram e procuram países da América do Sul onde pudessem e possam refazer-se da catástrofe.

Entretanto, que vem sucedendo?

O nosso govêrno os encaminha para alguns Estados, mas, infelizmente, sem maiores estudos a respeito. Resultado: os imigrantes abandonam os locais escolhidos e vêm para o Rio aumentar os problemas urbanos que nos afligem...

Faz poucos dias um grupo de italianos veio de Goiás para o Rio, a fim de obter passagens para voltar à Itália. "Para morrer de fome — disseram à imprensa lá no Abrigo da Boa Vontade — preferimos nossa pátria". Agora são os tchecos que foram encaminhados para o Rio Grande do Sul. Trinta dêles abandonaram seus trabalhos no interior e foram ao palácio do govêrno solicitar passagens de regresso à Europa. Como não fôssem atendidos, resolveram fazer greve, permanecendo no palácio de onde só saíram por intervenção da polícia... Não é isto um sério problema?

## VIU A MORTE



Nem todo mundo tem o privilégio de morrer, ser amortalhado, receber os favores de missa de corpo presente e, em seguida, voltar para o meio dos vivos como se apenas houvesse dormido um tanto mais profundamente.

Embora não sejam raros êsses estados de morte, acaba de verificar-se mais um, em certa localidade do Haiti.

Eis como nos relata o telegrama saído em nossos jornais e procedente de Pôrto Príncipe, serviço da United Press:

"Uma camponesa haitiana, residente no interior e sofrendo de malária, caiu em estado letárgico no dia 18 dêste mês, sendo julgada morta. Residindo em local afastado, foi preparado o entêrro independentemente de atestado de óbito, sendo rezada missa de corpo presente na igreja de São Miguel.

Terminada a missa, quando os amigos e acompanhantes iam pegar nas alças do caixão para conduzí-lo ao cemitério, ouviram um ruído estranho que vinha de seu interior. Espantados, largaram o esquife e fugiram apavorados da igreja, no que foram imitados por todos os presentes.

O vigário, porém, homem sensato e ciente de que defunto não se mexe e se o faz é porque já não é mais defunto, correu para o caixão, abriu-o e conduziu a "morta" para o presbitério.

O chefe do corpo médico haitiano, dr. Paul Desmangles, informado do fato, mandou transportar a mulher para um hospital em Pôrto Príncipe. O exame atestou malária comatosa. Anita, a "morta-viva", não morrera ainda. Estava em estado de profunda letargia, com todos os sintomas de falecida. E já está passando muito bem..."

## AS CLEOPATRAS DE MR. SHAW

..Pela quarta vez na história — e a primeira nestes últimos vinte e cinco anos — "César e Cleopatra", de Bernard Shaw, volta ao cartaz num palco da Broadway, em Nova York. Sir Cedric Hardwick e Lilli Palmer são os protagonistas, nesta nova encenação feita pelo National Theatre. Escrita quando Shaw estava em férias, no ano de 1898, a peça veio a ser estreada só em 1906, quando Sir Jonston Forbes-Robertson e sua espôsa, Gertrude Elliot, a desempenharam. Negou-se o autor a aceitar o convite que lhe fizeram para assistir à "première" em Nova York, naquela ocasião. Mais tarde pôde vê-la pelos mesmos intérpretes, quando êles realizaram uma "tournée" à Europa, entre 1913 e 1916. No Theatre Guild, em 1925, "César e Cleopatra" foi então estrelada por Helen Hayes. Durante a guerra, Gabriel Pascal produziu um filme extraído dêsse trabalho, estrelado por Vivien Leigh e Claude Rains. E agora o sucesso deve repetir-se, na volta do grande espetáculo que os novayorkinos aguardavam com o mais vivo interêsse nos primeiros dias do ano.



1906 — Gertrude Elliot, a primeira intéprete de Cleopatra

1950 — Lilli Palmer, sua mais recente intérprete americana



1925 — Helen Hayes quando representou no Theatre Guild



1947 — Vivien Leigh, na protagonista de versão em filme

## PROVA PRÁTICA

"QUANDO os jovens se casam, ignoram muita coisa importante, mas que jamais houve alguém que lhes dissesse, mesmo os pais mais experientes da vida matrimonial.

Por êsse motivo, não raro, passada a fase poética e lírica da famosa "lua de mel", surgem certas desinteligências entre os pombinhos, fato que muitas vezes, cria complicações que empanam o brilho da "lua" durante o resto da vida.

Um dêsses motivos é a questão de saber "quem guarda o dinheiro". E' claro que nos referimos aos casais pobres, aos que lutam pelo dinheirinho de hoje para comprar coisas amanhã sem qualquer possibilidade de acumular em Bancos.

De ordinário, quase insensivelmente, é a espôsa quem guarda os magros cobres. Criou-se entre nós a suposição de que a mulher tem mais instinto econômico do que o homem. Em geral [illegible]



Assim, embora ninguém houvesse dito isso aos nubentes, logo que vão residir na "choca", no "barraco", ou num quarto de pensão, é a mulher eleita a guardiã do dinheiro. Tôdas as manhãs é ela quem fornece a verba para o transporte, o cigarro, o jornal, o cafèzinho do marido.

Há nisso duas vantagens: evitar que êle gaste fora mais do que permite a honestidade matrimonial e, ao mesmo tempo, proibir liberalidades masculinas perante amigos "facadistas".

Mas nem sempre a mulher fornece dinheiro suficiente ao espôso. Em Rossach, Alemanha, Bettina Mertischek, saindo a passeio, ao voltar para casa encontrou o espôso enforcado. Deu o alarma, e, ao tornar com um médico, verificaram que tinha sido apenas uma lição do marido para que ela, ao sair, lhe deixasse, pelo menos, dinheiro para cigarros...

O malandro apenas simulara o suicídio... Mas no dia seguinte pôde abastecer-se de cigarros à vontade.

## O MÉDICO E O LOUCO



"De médico e de louco, todos nós temos um pouco". Êste provérbio, que deve ser contemporâneo de Adão e Eva, acaba de ser comprovado de forma original, em Jackson, Louisiania, Estado Unidos da América do Norte.

Havia no manicômio daquela cidade um médico, dr. Edwin McGowan, e um louco, Oscar Hoffman, que eram muito amigos. O psiquiatra, homem de cultura e sólidos conhecimentos da arte de tratar alienados, convidou o doido Hoffman para festejarem o Natal com uma viagem de recreio. O louco aderiu imediatamente à idéia, especialmente porque, sendo doido, as despesas da viagem correriam por conta do médico.

E, justamente a 24 de dezembro último, o dr. McGowan saiu a passear em Jackson, Baton Rouge, Nova Orleans, etc., tendo ao seu lado o alienado Hoffman. Durante cinco dias êles se divertiram a valer. Mas, como em festejos de Natal há sempre muito uísque, aconteceu que ambos ficaram embriagados.

O louco, então, sob os efeitos do álcool, passou a imaginar-se o médico McGowan., passando êste a ser aquêle. Uma embrulhada. O certo é que foram parar no hospital de alienados de Nova Orleans, onde o doido Hoffman, dizendo-se médico psiquiatra, internou o seu "cliente" naquele estabelecimento.

Feito isto, Hoffman desapareceu com o automóvel do médico e com 320 dólares em dinheiro.

No dia seguinte, passado o efeito da carraspana, tudo se esclareceu: o médico era o "louco" internado pelo verdadeiro doido! Acrescentam as notícias de Jackson que Hoffman aprendera tão perfeitamente a linguagem e os gestos dos psiquiatras que iludiu a todos no manicômio de Nova Orleans...

## PROGRESSOS DO MUNDO

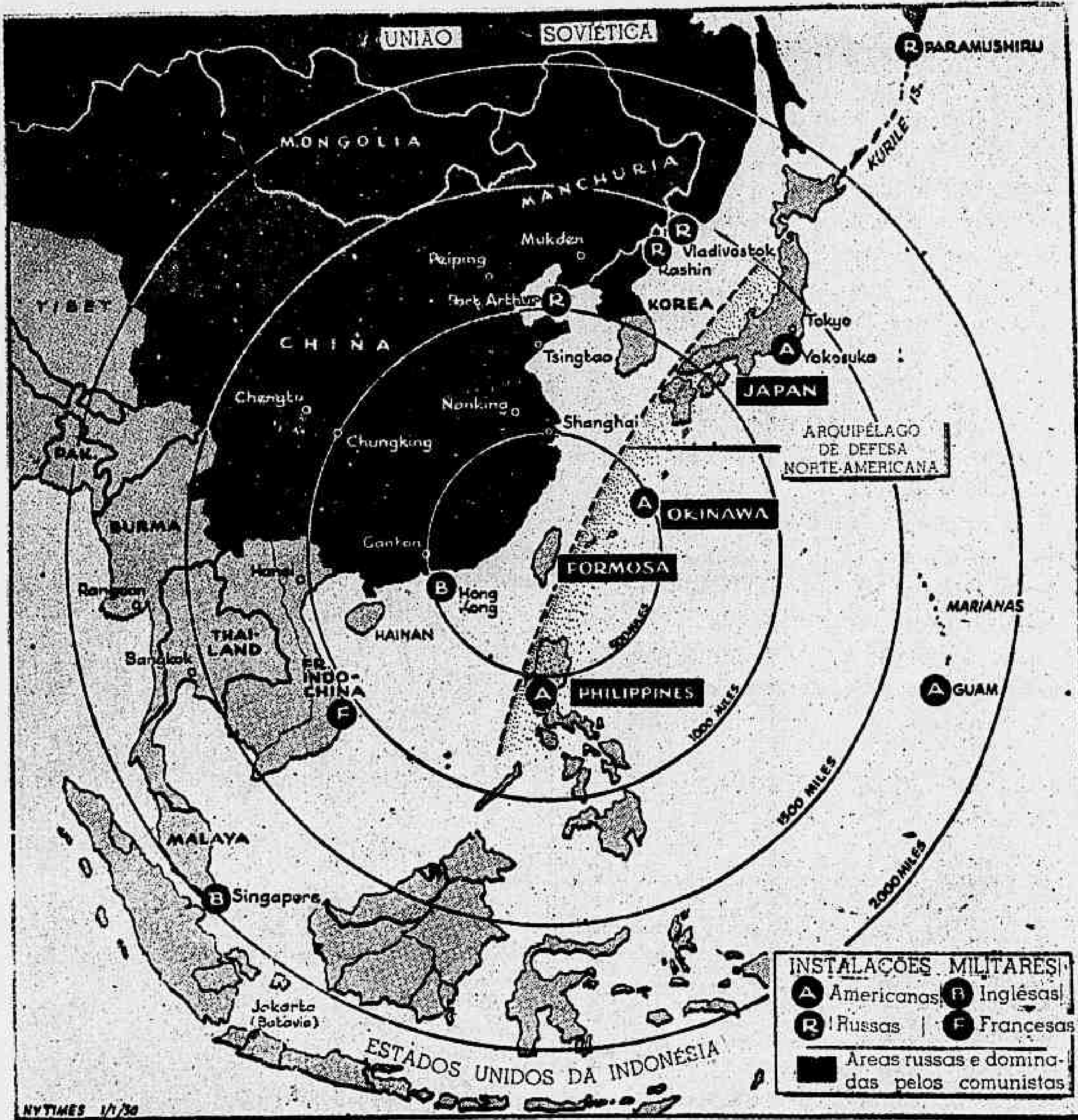
VAMOS reproduzir aqui uma notícia que nos apareceu em jornais de 21 de janeiro dêste Ano Santo de 1950: "Chicago, 21 (U.P.) — Se o sabão escorregar de sua mão e, em vez de ir ao chão ou a outro lugar fora da saboneteira, voltar à mesma sem intervenção da vontade humana, isso, certamente, causará surpresa a qualquer pessoa. Entretanto, êsse "milagre" já não é nenhum mistério. Entre os artigos que são expostos no certame do "Bom Desenho" figuram o "sabão ensinado", um sacarrolhas que tira as tampas de metal sem as soltar, e uma bandeja de refrigerador que não faz cubos e sim bolas de gêlo. Duzentos e cinquenta artigos para o lar, de desenho moderno, são vistos em exposição que conta com os auspícios do Museu de Arte Moderna, de Nova York, e da "Merchandise Mart", de Chicago. O "Fenômeno da Saboaria" se deve a um pino imantado. O sacarrolhas obedece a princípio idêntico. Outra novidade é uma faca de bolo que impede aquilo que sempre sucede conosco: o esfacelamento das fatias sôbre a rica toalha de linho de uma de nossas anfitriãs. Também há algo notável. Pelo menos tem chamado a atenção de todo mundo. E' uma máquina de costura verdadeiramente minúscula, com apenas trinta centímetros por quinze de altura, e seus fabricantes afirmam que essa máquina liliputiana trabalha com a perfeição e eficiência de qualquer outra dessas grandes".



Os progressos do mundo são imensos, mas não seria melhor que barateassem o preço do sabonete do que descobrirem uma saboneteira mágica?












## O DESTINO DA ILHA FORMOSA

Quanto mais se passam os dias, mais se agrava a situação do Govêrno Nacionalista chefiado pelo generalíssimo Chiang Kai Chek, atualmente refugiado no seu último reduto de resistência às fôrças de Mao Tse Tung: a ilha Formosa.

O caso não é de interêsse apenas asiático e sim mundial. Apesar de muitos estrategistas norte-americanos afirmarem que a ilha não constitui nenhum interêsse do ponto de vista da segurança americana na área asiática entre o Japão e as Filipinas, é indiscutível que o Departamento de Estado norte-americano não esconde sua ansiedade e desejo de anular qualquer desfecho desagradável ao prestígio dos Estados Unidos na região.

Para tanto já foram dados a público documentos oficiais em que o presidente Truman lava as mãos quanto à perda de Formosa em futuro próximo, alegando que a culpa da derrota de Chiang Kai Chek era motivada pela falta de organização e administração de seu govêrno. Todos os apelos de Mme. Chiang Kai Chek foram baldados no sentido de que os Estados Unidos voltassem a ajudá-los em armas e dinheiro. Prometeu o Govêrno norte-americano essa ajuda, mas não em armas, e sim econômicamente.

Que é a ilha Formosa? Uma possessão japonêsa com cêrca de 14 mil milhas quadradas e população de 6 milhões de habitantes, distando da costa da China umas cem milhas. Tem ali o Govêrno Nacionalista doze divisões, uma esquadra e aviões de guerra. Mas será isso suficiente para esmagar uma invasão dos comunistas, já senhores de todo o país com seus 450 milhões de habitantes? A ocupação da ilha pelos comunistas poria em perigo a segurança americana na linha oeste Pacífico, Alasca, Japão, Okinawa e Filipinas. Além dessa situação militar, há ainda para os Estados Unidos o problema do reconhecimento do regime de Mao Tse Tung. Se tal se der, que farão os Estados Unidos com o Govêrno Nacionalista de Formosa? Segundo tôdas as aparências, a recente convocação feita pelo presidente Truman, das maiores patentes das fôrças armadas dos Estados Unidos, também se liga ao sério problema de Formosa.

Para que os leitores analisem a situação, reproduzimos aqui um mapa com todos os detalhes.

## A SURDEZ DE UM SÁBIO

Longe de amofinar-se com a surdez de que era portador, Thomas Alva Edison, o grande inventor norte-americano, nela encontrou precioso auxiliar, tanto para o trabalho como para a vida privada.

Quando Graham Bell construiu seu primeiro telefone, pediu a Edison que o experimentasse; mas Edison não ouvia nada... Procurou então aperfeiçoar o aparêlho, e foi assim que veio a fabricar o microfone de carvão que determinou o prodigioso sucesso do telefone. O mesmo aconteceu com o fonógrafo, que não teria chegado à perfeição atual se Edison não houvesse sido afligido pela grande surdez.

Esta, portanto, lhe foi de grande utilidade, quer no domínio dos negócios, quer também no domínio do amor.

Quando empreendeu a conquista do coração da futura senhora Edison, foi ainda a surdez que lhe permitiu aproximar-se do objeto amado, mais do que em igualdade de circunstâncias poderia fazer um homem comum.

"As coisas logo correram tão bem — diz-nos Edison em suas memórias — que já não tínhamos necessidade de nos ouvir para nos entendermos". E' que os jovens namorados se habituaram a comunicar-se por meio do código Morse, batendo os sinais sôbre a mão. Foi por êsse método que Edison fêz seu pedido de casamento.

Em viagem de núpcias os recém-casados podiam trocar em silêncio as mais ternas mensagens, sem que em tôrno ninguém compreendesse o que estavam dizendo. Mais tarde, no teatro, Mrs. Edison transmitia com sua mão sôbre o joelho do espôso os diálogos do palco, pois Edison não percebia uma só palavra. Por isso concluiu êle: "A surdez fêz muita coisa boa para a humanidade".



*GUITRY E AS CINCO ESPÔSAS — Pela sétima vez Sacha Guitry vem de pronunciar o "sim" clássico numa cerimônia de casamento, embora sua última espôsa, Lana Marconi — que se vê na gravura — seja a de número cinco. Anteriormente, devido às complicações de mitos e religiões, o ator Guitry havia pronunciado o "sim" diante do "maire", uma na presença de um padre católico e outra diante de um sacerdote ortodoxo. Na realidade, essa ilustre figura do teatro francês, cuja repercussão se fez pelo mundo de maneira mais ampla através de suas realizações cinematográficas, é um experimentado homem de amôres. Sua última espôsa o ficou sendo desde fins de 1939 e foi ela que levou Guitry à presença de um sacerdote da crença ortodoxa. No clichê, vêem-se os noivos fazendo uma ligação telefônica internacional; o artista mostra à cabeça um gorro que habitualmente usa em casa e que pertenceu a seu pai, o grande ator Lucien Guitry.*

*Na ocasião de seu último casamento, êle declarou que pretendia não repetir a solenidade. Até porque — acrescentou — Lana Marconi é o tipo ideal da mulher que sempre ambicionou ter como espôsa. Não haveria dito a mesma coisa, anteriormente, às outras?*

## ARTE DE FURTAR

As aperturas da vida atual, com tudo caro e difícil, os empregos escassos, vão ensinando aos mais espertos novos capítulos da Arte de Furtar.

Esta é muito mais difícil ao que a de roubar; uma não se deve confundir com a outra, e aqui já entra a distinção que a cultura jurídica determina: roubar é quando há violência; furtar, é quando tudo é feito na "maciota"...

Ora, embora o roubo exija mais esfôrço, precaução, cautelas especiais, está muito abaixo do furto, que exige mais capacidade realizadora, inteligência ágil, presença de espírito.

Ùltimamente tem aparecido na imprensa diária desta capital uma série de novos processos para furtar o bolso dos incautos e pessoas de boa fé.

Vejamos a última novidade em matéria de conto do vigário:

O cantor Rui Rei foi procurado por um certo sr. Manuel da Silva Jordão, que lhe contratou a orquestra para tocar em um baile no Clube de Regatas Icaraí, sábado, 21 de janeiro. Rui Rei fechou o negócio e, chegando a "hora H", atravessou a baía com todos os seus músicos e se dirigiu para a sede daquele clube.

À porta do mesmo já estava avultado número de pessoas com os seus convites a Cr$ 30,00, ansiosas pelo arrasta-pé nos braços de suas queridas.

Mas a porta estava fechada e nem sinal de baile. Foi então que tudo se esclareceu. Manuel Jordão passara o "conto do baile" em Rui Rei, na orquestra e nos pagantes. O ludibriado cantor foi à delegacia mais próxima e apresentou queixa.

Ora, se com um Rui e Rei fazem dessas...

## SUICÍDIOS DO JAPÃO

ANTES da última grande guerra era o povo japonês educado e desenvolvido em ambiente de pura crença na reincarnação.

Livros de turistas, de diplomatas de pensadores que se referissem ao Japão, relatavam e descreviam o que era a crença do japonês no além-túmulo.

Em seu livro "No país dos deuses", Osório Dutra, que foi representante do Brasil em várias cidades daquele país, nos conta o que viu por lá em matéria de falecimentos.

O japonês não se perturba com a morte, nem lamenta a perda de uma pessoa da família. Para êle isso é até uma prova de grande consideração da divindade. Ter-se uma pessoa na Côrte Celeste é honra insigne. E' crença geral que depois de morto o indivíduo fica ali mesmo pela casa em que morava, vendo, cuvindo e protegendo os seus ainda na amargura da matéria terrestre.

Essa crença se baseia na sobrevivência do espírito, base do cristianismo, a qual tem no Japão e noutros povos asiáticos a modalidade espiritista da reincarnação.

Segundo notícias vindas de Tóquio para a nossa imprensa, há em todo o Japão uma onda de suicídios, ultrapassando a casa dos vinte por dia.

Não estamos lá, nem possuímos maiores detalhes sôbre o fenômeno; entretanto, poderíamos supor que o fato se liga à crença japonêsa da sobrevivência da alma e de suas faculdades para reunir-se aos entes queridos no além...

Com a guerra são milhares de pessoas que não sabem do paradeiro de entes queridos. E o mais curto caminho para saber é morrer. Como a morte esteja distante, suicidam-se...



QUANDO uma pessoa se dispõe a estudar medicina, é porque está decidida a enfrentar tôdas as dificuldades desta vida.

O médico nas grandes cidades, de grandes hospitais ou Casas de Saúde, com recursos moderníssimos ao alcance da mão, não pode imaginar o que é exercer a sua profissão em pequenas cidades do interior.

Há um médico na cidade de Friburgo, aqui no Estado do Rio, que já fêz uma transfusão de sangue para salvar uma senhora, lançando mão de um menor, filho da enferma, sem estudos de tipos sanguíneos, sem aparelhagem técnica e especial, sem nada do que lhe ensinaram na Faculdade de Medicina do Distrito Federal, por onde se diplomou.

## MÉDICOS DE VERDADE

Era preciso, urgente, salvar uma vida, a vida de uma dedicada mãe de família, e êle teve que improvisar uma doação de sangue. Improvisou e salvou a mulher.

Agora, em Russelville, Alabama, Estados Unidos uma senhora de vinte e cinco anos, em estado de gestação, faleceu acidentalmente em virtude de um tiro de pistola que lhe varou uma das vistas.

Um médico vizinho, usando um canivete, salvou a criança, graças a uma operação cesariana.

O espôso da senhora estava presente quando disparou a arma nas mãos da vítima. Imediatamente correu a chamar o médico vizinho, dr. W. H. Spruell, que, com um canivete pertencente ao próprio espôso da morta, fêz a intervenção. A criança que, normalmente, deveria ter nascido no mês seguinte, foi posta numa incubadora do hospital e, segundo telegramas, está passando bem.

Vejam só! Uma cesariana a canivete de fazer ponta de lápis!



## O CRIME NÃO COMPENSA

Há uma série cinematográfica de uma das produtoras de Hollywood, com o título muito sugestivo de "O crime não compensa".

Os enredos são quase todos tirados de fatos reais, de episódios desenrolados na seara do crime. Os artistas encarnam com admirável perfeição os verdadeiros culpados, dando a impressão de que estamos assistindo a um ato delituoso de grandes efeitos cênicos, psicológicos e judiciais.

Tudo se desenvolve em tôrno da polícia técnica. O mais sutil indício é aproveitado pelos laboratórios de pesquisas para a descoberta dos culpados e dar aos inocentes a necessária liberdade.

E' essa série uma das mais úteis que o cinema nos deu até hoje, tôda ela realizada no sentido do aperfeiçoamento humano, do combate ao crime e dos seus agentes.

O fim trágico do chefe da quadrilha que roubou as jóias de Aga Khan, nos faz lembrar essa série de "O crime não compensa".

"Big Roger", famoso bandido, apoderou-se, no ano passado de jóias da espôsa de Aga Khan, no valor de 210 milhões de francos. De lá até agora a polícia mobilizou todos os seus agentes para prender o ladrão.

Tudo em vão. Os bandidos chefiados pelo chefe "Big Roger" eram sagazes e se internaram em regiões dificilmente policiadas, repartindo o resultado do vultoso assalto.

Agora, porém, chega a notícia a Marselha que "Big Roger" foi assassinado juntamente com sua companheira Renée Remy, num recanto abandonado da Alta Savóia, com certeza pelos próprios aliados.

Com efeito... O crime não compensa...

## NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Pedro II era fã dos Democráticos! (Sabino Canalini) .................. 8/1[illegible]
Ano Santo e o Vaticano (João Alvarenga) ....... 16/1[illegible]
Oscarito sofre de insônia (Iberê) .............. 21/2[illegible]
Vital Brasil — o Pasteur Brasileiro (A. Vieira Jr.) 27/3[illegible]
O velho Rôlas, museu de ilusões perdidas (Armando Pacheco) ........... 48/5[illegible]

ATUALIDADES

Por onde Jesus andou (Levy de Israel) ............. 4/5

LITERATURA

A Tia Naninha (José Lins do Rêgo) .................. 3
Semana Literária (Edmundo Lys) .................... 14/15
Impulsos do coração (M. Gerard) ................ 26
A Passionata (Arnaldo Marchetti) ............. 34

HUMORISMO

Cidade Maravilhosa (Théo) 13
Emoções Humanas (Nicodemus) ................ 20
Bom-Humor ............. 51

FEMININAS

A respeito de poligamia (Lyse) — Vestidos de Tulle ................. 35
Guarda-roupa para as férias 36
Vestidos simples .......... 37
Golas modernas .......... 38
Em moda os botões ....... 39
Week-End na cozinha .... 40/41

CINEMA

Caras Novas — 1950 ...... 52/54

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana . 6
Puxe pelo cérebro ........ 7
Música (Roberto L. Filho) . 43
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ........... 45
Tudo isto aconteceu ...... 55/57

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
A. Vieira Jr.
Avulsas

★

ILUSTRAÇÃO: Oswaldo da Cunh[illegible]

★

NA CAPA:
*JUNE HAVER*
(Foto Warner-Brothers)

## FIGURINOS PARA REI MOMO

Dentro de duas semanas Sua Majestade Rei Momo será o senhor dominante de tôdas estas regiões brasileiras. Do norte ao sul, mas principalmente no Rio, seu reinado há de tornar-se ainda uma vez a mais concreta e objetiva realidade que os nossos céus já conheceram. Sem eleições nem competidores nas urnas, impávido mas barulhento, êle tomará, nas mãos polpudas e suarentas, as rédeas do govêrno — e governará o seu tríduo de galhofa e bom pagode. Mas desde os últimos dias de dezembro Sua Majestade, com coroa ou sem ela, já viu tudo, está senhor de tudo e não há balzaqueanas que cheguem. Com Rei Momo nem o general da banda pode levar a melhor. Por isso, e porque é de justo dever tôdas as folionas se prepararem convenientemente para lhe render seu culto, publicaremos no próximo número uma bonita série de figurinos — as mais curiosas fantasias tipo 1950 — destinadas às nossas leitoras. Fantasias de Brotinhos, Balzaqueanas, Generalas da Banda, Rainhas Coroadas, Cleopatras, e de muitos outros tipos, ilustrarão as nossas páginas, muitas em côres para dar melhor efeito carnavalesco. Ao mesmo tempo faremos publicar uma reportagem completa sôbre o histórico de todos os Reis Momos — e seus respectivos intérpretes — através dos carnavais cariocas dêstes últimos quinze anos. Na gravura, o último dêsses soberanos de falsa coroa, examinando o traje de um de seus "brotinhos filet mignon".

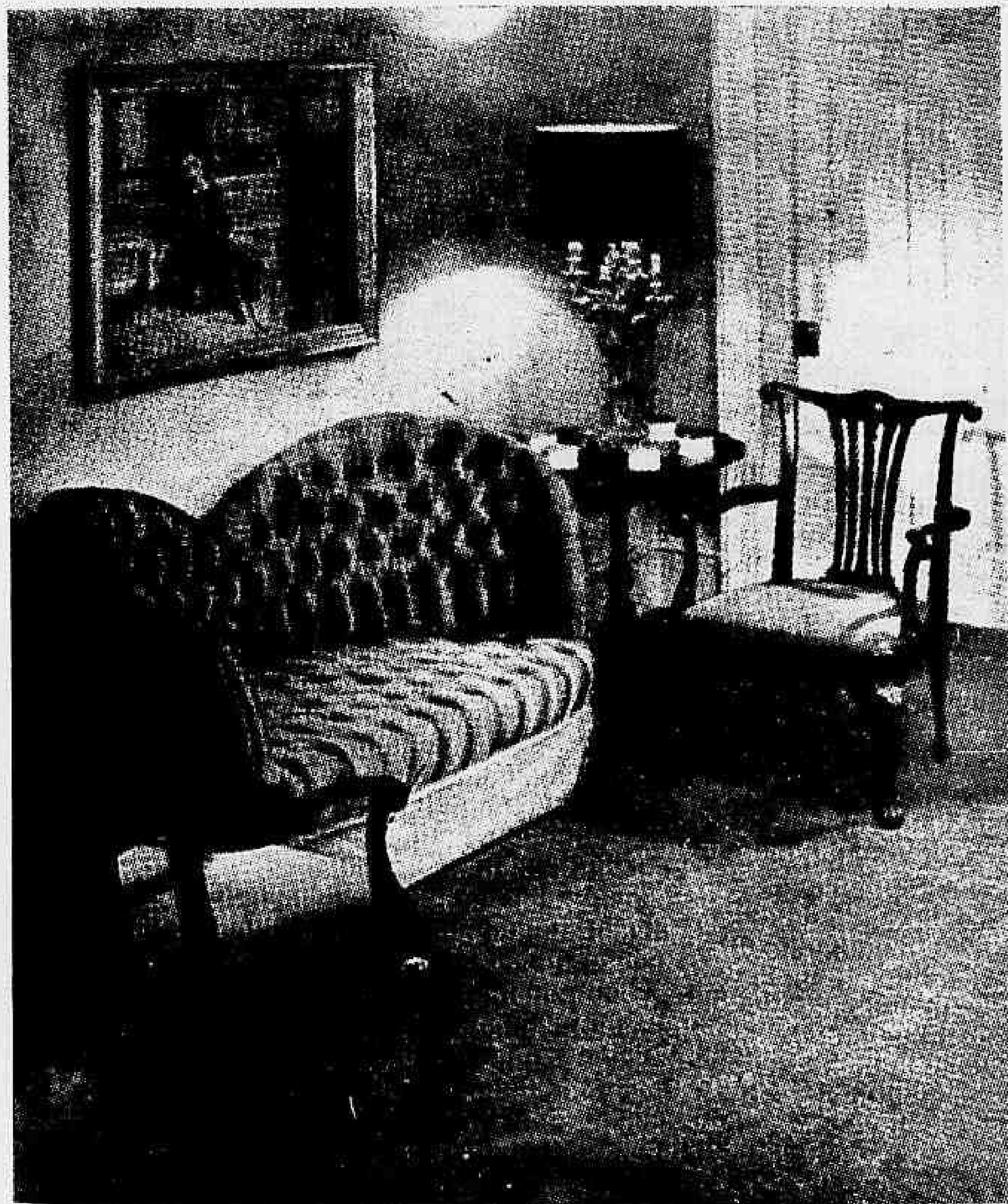
## PUXE PELO CÉREB[illegible]

1 — O cavalo.
2 — Azul e branca.
3 — 1918.
4 — Cêrca de 97$000 (Cr$ 97,[illegible]
5 — Frei Miguelinho.
6 — Tupinambá.
7 — A China (Ano 1000 da [illegible] era).
8 — Três (Barca, trem e [illegible] ou cavalo).
9 — O de São Bento.
10 — A das crianças xifóp[illegible] em 1900.
11 — Eduardo Chapot Prévost
12 — Nada.
13 — Cinco anos e três me[illegible]
14 — Visconti.
15 — Da cidade francesa de A[illegible]
16 — Do grego (bakterion, [illegible]zinho).
17 — Fantasia.
18 — Méliès.
19 — Três (Brasil, Uruguai [illegible] Argentina).
20 — Ao industrial Delmiro [illegible]veia, em 1913.

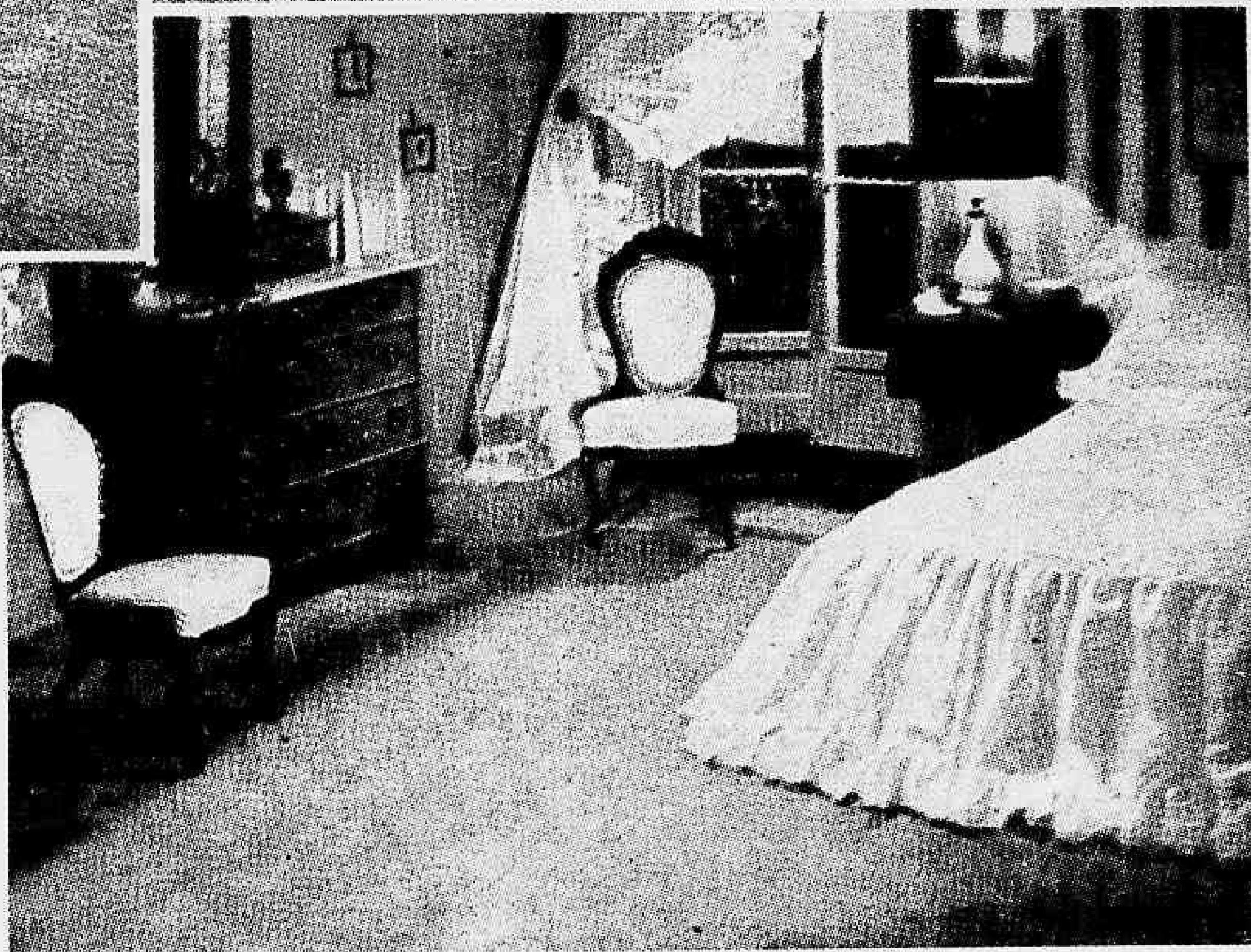
Orçamentos e

sugestões executados

por técnicos - decoradores







**Tapetes** aveludados COM FLORES,

em lindos desenhos e **passadeiras**

para forração, recebidos

da Inglaterra

# Mobiliários — Decorações

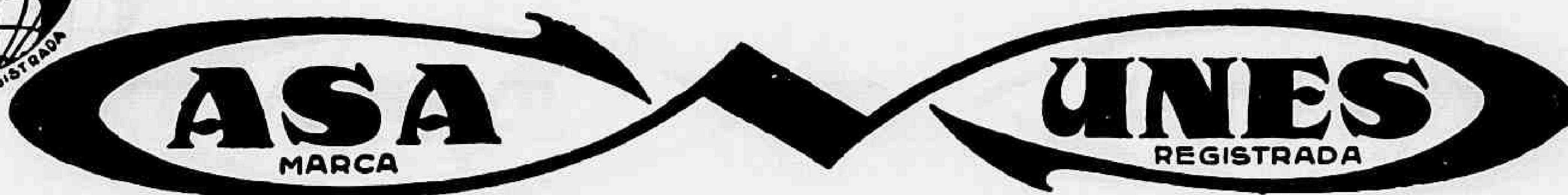
Especialidade em GRUPOS ESTOFADOS sempre

em stock para entrega imediata

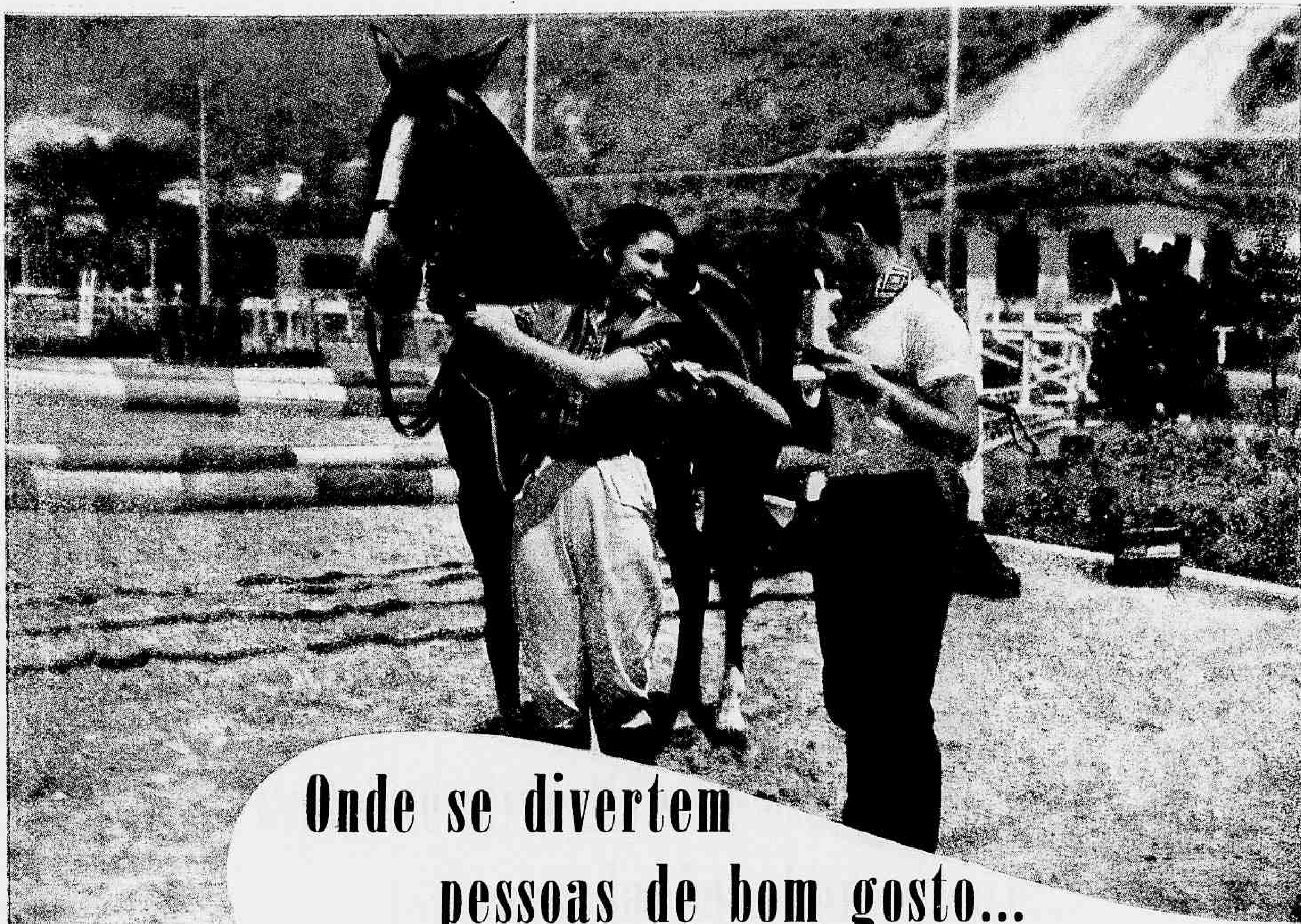
**TAPETES e PASSADEIRAS**

de todo o mundo, fabricados especialmente para a




**65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO**



# Onde se divertem pessoas de bom gosto...

*A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.*

## aí se encontram os cigarros Hollywood

Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!




*cigarros*
**Hollywood**
*uma tradição de bom gosto*

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

SS.030-11